



volume **1**

ORGANIZADORAS

Allana de Azevedo Trajano

Carlana Faria Rocha

Letras INSUR GENTES

LETRAS
INSURGENTES

 peripécia



volume **1**

ORGANIZADORAS

Allana de Azevedo Trajano

Carlana Faria Rocha

Letras INSUR GENTES

LETRAS
INSURGENTES

| São Paulo | 2025 |

 **peripécia**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L649

Letras Insurgentes / Organização Allana de
Azevedo Trajano, Carlana Faria Rocha.
– São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Volume 1

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-42-9

1. Literatura negra. 2. Escrita criativa.
3. Gênero e diversidade. 4. Juventude. 5. Resistência
cultural. I. Trajano, Allana de Azevedo (Org.).
II. Rocha, Carlana Faria (Org.). III. Título.

CDD 809.8928

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura negra

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiária em editoração	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	juanmataborda, freepik - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Abril, Rockwell Nova, Goblod Extra2, Acumin Variable Concept
Revisão	Carlana Faria Rocha
Organizadoras	Allana de Azevedo Trajano Carlana Faria Rocha

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



peripécia

2 0 2 5

SUMÁRIO

Prefácio	6
Apresentação	8
Origem e Caminhos	11
Introdução.....	14
Vozes da Coletânea	16
 1 <i>Allana de Azevedo Trajano</i> Eurídice ou o que se faz com os espinhos	 18
 2 <i>Anny Alecrim</i> O verso de um futuro	 22
 3 <i>Antonella S. Carvalho</i> O Espelho	 30
 4 <i>Aylla Oliveira</i> Enquanto o café não esfria: vivências vividas	 45



5

Ana Júlia Almeida

Entre Palavras e Correntes.....54

6

Daniela S. Paes Landim

A beleza que parecia perdida 71

7

Fernanda Câmara

Entre a morte e o amor98

8

Keuly Vitória da Silva Favero

A fome da perfeição inexistente117

9

Emanuella S. Paes Landim

**Onde faltou tudo, cresceu
o que ninguém esperava 141**

10

Cris Borges

A menina que brincava com a dor 195

11

Guilherme Vanolli

Meu Povo206

12

Taynan Brandão

Dançando com o diabo211



PREFÁCIO

É com grande honra e senso de responsabilidade que escrevo o prefácio desta obra, *Letras Insurgentes*, uma coletânea de contos que nasce do desejo coletivo de transformar a palavra em resistência, memória e vida.

Como delegada de polícia no município de Luís Eduardo Magalhães, atuo diariamente no enfrentamento das múltiplas violências que atingem, sobretudo, as mulheres. No contato direto com vítimas de agressões físicas, psicológicas, sexuais e patrimoniais, vejo o quanto nossas histórias são atravessadas pela dor, mas também pela força de resistir. Cada denúncia feita, pela vítima ou por um terceiro, é um ato de resistência. Resistir, principalmente, à imposição cultural de que atos de violência, em contexto doméstico, devem ser suportados e aceitos de forma silenciosa. Por isso, reconhecer neste livro a expressão de vozes insurgentes é perceber a literatura como mais uma forma de luta contra o silenciamento e a opressão.

Os contos aqui reunidos não são apenas exercícios de imaginação ou de estilo. Eles carregam a potência da sobrevivência, conceito forjado por Conceição Evaristo, no qual a escrita se faz a partir das marcas da vida, das experiências coletivas e das memórias ancestrais. Cada narrativa presente neste volume ecoa dores, afetos, resistências e esperanças que dialogam profundamente com o cotidiano que encontramos nas ruas, nas delegacias, nas comunidades e nas famílias.

Assim como a atuação policial busca interromper ciclos de violência, garantir dignidade e o exercício dos direitos que lhe foram tolhidos, a literatura também se apresenta aqui como espaço de denúncia, reflexão e reinvenção. Ao abrir estas



páginas, o leitor encontrará o testemunho da coragem de pessoas que ousaram transformar sua vivência em palavra escrita, rasgando o silêncio e afirmando sua presença no mundo.

Esta obra é, portanto, mais que uma coletânea: é um gesto político, cultural e humano. É a prova de que quando a comunidade se une em torno da leitura e da escrita, novos horizontes de justiça e liberdade se tornam possíveis.

Desejo que cada conto aqui publicado seja lido não apenas como texto literário, mas como documento vivo da realidade e como semente de futuros mais justos. Que este livro seja inspiração para que continuemos combatendo todas as formas de violência, não só nos espaços institucionais, mas também no campo simbólico e cultural.

Que cada leitor, por meio das letras esculpidas nesta obra, entenda a importância de expressar vivências, lutas e dores, da mesma forma que os autores e idealizadores deste projeto. Com o entendimento de que a expressão da palavra, seja ela escrita ou falada, assim como as denúncias que recebemos, tem o poder de mudar duras realidades outrora tidas como aceitáveis e imutáveis.

Com alegria, parabenizo cada autora e autor desta obra, bem como as professoras, organizadoras e apoiadoras que tornaram o projeto possível. Que o *Letras Insurgentes* siga iluminando caminhos e lembrando a todos nós que resistir também é escrever.

Luara Gabriela Faria Galdino

Delegada da Polícia Civil

Núcleo Especializado no Atendimento
à Mulher de Luís Eduardo Magalhães — Bahia



APRESENTAÇÃO

Foi com entusiasmo que aceitei o convite de Allana de Azevedo Trajano para tecer as linhas desta apresentação. Entusiasmo que nasce da admiração por sua trajetória e, sobretudo, por ser quem ela é: uma presença viva e política, que tensiona os espaços institucionais com sua corpa negra, feminina e transgênera. Com sua existência e corpo político que nos interpela, Allana promoveu um desconforto necessário no espaço universitário, convocando-nos a repensar os preconceitos racistas, machistas e sexistas profundamente arraigados em cada um de nós.

Letras Insurgentes não é diferente. Organizado em parceria entre Allana Trajano e Carlana Faria Rocha, este livro evidencia inquietações e desejos compartilhados coletivamente. É fruto de um curso de formação que reuniu estudantes e professoras/es do Ensino Médio em torno da escuta, da troca e da escrita. O conjunto das narrativas mobiliza a palavra como gesto de provocação e deslocamento. Se, por um lado, esta obra emerge do incômodo diante de uma sociedade que insiste em silenciar e excluir, por outro, também tece a esperança de que, pela linguagem, seja possível inventar outras narrativas, outros modos de existir, outros mundos possíveis.

Trata-se de uma obra necessária, pulsante e insurgente. Imagine rasurar uma estrutura que normaliza as violências de gênero, raça, classe e sexualidade nos contextos familiares, escolares e sociais, e construir um espaço acolhedor para corpos dissidentes e transformar dor em poesia e rebeldia. Foi isso que o curso proporcionou e que agora nos brinda com este livro. Tal ação requer coragem movida pelo desejo profundo de



transformação social no meio em que está inserido. É transgressor de muitos modos. Cada um dos contos que compõe esta obra é revelador disso.

Os textos provocam afetações de muitos modos. Ao degustar cada palavra, cada conto protagonizado por personagens mulheres em suas pluralidades e complexidades, promove um misto de sensações: dor, ódio, raiva, tristeza, estranheza, alegria. Mas, após todas essas afetações, a sensação que carrego comigo é de admiração por cada uma das pessoas autoras que, com muita coragem, teceram as linhas que resultaram em narrativas de dor, denúncia e superação. Escritas essas que contam de experiências vividas e imaginadas, mas que questionam uma estrutura forjada pela cisheteronormatividade racista, sexista e classista.

O chão de onde brotam estas narrativas é Luís Eduardo Magalhães, cidade do Oeste da Bahia, que se autoproclama “capital do agronegócio” pela força de sua produção monocultora. A mesma cidade que projeta uma imagem de futuro ancorada no crescimento econômico abriga, em seu interior, desigualdades profundas. Um lugar onde o progresso anunciado convive com apagamentos, silenciamentos e a negação cotidiana de vidas que não se encaixam no modelo dominante.

Diante disso, as escritas aqui reunidas reivindicam e reconstroem lugares outros de existência nesse cenário opressor. Torna-se palco de disputas por memória e identidade. Torna-se viva outras formas de existências: comunidades negras que reafirmam sua presença física e simbólica; mulheres que sustentam e transformam o cotidiano; corpos dissidentes que desafiam normas; juventudes que criam, denunciam e sonham. As narrativas insurgentes aqui reunidas não esperam permissão: elas irrompem, reivindicam, reinventam. Abrem caminhos para reimaginar presente e futuro.



Em outras palavras, redesenham Luís Eduardo Magalhães como terra de múltiplas existências, lutas e poesias.

Este livro é celebração, mas também é rasura, gesto de resistência e chamado à escuta sensível. Que você se deixe atravessar por suas palavras. Fica aqui, com afeto e urgência, o meu convite à leitura.

Napoliana Pereira Santana

Historiadora, doutora em História pela UFBA, professora da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)



ORIGEM E CAMINHOS

A Allana que escreveu o projeto inicial não é a mesma que agora se senta para narrar esse percurso. A experiência de acompanhar o *Letras Insurgentes* transformou não apenas as pessoas cursistas, mas também a mim. Se, naquele primeiro momento, tracei objetivos e fundamentações com o rigor que os editais exigem, hoje me encontro atravessada pelas vivências, pelas leituras retomadas e pelo diálogo com cada voz que aceitou insurgir-se pela palavra.

Retornei a autoras que já me constituíam: Judith Butler, Carla Akotirene, Edward Said, Simone de Beauvoir, entre tantas outras. Não foram simples revisitas, mas leituras feitas em sala de aula, no calor das discussões, para sustentar o Módulo Tópicos Especiais em Ciências Humanas e Sociais. Ali compreendi que a teoria ganha nova vida quando se encontra com corpos e realidades tão específicas, como as de jovens mulheres, jovens negras, negros e pessoas LGBTQIAPN+ em uma cidade profundamente conservadora.

No percurso, também aprendi como aluna. O Módulo de Escrita Criativa, conduzido pela professora Carlana Faria Rocha, foi espaço de afeto, coragem e ousadia. Enquanto alguns pais torciam o nariz diante de uma proposta de escrita “insurgente”, e conservadores questionavam o “porquê” de tais discussões em uma cidade rica e ávida por mão de obra, víamos a palavra romper silêncios. A escrita nascia da dor, mas também da alegria de existir e resistir.

Houve, sim, frustrações. Muitos cursistas precisaram abandonar o curso para trabalhar, em meio a um município que



crece a níveis galopantes e que exige braços para sustentar um modelo de desenvolvimento desigual. O planejamento inicial previa vinte contos de vinte cursistas; o primeiro livro, no entanto, reúne nove textos das pessoas participantes e três de autores convidados da região. Ainda assim, a potência permanece: cada texto carrega uma insurgência própria, um grito necessário.

O Letras Insurgentes fincou seus pés em solo fértil e árido ao mesmo tempo. Uma cidade que se apresenta como polo de riqueza e oportunidades, mas que esconde suas mazelas sob o véu da normalidade conservadora. Vi o racismo diário, as violências escamoteadas, as resistências tímidas que ganhavam voz pela escrita. Senti-me grande por ter participado de um projeto tão lindo, que me fez aprender com Carlana, com as aulas que lecionei, com cada reação e ação das pessoas educandas.

Se Paulo Freire nos lembra que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (1989, p. 11), este projeto foi a prova viva dessa máxima. A leitura do mundo de nossos cursistas se converteu em narrativas insurgentes, em contos que não aceitam a invisibilidade, que ousam se afirmar como conhecimento. Foi também o que bell hooks (2013) chama de “ensinar a transgredir”: desafiar as opressões pelo exercício crítico da palavra, pelo direito de nomear-se e existir.

Hoje, ao registrar estas linhas, sinto que Origem e Caminhos não é apenas a história de um projeto, mas a história de como fomos transformadas por ele. Cada aula, cada texto orientado, cada gesto de resistência nos mostrou que o insurgente não é um detalhe: é a própria forma de permanecer vivas, escrevendo e reexistindo.

Luís Eduardo Magalhães
Allana de Azevedo Trajano

21 de agosto de 2025



REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Ana Luiza Dantas Bastos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



INTRODUÇÃO

Entre palavras e correntes. Entre o peso do que nos aprisiona e a leveza de dizer o que antes era silenciado. Entre o que se escreve e o que se sente, há este livro — este grito.

Desde que sonhamos esse projeto, sabíamos que ele não seria apenas uma coletânea de contos. Era preciso que cada linha nascesse do corpo e da vivência de quem escreve, e que, ao mesmo tempo, tivesse a potência de romper os muros do esquecimento. Aqui estão reunidas histórias que não pedem licença: elas entram, permanecem, incomodam, acolhem, ensinam, provocam. E são isso mesmo — insurgentes. Por isso, escolhemos nomear este volume como *Letras Insurgentes*: porque nele habitam vozes que insistem em existir.

As palavras reunidas neste livro vêm de jovens escritores e escritoras da cidade de Luís Eduardo Magalhães, na Bahia. São estudantes, professoras, militantes, artistas da palavra. São sementes lançadas ao sertão com a força de brotar mesmo na terra mais dura. Gente que escreve com o corpo, com a lembrança, com o desejo, com a saudade, com a revolta, com a esperança. Gente que entendeu que escrever é um ato de liberdade.

A cada texto, somos convidadas a caminhar por histórias que envolvem ancestralidade, dor, superação, infância, identidade, luta, racismo, feminicídio, travestilidade, espiritualidade, migração, desejos calados, amores negados. E tudo isso com uma força narrativa que nasce da sinceridade do dizer. Com estilos variados, as autoras e os autores que compõem este volume não escrevem para agradar — escrevem para viver. Escrevem porque, como bem lembra Conceição Evaristo, escrevem com a “escrevivência”.



Este livro não existiria sem ela — Allana — que construiu pontes, ofereceu mãos, acolheu escutas e fez da sala de aula um espaço de criação, reflexão e afeto. Também não existiria sem cada pessoa que ousou se entender como autora ou autor. Que bom que se permitiram!

Este é o volume 1, porque queremos mais e há mais histórias a serem contadas, mais vozes a serem ouvidas, mais letras insurgentes a serem escritas. Que este livro circule, emocione, provoque e inspire! Que seja lido nas escolas, nos clubes de leitura, nas rodas de conversa, nas noites difíceis! Que seja porto e travessia!

Boa leitura.

Carlana Faria Rocha



VOZES DA COLETÂNEA

Ana Júlia Almeida

Nasceu em Luís Eduardo Magalhães (BA), cidade onde reside. Estudante do Colégio Estadual Constantino Catarino de Souza.

Antonella S. Carvalho

Nasceu em Luís Eduardo Magalhães, é estudante do Colégio Estadual Constantino Catarino de Souza. Escreve por hobby, mas se encanta sempre que cria novas histórias, deixando a imaginação fluir em cada palavra.

Anny Alecrim

Natural de Barreiras (BA), reside em Luís Eduardo Magalhães (BA). Estudante do Colégio Estadual de Tempo Integral Mimoso do Oeste, encontra na escrita uma forma de dar voz a sentimentos e transformar experiências em histórias que tocam o leitor.

Aylla Oliveira

Nasceu em Barreiras (BA), reside em Luís Eduardo Magalhães (BA). Estudante do Colégio Estadual Constantino Catarino de Souza.

Cris Borges

Nasceu em Barreiras (BA), vive em Luís Eduardo Magalhães (BA) há 15 anos e exerce a função de servidora pública municipal. Observadora atenta da vida, escreve como quem saboreia lembranças: com afeto, coragem e a consciência de que, nas palavras, também é possível construir um lar.



Daniela S. Paes Landim

É natural de Luís Eduardo Magalhães (BA), cidade onde mora. Estudante da Escola Municipal Ângelo Bosa, interessada por literatura.

Emanuella S. Paes Landim

Nasceu em Barreiras (BA), mora em Luís Eduardo Magalhães (BA), estuda no Colégio Constantino Catarino de Souza e desenvolve trabalhos na área de literatura, com foco em poemas e contos que abordam questões sociais.

Fernanda Câmara

Nasceu em Barreiras (BA), mora em Luís Eduardo Magalhães (BA), estuda no Colégio Constantino Catarino de Souza.

Guilherme Vanolli

Mineiro, reside no oeste baiano desde 2012.

Keuly Vitória da Silva Favero

Nasceu em Belém (PA) e reside em Luís Eduardo Magalhães (BA) há um ano. Estudante do Colégio Constantino Catarino de Souza.

Taynan Brandão

É natural de Canavieiras (BA) e reside há mais de 10 anos em Luís Eduardo Magalhães (BA), onde é professor. Historiador de formação, é apaixonado pelas palavras e pelo seu poder transformador.



1

Allana de Azevedo Trajano

EURÍDICE OU O QUE SE FAZ COM OS ESPINHOS

Naquela manhã de céu cor de ferro e vento tímido, Eurídice subiu os degraus da escola como quem pisa num solo sagrado e perigoso. Seus pés tremiam, mas não de medo, e sim de memória. Havia exatos dezoito anos desde que fora expulsa dali. Não por mau comportamento, nem por notas baixas — mas porque seu corpo dizia verdades que a escola não queria ouvir.

Eurídice agora voltava pela porta da frente. Professora. “Efetivamente substituta”, como dizia o contrato, mas o título era o que menos importava. O que importava eram aqueles sons: o ranger das portas, as vozes adolescentes pelo corredor em fusão com o cheiro agridoce de papel e giz. Tudo aquilo que lhe fora negado, agora era sua casa.

Eurídice nunca foi feita de retalhos — embora tenham tentado rasgá-la muitas vezes. Ela era de costura firme. Ainda assim, durante muitos anos, caminhou pelas ruas de uma cidade que a recusava, como quem carrega uma identidade sem rosto. Aos dezesseis, com as mãos vazias e o peito rasgado, enfrentou sozinha a travessia do gênero. Não havia leis, nem médicos, nem escuta. Só silêncio. E um corpo que, ao não caber na norma, foi despejado do espaço da aprendizagem.

Entretanto, Eurídice tinha sede, não apenas de justiça, mas de sentido. Em 2014, com o tempo acumulado nos ombros e a coragem ainda mais funda, sentou-se de novo diante de uma prova: o ENEM. Dez anos longe dos livros, sem estudar uma vírgula — e ainda assim, ela passou. Não só passou, ela com muita força ingressou na universidade para o curso de História. Ela era a primeira mulher transexual da instituição, sua entrada acontecia como se tivesse forçando as portas de um castelo de pedra — mas ela entrou e ficou.

Não foi um passeio. A universidade, com seus ritos burocráticos e rostos desavisados, insistia em chamá-la por



um nome que já não era seu. Eurídice, no entanto, respondia com silêncio altivo. Sabiam de quem se tratava, porém a dignidade, ali, era uma conquista diária. Ela se agarrava a Antígona, a princesa grega que enfrentou o rei para enterrar o irmão. Lia a estudou, escreveu sobre ela, defendeu um TCC por meio do qual revelava que ser mulher, às vezes, era também insurgir-se contra o Estado. A tragédia de Sófocles se tornava sua travessia íntima — e acadêmica.

No dia da defesa, vestia preto. Estava sóbria, firme. Ninguém soube que ela chorou no banheiro antes. Ninguém viu que naquele dia, pela primeira vez, ela se sentiu possível.

A vida seguiu. Mestrado. Dois empregos. Oito turmas por semana. A comida que esfriava no prato enquanto corrigia provas. O rosto exausto nos ônibus lotados. Mas Eurídice não recuava. Havia uma ética na sua entrega: ela sabia que cada palavra ensinada era um tijolo lançado contra os muros da ignorância que quase a mataram.

Voltar à escola de onde fora expulsa era seu ato final de reparação.

A sala onde agora lecionava tinha janelas estreitas e cadeiras desiguais. Mas os olhos que a olhavam já não eram os mesmos de antes. Neles havia respeito. Havia escuta. E às vezes, mesmo sem palavras, havia reconhecimento. Quando uma aluna trans lhe entregou uma redação dizendo “obrigada por existir”, Eurídice segurou as lágrimas com o rigor de quem aprendeu a não tremer.

Seus projetos começaram a se espalhar como sementes: clubes de leitura, oficinas de escrita, filmes sobre vidas silenciadas. Era como se, ao tocar outras existências, pudesse enfim tocar a si mesma — num gesto de cura que não exige plateia, apenas sentido.

Eurídice seguia em frente. Não como quem esquece, mas como quem escolhe caminhar com seus fantasmas, sem permitir que eles a guiem.

E agora, que você me lê, talvez ache que esta história é sobre uma personagem qualquer. Talvez tenha acreditado que Eurídice é uma invenção literária — um símbolo, uma metáfora, uma narrativa de resistência.

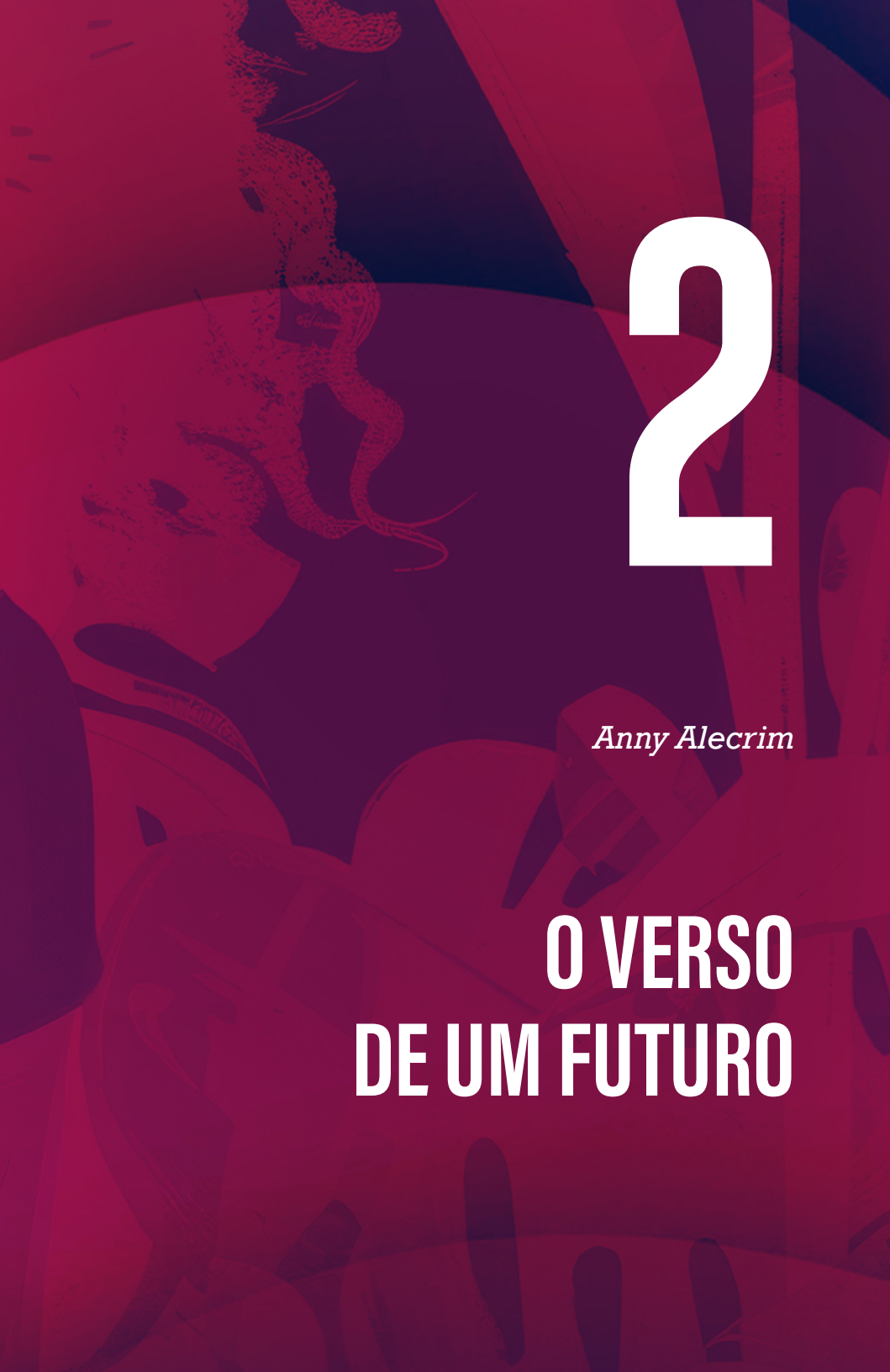
Mas não.

Essa personagem sou eu.

E eu escrevo para que muitas não precisem atravessar os espinhos que eu atravessei descalça. Escrevo porque aprendi que com dor também se faz flor. E porque quando fui arrancada da escola, ninguém me perguntou o que doía. Hoje, sou eu quem escuta.

E sigo — com o corpo cheio de cicatrizes e a alma cheia de projetos — tentando costurar, com arte e literatura, o mundo que ainda nos deve uma infância.





2

Anny Alecrim

**O VERSO
DE UM FUTURO**

Reza-se por cima das casas. Patriarca — distrito rural de Sobral, no Ceará — é terra de sonhos secos, umedecidos por lágrimas de quem insiste em acreditar. Antônia Regina, filha de Ednilça Amaral, professora da escola do município, e de Antônio Regina, pedreiro do interior, nasceu entre o barulho do giz e o peso da enxada. O giz, símbolo do ofício de sua mãe, riscando lições no quadro da escola; a enxada, ferramenta do esforço braçal do pai, cavando chão duro pra sustentar a casa. Entre esses dois mundos — o da palavra e o da terra — Antônia cresceu.

Cresceu carregando o desejo de furar o chão rachado da desigualdade e abrir espaço para o que nunca coube ali: esperança. Era a caçula de quatro filhos — todos homens, que desde cedo aprenderam e ensinaram, que a casa tinha donos, e eles usavam calças.

Silenciosa dentro de casa, fazia da sua voz um refúgio nos livros que conseguia emprestados e nas músicas que escutava no rádio antigo da vizinha. Naquele canto do mundo, onde cultura e fé se misturavam, a fome e a pobreza também batiam ponto. Antônia e sua família faziam parte de dados do IBGE, conta:

- Estatísticas que revelam ausência de saneamento, insegurança alimentar, falta de acesso à educação de qualidade e ao mínimo para viver com dignidade. Mas que o Brasil, esse Brasil institucional, muitas vezes escolhe não enxergar.

Era 2022.

O país ainda enfrentava os efeitos de uma pandemia recente, os livros didáticos pareciam cada vez mais distantes das mãos de quem mais precisava, e a juventude preta e pobre ainda precisava lutar muitíssimo para ser vista.



Naquela tarde, a casa parecia suspensa no tempo. Antônio estava sentada no colchão encostado na parede, com um exemplar do Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro, apoiado nas pernas finas. As palavras não eram só letras — eram gritos.

Já fazia meses que havia feito a prova do Enem, mas o tema da redação ainda a visitava nos pensamentos como quem não se despede nunca.

O silêncio foi interrompido por Ednilça, que apareceu na porta do quarto, com o pano de prato jogado no ombro, olhando a filha em silêncio por alguns segundos.

- Mãe... — a voz de Antônio saiu pequena, mas certa.
— A senhora acha que dá certo?

Ednilça respirou fundo, sentou na beirada da cama e apertou as mãos no colo.

- Eu tenho medo, Antônio... — a voz embargou. — Medo de você ir... de não se virar sozinha... da cidade grande. É Brasília, minha filha. Longe demais. Mundo diferente demais.

Antônia fechou o livro devagar, segurou o olhar da mãe e respondeu, firme:

- É por isso mesmo que eu tenho que ir, mãe. Eu estudei. Estudei com a luz da vizinha, com os meninos brigando na rua, com calor, com sono, com fome às vezes. Mas eu estudei. Isso não é coragem, mãe. É necessidade.

A mão calejada de Ednilça pousou sobre a dela.

- Eu só... eu só queria te proteger, minha filha... E se não der certo?

- E se der? — rebateu, com os olhos já brilhando. — E se for o começo de tudo? Eu não quero só sobreviver. Eu quero viver, mãe. Quero honrar a senhora, o pai, cada calo da sua mão, cada cantiga que me ensinou. Eu não vou esquecer de onde eu vim. Mas eu preciso descobrir até onde posso ir.

O silêncio que se seguiu não foi de medo, e sim de decisão. Ednilça respirou fundo, enxugou uma lágrima teimosa e disse, com voz embargada, mas cheia de fé:

- Vá, filha! Vá. O mundo precisa te conhecer.

Do outro cômodo, o pai, Antônio Regino, fingia que não ouvia, mas já estava com os olhos marejados. Ajeitou o rádio no volume baixo e, do meio da sala, levantou a voz:

- Se você passar, Antônia, a gente ajeita tudo. Nem que eu trabalhe em dobro. Você não veio ao mundo pra repetir o que a gente viveu. Você veio pra romper. E romper... romper até a alma.

Naquela madrugada, sozinha no quarto, com as mãos tremendo e o coração tentando escapar pelo peito, Antônia encarou o notebook simples — presente dos pais, comprado em doze parcelas doídas. Digitou, respirou fundo e apertou “enter”.

A tela carregou.

“Universidade de Brasília — Direito — Aprovada”.

Por um instante, o ar sumiu. Um grito escapou, abafado na mão trêmula. O som da cadeira arrastando acordou Ednilça, que correu até o quarto.

- Antônia... o que foi? — perguntou, já com medo e esperança misturados.

A resposta veio quase sem voz, mas cheia de vida:

— Passei, mãe. Eu... eu passei.

E foi ali, no chão simples da casa, que as duas se abraçaram como se segurassem o próprio mundo. Na manhã seguinte, já não era segredo. Na vendinha, na igreja, na escola: todo mundo só falava de uma coisa. A filha do pedreiro e da professora iria pra capital do país.

— Minha fia vai sê dôtora! — repetia o pai, ajeitando o chapéu de palha com um sorriso largo que nem o sol conseguia apagar.

O cheiro diferente do asfalto molhado invadiu suas narinas assim que desceu do ônibus. Brasília parecia outro planeta. Os prédios brancos, gigantes, cortavam o céu como se fossem donos do mundo.

Com uma mão, puxava a mala velha; na outra, apertava o papel amassado com o endereço do alojamento. E repetia pra si mesma, como mantra:

— Minha fia vai sê dôtora...

Na primeira semana, percebeu que o mundo não era só concreto — também era feito de olhares. Ao entrar na sala onde estava acontecendo uma aula de Direito Constitucional, sentou na terceira fileira, ajeitando o caderno surrado.

Uma garota de cabelo liso, bolsa de grife pendurada no ombro, olhou-a de cima a baixo e cochichou, alto o bastante pra machucar:

— Achei que era faxineira.

O sangue subiu. Por meio segundo, pensou em abaixar a cabeça, mas não fez isso.

Fechou o caderno, ergueu o olhar, cruzou as pernas e respondeu:

- E se eu fosse, merecia o mesmo respeito. Só que por acaso, sou sua colega de turma.

A menina se calou. E, pela primeira vez naquele lugar, Antônio entendeu que ela também podia ser faca — e sabia cortar.

Teve dias de solidão que doíam no osso. Dias em que fome parecia cansaço, e saudade parecia febre. Noites em que chorava baixinho pra não acordar as colegas de quarto — uma gaúcha e uma maranhense que, com o tempo, viraram abrigo e irmandade.

Na noite do dia 12 de setembro de 2027, cinco anos depois de ter começado a faculdade, Antônio carregava nas costas o peso de uma jornada marcada por batalhas silenciosas e olhares atravessados. Mulher nordestina, filha do sertão, vinda do interior, ela enfrentou palavras não ditas e gestos que cortavam como facas — desde as sutilezas das piadas sobre seu sotaque até o descaso de quem duvidava que uma garota como ela pudesse ocupar aquele espaço. Foram anos de provas que iam além dos livros, de corredores que às vezes pareciam mais labirintos de preconceito do que caminhos para o conhecimento. Entretanto, ela resistiu, sobreviveu e cresceu.

Depois de um dia mais cansativo, no alojamento, ela atendia mais uma ligação dos pais, quando disse:

- Mãe... — respirou fundo. — Como cantou Elis... eu vou ficar nessa cidade. Eu não volto pro sertão. Só volto de toga, mãe. De toga.

Era sua existência em resistência, sua presença como resposta. Cada preconceito enfrentado reafirmava sua força e

seu pertencimento. A saudade era constante, mas a convicção era maior. Seus pais, mesmo de longe, continuavam sendo sua base, lembrando-a do porquê da luta.

E naquele fim de semestre, com a mochila cheia de livros e o coração transbordando, ela escreveu no diário:

“Não foi sorte. Foi coragem. E não foi só minha: foi da minha mãe, do meu pai, de todo o chão que me criou.”

Tudo isso, porque para Antônio o sonho nunca foi só dela — era uma herança de resistência. E a resistência, ali, gerava existência.

E foi então que ela compreendeu: não era só sobre passar no vestibular, nem sobre sentar na mesma cadeira que tantas filhas de Brasília já haviam ocupado. Era sobre ocupar com dignidade e ser o que disseram que ela nunca seria.

Na janela do alojamento, nos raros momentos em que o silêncio não doía, Antônio olhava o céu e pensava nos caminhos abertos pelas mãos de sua mãe, calejadas não só pelo trabalho, mas pela esperança insistente. Pensava nas histórias que seu pai contava no alpendre, nas palavras da avó dias entre um café e outro, nas cantigas guardadas na memória.

A vida ainda seria dura. Haveria outras frases cruéis, outras portas fechadas, outras dores. Entretanto, ela estava ali, viva e inteira. Com o caderno aberto, a caneta afiada e a certeza de que no país onde se nasce com a sentença da ausência da garantia dos direitos das pessoas cidadãs, ela escolheu ser parágrafo, capítulo, livro...

Na véspera da formatura, voltou ao quarto onde tudo começou. Encontrou o livro de Djamila ainda guardado na gaveta, com as anotações feitas a lápis. A mesma caligrafia

trêmula da adolescência, agora firme na memória. Sentou na cama, como quem volta ao útero, e sussurrou para si:

— Eu venci. E venci por nós.

No dia da colação, de toga, com o cabelo preso do jeito que a mãe gostava, ouviu seu nome ser chamado. E antes de subir ao palco, buscou no meio da multidão os olhares que mais importavam. Lá estavam Ednilça, os olhos cheios d'água e o coração cheio de mundo. Antônio Regino, de camisa nova e sapato lustrado, erguia o celular tremendo para registrar o impossível.

Naquele instante, Antônia não era só filha da professora e do pedreiro. Era filha de uma terra que, apesar de seca, sabia parir flores.

E ao receber o diploma, entre aplausos e gritos de orgulho, murmurou em voz baixa, repetindo as palavras que a mãe sempre dizia, mas agora com sua própria voz:

— Eu vou ser dôtora...





3

Antonella S. Carvalho

O ESPELHO

Desde pequena, eu me inspirava em romances de novela — a ideia de algo tão perfeito que não comportasse um único defeito. Quando se cresce dentro de um casamento infeliz, sonhar com algo diferente se torna rotina. O conceito de limpeza sempre me atraiu: algo feio e sujo podia se transformar em algo limpo, puro, belo.

Sempre deixei tudo tão limpo a ponto de brilhar: armários, janelas, mesas... Mas um item permanecia manchado, não importa o quanto eu esfregasse. Aquele espelho, pois ele me atraía. Eu sentia uma necessidade árdua de vê-lo limpo.

Carlos dizia que eu era louca, porque tentar deixar algo como aquele espelho sempre bonito era perda de tempo, uma meta irrealizável.

Estávamos casados há muitos anos, mas éramos quase opostos. Eu gostava de Marisa Monte; ele preferia Roberto Carlos. Eu dormia às seis da tarde, ele só ia para a cama às onze. Sempre tão ocupado, sempre tão estressado.

Olhar meu reflexo no espelho era torturante. Eu não via meu rosto — via marcas do tempo, um grande borrão, cabelos desgastados, alguns brancos. Não que eu me descuidasse. Ao contrário, eu me esforçava para permanecer bela, pois achava importante. Mas eu me questionava sobre isto: importante para quem? Eu queria me sentir desejada, amada. Eu merecia isso... ou talvez não. Talvez a idade de ser amada já tivesse passado.

Minhas mãos doíam de tanto limpar o espelho, porém quando eu o olhava, o mundo ao redor desaparecia, éramos só eu e ele. Isso até descobrir que Carlos não me procurava mais.

Agora ele procurava outra. Eu sabia o nome dela, um dia eu a segui por curiosidade. Ela era tudo o que eu não era

há muito tempo: um rosto jovem e imaculado. Já os vi juntos e pareciam apaixonados. E o que me destruía era que eles nem se importavam em se esconder, portanto, era como se eu não existisse.

Pensei em morrer, mas como meu pai dizia: “fugir não passa de um ato de covardia”

Hoje, saí mais cedo do mercado. Estava sentada no Parque dos Pássaros e fazia tanto frio e nesse momento, eu só queria sentir algo quente. Algo que me mantivesse viva — enquanto ainda havia tempo.

Quando preciso encarar meus próprios problemas, tudo o que quero é me trancar no quarto e chorar... Chorar contra a única coisa que ainda me restava: o espelho. Por acaso do destino, ganhei uma nova vizinha: Paola. Ela tinha mais ou menos a minha idade — mas nem parecia. A confiança que ela exalava era quase irritante, tinha cabelos pretos, usava batom vermelho, uma rosa presa atrás da orelha. Eu a via todos os dias quando regava as plantas e queria falar com ela, entretanto nunca tive coragem. O que eu ia dizer? Provavelmente só pareceria uma idiota.

Hoje chegaram mais contas. E junto a elas, uma nota fiscal de um colar de esmeraldas — não para mim, claro. Deveria ser para ela, a amante e eu me impressionava como Carlos, tão controlador com dinheiro, gastava tanto com outra enquanto nos afogávamos em dívidas.

Eu queria gritar, quebrar tudo, enlouquecer, porém não havia ninguém para ver. Em nosso quarto — ou melhor, no meu quarto — chorei, como sempre, olhando para o espelho. Ele parecia zombar de mim, minhas lágrimas não paravam, porque o sentimento de insuficiência me sufocava.

Começaram a chegar cartas daquela mulher, declarando-se para ele e me ridicularizando. Era demais e estes pensamentos povoavam minha mente: o que eu fiz? Eu sempre fiz tudo certo. Sempre aceitei tudo. Por que eu sentia tanta dor?

Ajoelhei-me diante do espelho e nem meu rosto eu conseguia mais ver. Passei os dedos sobre o vidro que parecia que ele queria me dizer algo, porém continuava em silêncio. Silêncio absoluto. Eu odiava o silêncio.

- Fala comigo! Só diga algo! Fale o que eu tenho que fazer!
- Gritei como se o espelho pudesse me ouvir. Chorar enquanto gritava parecia tão ridículo... Mas talvez fosse isso o que eu era. Eu não aguentava mais aquele lugar sufocante, saí do quarto desejando que tudo pegasse fogo e que eles morressem.

Fui até o único lugar onde sabia que não haveria ninguém àquela hora: o jardim coletivo. A cada passo, meu corpo tremia de raiva, ou pena de mim mesma. Como deixei tudo chegar a esse ponto? Sentei num canto, abaixando a cabeça como se isso fosse me proteger do mundo. Ouvi passos, ou melhor, saltos, ao mesmo tempo sentia um cheiro de um perfume doce no ar.

Por um momento... eu ainda esperava que ele viesse me pedir perdão. Levantei a cabeça e vi que era ela, Paola. ela parecia preocupada, assustada, curiosa. Nossos olhos se encontraram, quando em um ímpeto, ela caminhou até mim e se sentou ao meu lado.

- Noite difícil, colega? — perguntou, com um sorriso leve.

Hesitei, pois me senti ridícula por estar ali, encolhida como uma criança assustada, mas havia algo no olhar de

Paola... algo que me passava a impressão de que não me julgava, apenas via e aquilo era raro ao meu ver.

— Eu... só precisava respirar um pouco — murmurei.

Ela tirou um cigarro da bolsa, mas não o acendeu. Apenas o segurou entre os dedos finos e decorados com esmalte vermelho.

— Tem dias que tudo parece apertar o peito, né? Como se o mundo ficasse pequeno demais pra gente caber dentro.

Assenti com os olhos marejados e foi a primeira vez que ouvi alguém descrever o que eu sentia sem precisar dizer. Nos dias que seguiram à conversa no pátio, Paola passou a me visitar com frequência e às vezes trazia frutas em outras, livros antigos. Havia quase sempre, um silêncio bom — desses que não se cobram respostas.

Eu me perguntava como ela suportava tanto mundo dentro de si sem explodir, era uma mulher exuberante, mas não barulhenta. Tinha gestos calculados, olhos que pareciam já ter visto coisas demais, e um jeito de me olhar como se soubesse exatamente onde doía, mas escolhia não perguntar — como quem cuida de um machucado antigo.

Ela não insistia, mas apenas ficava. Um dia, cheguei a minha casa e encontrei um bilhete na porta. “Hoje tem chá. Traga você”. — P.” Peguei uma garrafa térmica qualquer e fui. Sem saber por quê. O apartamento dela era pequeno, mas pulsava. Almofadas espalhadas, quadros tortos, cheiros de incenso e perfume. Um gato dormia enrolado numa almofada cor de vinho.

— Seja bem-vinda, Flor — ela disse, abrindo a porta com um sorriso cansado, mas sincero.

— Trouxe chá de camomila.

— Perfeito. A gente toma enquanto falamos mal dos nossos fantasmas.

Sentamos no chão, falamos de livros, filmes, comida e rimos. E em algum momento, caímos num silêncio diferente, mais denso.

— Você sempre foi assim? — perguntei, sem coragem de explicar o que “assim” queria dizer.

Paola me olhou com ternura.

— Assim como?

— Forte. Brilhante. Don... dona de si.

Ela riu. Uma risada quase triste.

— Não, meu bem. Já fui o oposto disso tudo. Já fui pedaço, já fui medo, já fui pedido de desculpas andando. Demorei muito pra deixar de me esconder de mim mesma.

Fiquei olhando para as mãos dela, que seguravam a xícara com delicadeza. Unhas vermelhas, dedos longos. E pensei nas minhas — mãos que passavam pano, dobravam lençol, batiam carne, seguravam lágrimas, tão úteis e ao mesmo tempo esquecidas.

— Eu não gosto de mim — confessei. — Não mais.

Paola encostou a cabeça no ombro e disse:

— Então deixa eu gostar um pouco por você.

Foi nessa noite que percebi: algo em mim ainda queria ser visto, e talvez, só talvez, esse algo tivesse cor.

Na semana seguinte, passei a esperar as chegadas de Paola, não confessava, mas esperava. Meus dias pareciam se alongar até que o som dos saltos ecoasse pelo corredor. Era estranho — como se cada visita dela clareasse um canto escuro da casa... ou de mim.

Ela começou a me ensinar pequenos rituais. A fazer uma maquiagem leve, a cuidar do cabelo com azeite quente, a pintar as unhas de vermelho sem tremer.

— Unhas vermelhas mudam a alma — disse, segurando minha mão com delicadeza. — Você só ainda não sabe.

Eu sorria, mas por dentro tremia, porque aquele toque acendia em mim algo que fazia muito tempo eu tinha esquecido. Um calor que não vinha de outro corpo, mas do meu. Um desejo de ser e de ter nome.

Uma noite, enquanto eu lavava a louça com as janelas fechadas e os pensamentos pesando, Paola apareceu com um lenço roxo no cabelo e um sorriso enviesado.

— Hoje você vem comigo.

— Pra onde?

— Luz Noturna.

Só o nome já parecia proibido.

— Eu não posso — disse de imediato, como quem recita um mantra antigo. — Carlos... ele...

— Carlos não é cadeado.

— Mas ele tranca portas.

Paola cruzou os braços, olhou para mim como quem olha um espelho antigo. Depois, disse:

- Você vive apagada. Como uma vela guardada no armário, com medo de derreter. medo de queimar. Mas, Flor... luz nenhuma nasceu pra não acender.

Ela se aproximou e amarrou o lenço roxo no meu cabelo.

- Hoje, você só assiste. Se não gostar, a gente volta, Mas vai ver outras mulheres que também se reconstruíram dançando. Mulheres que decidiram ocupar o palco, não a plateia. Fiquei muda, porque as palavras dela batiam e voltavam como maré. E então, eu disse sim. Não sei se por curiosidade, cansaço, ou por fome de alguma vida que não era essa.

Às dez e meia, vesti meu melhor vestido preto — aquele que Carlos dizia “de viúva”, e prendi o lenço como ela ensinou. Não passei perfume, não prendi o cabelo, olhei no espelho pela primeira vez sem me corrigir. E fui.

Carlos não ia se importar, pois ele nem ao menos parecia se importar comigo. Confesso que nunca me imaginei em uma boate. Quando eu via aquelas mulheres dançando, drags queens performando, todas pareciam felizes — e todas tão simpáticas, tão educadas.

Quando o show principal começou, ouvi a batida contagiante de Conga Conga. E então vi a estrela: Paola. Ela dançava com as suas dançarinas, no centro do palco, e a plateia ia à loucura.

Ela sorria — um sorriso sem medo, um sorriso de quem sabe que é livre.

Os passos, a melodia, tudo parecia me atrair, mas uma mulher casada nunca deveria pensar nisso. O espetáculo terminou e ela veio se sentar ao meu lado, com purpurina ainda grudada no rosto. Parecia ansiosa, quase com medo — uma

vulnerabilidade que eu não sabia que ela tinha, pois sempre me pareceu tão forte.

— Não está com nojo, está? — perguntou, nervosa.

Nojo? Por quê? O show tinha sido lindo. As luzes, os movimentos, a energia daquelas pessoas... Naquele lugar, percebi como a sociedade marginalizava todas elas.

Nunca tinha estado num lugar assim. As paredes eram cobertas de veludo escuro, o ar tinha cheiro de perfume doce e cigarro apagado. Tudo era morno — não só a luz, mas também o tempo, parecia que o relógio andava mais devagar ali dentro.

Paola me levou até o fundo, onde as luzes não ofuscavam tanto. Sentamos, eu sem saber o que fazer com as mãos, logo ela trouxe dois copos de vinho barato que por alguma razão, pareciam chiques.

— Você se acostuma. O barulho, os olhares, a pele arrepiando. No começo dá medo, depois vira pele nova — disse, antes mesmo que eu pudesse perguntar. Ficamos em silêncio um tempo. Um silêncio bom. Desses que não pesam.

Foi quando ela começou a falar, não como quem se confessa, mas como quem se permite existir.

— Meu nome não é Paola. Quer dizer, é agora. Nasci como Aparecida, filha da vergonha. Era assim que minha mãe me chamava quando brigava: “menina da vergonha”.

— Cresci ouvindo que mulher direita não dança, não sorri demais, não sonha alto. Mas meu corpo... ah, meu corpo sempre sonhou. Dançava escondido no espelho, como se pudesse fugir da vida rodando. Mas eu vim de uma região pobre.

- Não tive apoio dela, de ninguém, eu sempre digo que família não é só por sangue, é conexão. Ela falou com voz calma, mas seus olhos gritavam. Tinham fogo velho ali dentro, cinzas ainda quentes.
- Me apaixonei por uma mulher, aos dezoito, e isso bastou para que meu pai me jogasse para fora de casa, com uma mala e um tapa. Não voltei mais e nem sei como ele está. Ele planejava me casar com um homem bem mais velho, não queria. Ela disse tudo aquilo como quem tira o peso do mundo dos ombros, uma parte de mim entendia tão bem.
- Fui dançar onde me deixavam. Às vezes onde me pagavam. Apanhei, sorri com medo, fingi prazer onde só havia dor, não tive ninguém para me ajudar, tentei empregos convencionais, mas era tão difícil. Eu não tenho um diploma... ou faculdade
- Mas juntei cada moeda, cada humilhação, cada noite sem nome. E abri este espaço: o Luz Noturna. Não é bonito, nem limpo, mas é nosso, assim não é só um bordel de esquina. Ela apontou para uma cantora no palco dizendo:
- Aquele é o Wanderlei, ele é professor de matemática e de noite, Madame Maesa

Olhei em volta e vi outras mulheres que riam entre si, maquiavam-se no espelho rachado em uma parede, ajustavam os vestidos. Guerreiras preparando-se para a noite.

- Elas são minha família.

Então ela me olhou de novo, como se enxergasse além da minha pele.



- Você me lembra muito quem eu quase abandonei. Você me lembra a Aparecida, eu mesma, por muito tempo eu escondi minha dor através de maquiagem a prova d'água e minissaia, mas dançar é libertador. Meu peito apertou. Pela primeira vez, alguém não me via como sombra, esposa, resto. Eu, enfim, me via e também comecei a me ver mais vezes. Ali, sentada no sofá gasto daquele bordel, entendi que Paola não era só uma mulher. Ela era um abrigo, um espelho e uma cicatriz aberta que aprendeu a dançar.

Cheguei a minha casa com os saltos na mão, pois não queria acordar ninguém — embora soubesse que ninguém me esperasse. Eram quase duas da manhã e meu coração ainda vibrava com a música do Luz Noturna, com os rostos que dançavam sem culpa. Paola tinha me deixado na esquina, como duas adolescentes voltando de uma festa proibida.

Mas assim que girei a maçaneta, percebi que a luz da sala estava acesa e o silêncio era espesso demais. Carlos estava sentado no sofá, com os braços cruzados. Vestia a camiseta azul que eu odiava — a mesma com que me empurrou contra a parede da última vez quando discutimos. O controle remoto tremia na mão dele.

- Que bonito! — ele disse, com a voz baixa, afiada. — A dona de casa agora virou boêmia?

Fechei a porta devagar, minhas mãos tremiam ao ver aquele homem... eu já o conhecia. Sabia que o tom calmo era só o início. O prelúdio da tempestade, mas porque ele estava aqui? Ele passava todos os dias praticamente na casa da amante

- Eu saí pra respirar — respondi, tentando não tremer. — Eu precisava.

Ele se levantou devagar. Aquela calma meticulosa me deixava doente. O olhar dele passava pelo meu rosto, meu vestido, meu batom gasto.

- Respirar com quem? Com aquela vadia, que anda como uma puta? — cuspiu as palavras como veneno. — Me diz, foi isso? Foi se exhibir como uma vagabunda?

Me afastei, mas o corpo dele já preenchia o espaço entre nós. Um cheiro de cigarro e cerveja velha escapava de seus poros.

- Não fale dela assim — sussurrei. — Você que é um velho patético, se envolvendo com alguém com metade da sua idade, eu falei, agora ele sabia que eu sabia o que estava acontecendo. A mão dele veio rápido demais, e o tapa cortou meu rosto com um estalo. Cai sobre o tapete da sala e minha bochecha ardia, o orgulho mais ainda. Eu pensei com força: Como ele se atreveu a me bater? Ele sempre foi assim, só eu que não queria ver. Não queria acreditar que desperdicei anos com alguém que não valia o prato que come
- Você acha que é quem? Hein? — ele gritava, andando em círculos. — Você vive nessa casa porque eu deixo! Ninguém mais te quer! Olha pra você! Uma velha iludida, que acha que ainda pode ser desejada! Eu me levantei devagar e não pedi desculpas, também evitei chorar na frente dele. Senti as lágrimas escorrerem sem permissão, mas alguma coisa, lá dentro, não se quebrou. Pela primeira vez, alguma coisa dentro de mim ficou em pé. De repente, eu me levantei devagar.
- Eu fui dançar — disse, firme. — E pela primeira vez em anos... eu me senti viva.



Ele riu um riso de desprezo, será que ele ria assim de mim quando estava com ela, claro que sim.

- Ridícula. Acha que vai mudar o quê? Você nasceu pra servir. Pra ser esquecida.
- Talvez — sussurrei. — Mas não por você.

Fui para o quarto e tranquei a porta, deitei no chão, ainda vestida. O rosto ardia, mas o espelho... parecia querer refletir algo. Um esboço, aquilo me deixou esperançosa, mas ele acabou ficando desfocado como sempre.

Na manhã seguinte, a casa parecia vazia, embora Carlos ainda estivesse lá. Seus passos ecoavam como facas no piso, e cada barulho dele me fazia encolher. Ainda assim, vesti minha blusa de mangas longas, cobri o rosto com um lenço leve e caminhei até o portão. Ele não me seguiu e nem perguntou para onde eu iria.

Eu não sabia exatamente para onde estava indo. Só sabia que queria distância daquele lugar, daquela prisão com paredes brancas e armários brilhando de tanto serem limpos. Andei pelo corredor, eu sabia que estava chegando ao apartamento dela, da Paola. Toquei a campainha, com as mãos trêmulas. E quando ela abriu, não falei nada, só chorei.

Ela me puxou para dentro como se já soubesse. Envolveu-me num abraço quente, com cheiro de jasmim e cigarro doce. Suas unhas pintadas de vinho roçaram minhas costas como um feitiço calmo.

- Ele se atreveu a encostar em você? — foi tudo que ela perguntou. Assenti, e aquilo pareceu partir algo nela.
- Aqui você não vai mais ser encostada — disse firme. — Aqui você vai ser vista.

Paola me deu um quarto no andar de cima. Havia lençóis vermelhos, cortinas de veludo e uma penteadeira cheia de brilhos e batons era um altar profano da beleza. Dormi por horas, sonhando com música e luzes.

No dia seguinte, ela entrou no quarto com um vestido preto de paetês nas mãos e um sorriso que eu nunca tinha recebido antes.

- Venha. É noite de estreia. As meninas fizeram um novo show, podemos te incluir
- Estreia? — perguntei, confusa.
- Você vai dançar comigo, na Luz Noturna. Você acha que nasceu pra se esconder, mas não. Você é a mulher que brilha, mesmo que a cidade tente apagar, nós estamos com tudo em cima.

Fiquei o dia inteira ansiosa, eu iria ao Luz Noturna, era a única coisa em que eu pensava. Quando fomos até lá, usando o carro de Paola, quando vi a entrada, meu coração apertou, estou fazendo a coisa certa?

Sem certeza, eu entrei, o show estava sendo preparado, e eu brilharia. Eu sentia que sim, no camarim, eu me preparei, coloquei o vestido, fiz a maquiagem com as mãos trêmulas, mas Paola estava ali o tempo todo — colocando um batom escuro em mim, arrumando meu cabelo, dizendo o quanto eu era linda. Pela primeira vez, não duvidei tanto.

Quando entrei naquele palco, cercada por outras mulheres tão marcadas quanto eu, ouvi a música começar. E algo dentro de mim explodiu, eu dançava como quem chora em silêncio, como quem reza por dentro ou morre para nascer de novo.



O público aplaudia, mas o mais importante: eu me via nos espelhos ao redor, nos reflexos das taças, eu até mesmo pensei no meu próprio espelho, eu não queria mais tentar limpá-lo e sim quebrar inteiro. A velha esposa que limpava armários tinha ficado lá atrás. Ali, eu era apenas corpo, voz e fogo.

Naquela noite, quando voltei ao camarim, Paola me esperava com um copo de champanhe e um olhar doce, olhar de alguém feliz por mim, orgulhosa. Não pude evitar de me olhar no espelho do camarim, não tinha sido ilusão minha, eu conseguia ver meu rosto, em tantos anos, eu finalmente vi meu rosto.

Quando voltei a minha casa, voltei apenas para fazer uma última coisa, peguei um peso e joguei no espelho para quebrá-los. Às vezes tudo que a gente precisa fazer é quebrar um ciclo, a vida não está acabada. Eu não “romantizo” a vida em bordéis, mas foi lá que revivi, pois não significou vender amor, e sim dançar como bailarina principal.



4

Aylla Oliveira

ENQUANTO O CAFÉ NÃO ESFRIA: VIVÊNCIAS VIVIDAS

Numa cafeteria de atmosfera cálida, que lembrava o aconchego de um cobertor de veludo, as cadeiras estavam quase todas vazias, o ambiente se mostrava seguro e calmo, o cheiro de café era intenso e ali naquele ambiente, Mônica se encontrava. Tomava seu cappuccino, como de costume, sem pressa. Naquele espaço, ela tinha seus pensamentos mais profundos, sentia-se acolhida pelo ambiente, pois era o espaço onde vivenciou vários momentos especiais da sua vida e também naquela cafeteria, ela superou pensamentos e pessoas e acontecimentos que a feriram outrora. Era uma mulher alta, de cabelos escuros e olhos profundos — havia algo em seu olhar que inspirava segurança. Não era difícil que atraísse olhares no ambiente, mas ela, mergulhada em pensamentos, sempre perguntava a si mesma se um dia encontraria o amor. E mesmo com todas as inseguranças, nunca deixou de desejar viver plenamente, de forma simples, normal.

Era meiga, extrovertida, ansiosa diante da vida, mas ao mesmo tempo amava o silêncio sereno daquela cafeteria quase vazia.

Nesse mesmo lugar, havia também Eduardo, jovem escritor de hábitos discretos. Mônica ainda não sabia seu nome. Ele ocupava sempre a mesma mesa, recolhido em seu caderno, escrevendo pensamentos soltos sem reparar nas pequenas belezas ao redor — nem mesmo nas pessoas que, como ela, tornaram-se personagens invisíveis em sua paisagem.

Mas, com o tempo, Eduardo passou a reparar. Depois de dias frequentando o mesmo espaço, buscando inspiração para um novo livro, notou aquela mulher de cabelos escuros e olhar seguro. Um dia criou coragem para desejar-lhe um simples “bom dia”. Mônica achou estranho, mas sorriu com simpatia — e, nesse sorriso, Eduardo encontrou um motivo para continuar a cumprimentá-la nas semanas seguintes.



Antes, o que era apenas silêncio compartilhado entre as mesas, transformou-se em diálogo. Fascinado pela complexidade de Mônica, Eduardo a convidou para uma conversa mais longa. Queria conhecê-la, ouvi-la, escrever sobre ela.

Mônica chegou à cafeteria antes do horário marcado, como fazia sempre que algo a deixava nervosa. Escolheu a mesa no canto, perto da janela embaçada, e esperou. Eduardo, como de costume, atrasou mais de trinta minutos. Ainda assim, ela não foi embora.

Quando finalmente ele apareceu, com o casaco molhado pelas gotas da garoa fina, cumprimentou-a com um sorriso largo — daqueles que tentam disfarçar a culpa. Sentou-se e pediu dois cafés bem quentes. Mal recebeu o pedido, foi direto ao ponto:

- Quero ouvir a sua história, Mônica, escrever sobre você pode tocar muita gente.

Ela olhou fixamente para ele e disse, sem rodeios:

- Fico aqui até o café esfriar. Depois disso, levanto-me e vou embora.

Eduardo assentiu, sem entender completamente o motivo daquela exigência, mas aceitou. Abriu o caderno e pegou a caneta. Mônica respirou fundo. Era como se aquele vapor do café marcasse o tempo exato que teria para se desnudar sem medo.

Começou com a infância.

Disse que, quando criança, carregava no corpo e na alma o peso do preconceito. Na creche, era alvo de racismo — pequenas violências cotidianas que nem sempre sabia nomear, mas que doíam de forma física e mental. Em casa, via a mãe

chegando do trabalho com os olhos marejados, silenciada por xingamentos que também não deveriam ser ditos. Sentia na pele o que se passava nos jornais. Sua mãe era forte, dessas mulheres que se mantêm firmes mesmo com a alma em fran- galhos. Ela, por outro lado, chorava muito, e sentia vergonha por isso pois não sabia lidar com todas aquelas situações que tinha acontecido na sua vida.

A escola nunca fora abrigo. Desde o jardim de infância até os corredores frios do colegial, este ambiente lhe parecia hostil, como se não houvesse lugar possível para quem era diferente demais. Recebia olhares e cochichos pelas costas e não tinha com quem contar para resolver aquilo. Por muito tempo, acreditou que o problema estava nela. Sentia-se feia, inade- quada, errada, por ser diferente de todo mundo. Não entendia à qual universo pertencia. Não conseguia nem mesmo olhar- se no espelho, também entender que sentimento seria aquele ou o que significava. Era impossível, ainda, descrever-se como pessoa. A autoestima era uma ruína em construção, esfacelada por palavras duras, olhares de estranhamento, um silêncio que crescia por dentro por tão frias vivências. A autoestima por sua vez demorou para ser reconstruída e tirar o sentimento de peso que sentia, foi algo gradual.

- É um processo evolutivo — comentou Eduardo, ano- tando sem levantar os olhos. — Como uma lagarta que vira borboleta?

Mônica sorriu, pela primeira vez.

- Exatamente. Uma hora você se olha no espelho e vê que algo mudou. Um elogio de uma criança na rua pode te transformar e te fazer ver com outros olhos que não tes- tava nítido antes, a criança saía da escola com seu grupo de amigos, quando notou minha existência e comentou

como eu era bonita em um alto tom. Eu nunca tinha sido chamada de bonita. Nunca. Aquilo me desmontou e me reconstruiu, ao mesmo tempo.

Falou sobre a solidão da infância. Tentava se enturmar com todos mas suas tentativas eram falhas. Falou também sobre rezar, aos domingos, pedindo para Deus transformá-la em alguém “normal”. Tinha apenas dez anos quando soube — mesmo sem saber o nome daquele sentimento — que não era um menino. A repressão veio cedo, do entorno, da família religiosa, da própria confusão. Reprimiu-se tanto que quase desapareceu. A existência se tornou um fardo, não fazia mais sentido estar ali, pois aquele não era seu corpo e não era como gostaria de se ver.

Aos treze, depois da pandemia, voltou a estudar. Uma nova escola, novos rostos, e um sopro de acolhimento. Ali, começou a se ver de verdade. As amizades floresceram e, com elas, uma nova Mônica começou a nascer e experimentar sentimentos e experiências que nunca imaginou estar. Ainda que escondesse muito da mãe, encontrou uma coragem que nem sabia que possuía para contar como se sentia.

— Eu sempre achei absurdo esse negócio de “se assumir”. Parece que a gente precisa se justificar. Mas entendi que, no meu caso, era necessário. Era sobre minha expressão de gênero, sobre identidade, sobre ser vista como eu sou.

Numa quinta-feira qualquer, revelou à mãe. Não houve gritos nem portas batidas. A mulher que lhe deu a vida apenas ouviu e aceitou com acolhimento. Foi chamada de “filha”, pela primeira vez, com convicção. Nesse momento, choraram juntas.



Veio a transição hormonal e social e com ela, a euforia de gênero. Lembrou com emoção do dia quando se vestiu como ela mesma pela primeira vez. Recordou-se, também, do dia em que tomou o primeiro hormônio — ambos os momentos foram marcados por lágrimas e uma sensação indescritível de finalmente habitar o próprio corpo.

Falou também do amor.

O primeiro, intenso e verdadeiro. Se apaixonou e foi correspondida. Mas o conto de fadas se quebrou num sábado qualquer, quando conheceu a família do rapaz. Bastou que soubessem que ela era uma mulher trans para que a rejeição explodisse em gritos e portas fechadas. Ele tentou ficar, tentou lutar, mas não conseguiu, pois a família naquela situação era mais importante que tudo. Terminaram.

Mônica se culpou, achando que o amor fracassado era responsabilidade dela. Chorou por dias, pensava que tudo de ruim que teria acontecido era de sua culpa, até entender que nem tudo se pode controlar. Aquela dor, no entanto, ensinou-a sobre a efemeridade da vida, sobre a profundidade dos preconceitos, sobre o amor que não basta quando o mundo ao redor não permite.

Eduardo, comovido, apenas disse:

— O primeiro amor ou dura muito ou nos assombra por um bom tempo.

Ela assentiu.

Depois disso, decidiu focar em si, estudou, treinou e trabalhou. Passou em psicologia e por esse motivo mudou de cidade. Nesse processo, ainda sofreu muito, sentindo ansiedade pelo medo de não ser respeitada por ser uma dissidente

de gênero. Depois desse período de adaptação, também encontrou amigadas e ambientes de acolhimento. Por fim, esta linda epifania aconteceu: ela descobriu que, no fim das contas, nunca foi o problema.

Outro amor surgiu na universidade psicologia, primeiro como amizade, depois como algo mais. Dessa vez, foi diferente. A família dele a recebeu com naturalidade. E ela entendeu, enfim, que merecia tudo aquilo. A relação naturalmente acabou depois de algum tempo. Ao final, esse amor terminou com respeito e gratificações, porque essas duas pessoas tinham planos individuais que divergiam, mas a admiração recíproca saltava aos olhos, ou seja, era algo que se sentia de longe.

Eduardo entendeu que o respeito para Mônica é fundamental, algo primordial e por tudo que ela tinha passado, dava para entender o motivo da sua busca ao amor.

Contou também sobre como se formar na faculdade foi um marco histórico para ela, apesar de todas dificuldades e momentos hostis, manteve-se firme, porque tinha motivação: existir de maneira plena.

Mônica concluiu falando do trabalho. O primeiro emprego no início foi sentido por ela como ambiente conservador e hostil, porém aos poucos, ela foi ocupando espaços, afirmando-se com competência. Hoje, trabalha na área da psicologia que ama. Sabe que os preconceitos ainda existem — e às vezes ferem —, mas também aprendeu que é possível seguir. E que, no fim, se o café esfriou, é sinal de que houve conversa. Escuta. Troca.

Eduardo, com a caneta já descansando sobre o caderno fechado, notou que o café, agora, estava frio.

— Acho que já deu, né?



— Deu sim, mas foi bom, Eduardo, muito bom.

Levantaram-se. Lá fora, a noite seguia fria — dessas que escondem as estrelas atrás de nuvens pesadas, como se o céu também quisesse descansar dos seus próprios excessos. Mas dentro dela, dentro daquela mulher de olhar sereno e passado inquieto, havia uma Mônica quente de vida, repleta de cicatrizes e encantos.

Seu sentimento não era uma chama espalhafatosa e fugaz, e sim era calor de brasa que mantém viva mesmo quando o vento sopra. Um calor que vem da coragem de seguir existindo, mesmo quando tudo em volta sussurra o contrário. Havia nela um tipo de luz que não se aprendia nos livros nem se copiava de influenciadores — era daquelas que nascem da dor transformada em linguagem, da recusa em se apagar para caber.

Enquanto caminhava pelas calçadas úmidas da cidade, Mônica pensava no que Eduardo escreveria. Talvez ele tentasse encaixar sua vida em alguma narrativa de superação, daquelas que as pessoas leem para se sentirem melhores consigo mesmas. Entretanto, Mônica sabia isto: sua história não era para confortar ninguém. Sua narrativa grita para lembrar às pessoas que existir, às vezes, já é um ato de insubordinação.

Ela já não pedia mais licença para ser quem era mais que isso, já não aceitava desculpas de quem não sabia amá-la por inteiro. Havia aprendido, entre quedas e silêncios, que ser mulher — e ser mulher como ela era — não era erro, nem desvio, nem sentença. Era caminho. Caminho sem mapa, mas com bússola interna, apontando sempre para a dignidade de viver com verdade.

O café esfriou, sim. Mas não foi só o café. Esfriou o medo. Esfriou a culpa. Esfriaram os velhos fantasmas que a faziam

se diminuir diante do espelho. Em seu lugar, agora, havia um corpo que dançava com a alma de uma mulher inteira.

E se a vida ainda insistisse em ser dura, Mônica saberia: dentro dela já cabia a força do mundo e a doçura também.

Eduardo por sua vez, se apaixonou por aquela história e por aquela mulher, pensou como aquela conversa fez se sentir conectado a ela de alguma forma — que nunca tinha sentido aquilo, entendeu como tudo flui de uma forma natural e que mesmo com o peso que a sociedade impõe é necessário acreditar.

Na tentativa de entender seus sentimentos, aproximou-se de Mônica para entender mais e isso ele chamou de paixão, por toda sua resiliência e força, e mesmo com todas diferenças entre eles, gostaria de conhecer mais o universo que se chamava Mônica.

Lembrou da canção antiga que tanto ouvira na juventude: Eduardo e Mônica. Só que a sua Mônica era mais real, mais profunda e, acima de tudo, mais livre.

E ali, naquela noite, ele compreendeu que Mônica nunca precisou de um Eduardo, porque ela mesma, sozinha, já era protagonista da própria canção.





5

Ana Júlia Almeida

ENTRE PALAVRAS E CORRENTES

Nara da Conceição foi arrancada dos braços dos pais quando tinha apenas quatro anos. Era pequena demais para entender o que acontecia, mas velha o suficiente para lembrar do pranto da mãe, das mãos calejadas do pai tentando impedir a separação. Foi levada para a Fazenda das Palmeiras, um lugar seco e poeirento, perdido entre chapadas e caatingas do sertão baiano. Ali, passou a viver sob os cuidados forçados de Francisco Benedito, homem de fala grossa e alma estéril, e Rosa de Jesus, mulher dura, vestida de fé e amargura.

Desde o dia em que chegou, Nara aprendeu o que era ser propriedade. Rosa a ensinava a lavar, passar, varrer o terreiro antes mesmo que o sol nascesse. Francisco, por sua vez, fazia dela sua pequena ajudante no curral e na roça, mas os castigos vinham antes dos aprendizados: um erro, uma surra de cipó ou o corte seco do chicote. Com o tempo, Nara aprendeu a calar a dor. Não porque ela doesse menos, mas porque ninguém ali parecia ouvir.

“Eu sou Nara da Conceição, tenho dezesseis anos, negra e escravizada.”

Dizia para si mesma, em pensamento, como quem tentava cravar a verdade no mundo. Tinha os cabelos crespos, olhos grandes e uma força quieta. Sonhava com letras. Letras que pudessem um dia abrir uma porta. Morava no porão da casa grande, entre baratas, ratos e o cheiro úmido das paredes. Apesar de tudo, cumpria suas tarefas com afínco: acendia o fogo, preparava a comida, ordenhava as cabras, buscava água no poço e cuidava dos filhos de Rosa. Ainda não sabia de onde viera exatamente, mas no fundo acreditava — ou precisava acreditar — que havia algo maior à sua espera: uma liberdade possível e um fio de memória a ser puxado até encontrar sua origem.

Certa manhã, Nara acordou ainda no escuro, quando o céu do sertão era só um borrão violeta e o galo ainda não cantara direito. Lavou o rosto com a água fria do pote, amarrou o cabelo em um lenço gasto e começou a preparar o café da manhã. Depois, saiu rumo ao curral, carregando milho para as galinhas, lavagem para os porcos e sal grosso para as vacas. O sol já ameaçava nascer quando Francisco Benedito surgiu no terreiro, sisudo como sempre.

- Já tomou o café, seu sinhô? — perguntou ela, com o máximo de respeito e um certo cuidado na voz.

Ele respondeu com desdém, franzindo o nariz:

- E você chama aquilo de café, menina?

Nara apenas baixou os olhos, engolindo o orgulho. Pegou os ovos ainda quentes do ninho e seguiu para a cozinha. Rosa de Jesus estava lá, esparramada na cadeira, abanando-se com um leque de palha. Sem levantar os olhos, ordenou:

- Vá à feira. Precisamos de feijão, farinha, querosene e açúcar. A bolsa já tá na porta.

Nara assentiu, pegou a cesta de palha, ajeitou a saia e saiu pelo caminho de terra. Enquanto isso, dentro da casa, Francisco resmungava:

- Onde foi parar aquela menina?
- Foi à feira — respondeu Rosa, sem paciência.
- Pois agora quero o almoço pronto. Já! — gritou ele, batendo o punho na mesa.
- E por que não faz você? Tem escrava nessa casa! — retrucou Rosa, irritada.

— Eu preciso dela na lida, ainda hoje. — disse ele, com voz baixa, mas carregada de intenção.

O silêncio entre eles se tornou mais espesso. Rosa, com olhar sombrio, mudou de assunto e falou das contas da fazenda — estavam no vermelho, havia risco real de perderem as terras. Francisco, sem mudar a expressão de pedra, sugeriu com frieza: “Talvez a menina possa render de outro jeito...”, insinuando algo vil. Rosa não respondeu de imediato. Seu silêncio era conivente, medroso e conivente.

Enquanto isso, Nara andava pela vila, entre barracas e vozes, cheiros e poeira. Já no caminho de volta, algo inesperado fez com que ela parasse: um pedaço de papel, meio enterrado na terra seca da estrada. Ela se abaixou e o apanhou com cuidado. Era parte de um livro, rasgado, sujo, mas com palavras que pareciam brilhar diante de seus olhos. Não compreendia tudo, mas reconhecia letras — e letras sempre foram sua esperança. Com mãos trêmulas, dobrou o papel e o escondeu no fundo da cesta. O coração batia mais rápido. Aquele pedaço de papel podia não parecer nada... mas para ela, era uma semente de liberdade.

Quando Nara chegou a sua casa, ofegante da caminhada pela vila, mal teve tempo de respirar. A voz áspera de Francisco Benedito cortou o ar:

— Está surda, menina?! Por que demorou tanto?

Ela gelou. Correu até a mesa, largou a cesta de palha e se aproximou com passos curtos, cabisbaixa.

— O sinhô me chamou? — perguntou num fio de voz.

— Rosa vai cuidar da comida hoje. Você vem comigo, preciso de ajuda na roça. — disse ele, com frieza.

— Sim, sinhô. — respondeu ela, olhos no chão.

Caminharam juntos para os fundos da fazenda. O cheiro de terra, o estalar do sol sobre as costas, o silêncio pesado. De repente, o tom de voz de Francisco mudou — ficou manso, quase doce, o que em si já era um aviso.

— Nara, por que ainda não arrumou um rapaz pra você?

Ela franziu a testa, desconfiada.

— Como assim, sinhô?

— Já tá na hora de ter filho. Filho bom, que possa me servir um dia.

O mundo parou um segundo para ela. Um arrepio subiu-lhe pela espinha.

— O sinhô quer que eu tenha filhos?

— Quero é novos braços na lavoura. Gente que obedeça, que nasça pra isso.

Nara cerrou os punhos. Por dentro, algo se remexia: raiva, medo e uma coragem que ela mal sabia que tinha.

— Sinhô... Ao invés disso, eu queria aprender a ler. Eu sonho com isso. Eu posso ser mais do que sou.

Ele riu alto, debochado, cusbindo no chão:

— Ler? Pra quê? Escrava que sabe ler é perigo!

E virou as costas, porém não sabia — não podia imaginar — o que Nara guardava no fundo da cesta: um fragmento de papel amarelado, sujo, rasgado. Um pedaço de livro esquecido por alguém, mas achado por ela como se fosse um tesouro.

Naquela noite, quando todos dormiram, Nara acendeu uma vela escondida e foi até o galinheiro — seu esconderijo secreto. Sentou-se no chão de terra batida e retirou da cesta o pedaço de papel. Era como olhar para um mundo proibido. As letras, que ela não sabia ler, pareciam dançar na sua frente, mas ela se lembrava de Elias, um companheiro de senzala que fora vendido há alguns anos. Antes de partir, ele lhe deixara um alfabeto esculpido num toco de madeira e disso Nara nunca se esqueceu.

Com um pedaço de carvão, começou a imitar as formas:

— Esse aqui é o A... e esse deve ser o E... — murmurava.

Assim nasceu seu aprendizado: letra por letra, noite após noite, no escuro, no silêncio do sertão.

Foi numa dessas manhãs, enquanto lavava roupas no riacho próximo, que uma mulher apareceu — de saia longa, lenço colorido na cabeça e um olhar curioso. Chamava-se Zuleide, era vizinha de uma pequena propriedade ali perto. Morava sozinha desde que o marido, alforriado, fora levado para o trabalho forçado numa estrada distante. Sabia ler e escrever, coisas que aprendera com a antiga sinhá antes de ser libertada. Ao ver Nara com o papel enfiado no cós da saia, aproximou-se com cuidado.

— Você gosta de papel, menina?

Nara se assustou e quis esconder, mas Zuleide sorriu e mostrou um livro pequeno, velho, com as páginas cheias de palavras.

— Eu também comecei assim... com um pedaço de página esquecida no mato.

Ano de 1875. Ainda ecoavam os gritos da escravidão no sertão baiano, onde a Fazenda Palmeiras fincava suas raízes de pedra e ferro.

Naquela manhã abafada, depois de estender as roupas lavadas no terreiro, Nara foi surpreendida por uma mulher de olhar firme e pele escura como a noite. Trazia um lenço vermelho na cabeça e passos silenciosos, quase mágicos.

- Eu vi você olhando pro papel escondido, menina — sussurrou a mulher, com a voz grave e suave.
- A senhora me viu? — Nara se assustou, sem saber se era ameaça ou milagre.
- Me chamo Benedita. Vim de longe. Nasci em outra fazenda, fui ama-de-leite da sinhá quando pequena. Lá me ensinaram a ler. Antes de me venderem pra cá, fui criada meio solta, meio presa... Mas aprendi. E se quiser, posso lhe ensinar também. Só tem que ser nosso segredo.

Os olhos de Nara brilharam como nunca. Ela se aproximou devagar, com uma alegria contida, ainda com medo de sonhar.

- A senhora jura que sabe mesmo ler?
- Sei sim. E posso te mostrar.

Naquela noite, Nara escolheu o lugar onde aprenderia a decifrar o mundo: o galinheiro, no fundo do quintal, entre fezes secas e o cheiro forte do curral. Era ali que se sentia invisível o bastante pra ser livre. Benedita chegou com um pedaço de graveto e começou a desenhar letras no chão de terra batida.

- Esse é o “A”, “B”, “C”... — disse, com paciência de rio.

Falou sobre como misturar as letras, sobre sons e palavras. Nara prestava atenção como quem recebe uma oração. Cada traço era uma ferida que se fechava. Benedita se orgulhava da menina — sua fome de saber, a rapidez com que aprendia, o silêncio com que respeitava cada palavra.

Depois das aulas clandestinas, Nara voltava em silêncio para o porão, tentando apagar os passos. Mas o corpo já não dormia direito. Acordava atrasada, com olheiras fundas e o coração aceso. O medo de ser descoberta travava o peito, mas o desejo de continuar era mais forte.

Aprender a ler era como respirar pela primeira vez. Mesmo com os grilhões invisíveis, Nara sentia que algo dentro dela caminhava. Uma noite, enquanto lavavam roupa no rio, Benedita disse:

— Soletre, menina. Liberdade.

— L-I-B-E-R-D-A-D-E — respondeu Nara, desenhando a palavra com os dedos no ar.

Sabiam do risco. Uma mulher negra que pensa é ameaça. Uma escravizada que lê, é revolução.

Alguns dias depois, Rosa de Jesus, a sinhá da casa, observou Nara murmurando letras enquanto varria o terreiro. Coçou a cabeça, desconfiada. Chamou Francisco Benedito.

— Essa menina tá esquisita. Vive falando com letra. Tem coisa aí.

Francisco não deu importância. Mas quatro dias depois, encontrou um pedaço de tábua jogado no galinheiro com uma palavra riscada com carvão:

“Livre”



— Quem escreveu isso!? — gritou, sacudindo a tábua no ar.

Nara gelou. As mãos tremiam, mas ficou em silêncio.

Naquela noite, Benedita veio apressada:

— Vamos parar um tempo. Tão farejando. E quando branco desconfia, preto morre.

Mas Nara balançou a cabeça.

— Eles podem levar meu corpo, Benedita. Mas minha mente... agora voa.

A mulher respirou fundo, com dor e orgulho nos olhos.

— Então me promete. Se eu não estiver mais aqui, você continua.

— Eu prometo.

Despedidas e promessas

Porque uma vez acesa, a chama da leitura não se apaga mais.

Mas naquela noite, o mundo parecia querer apagar qualquer esperança. Cansada, o corpo doendo, Nara já intuía que algo ruim rondava. Rosa e Francisco haviam saído mais cedo, silenciosos demais. Quando voltaram, os olhos de ambos traziam uma decisão escura. Ela foi chamada, sem tempo de reagir. Usaram seu corpo como se fosse terra de ninguém, um local onde nunca germinaria o amor, apenas o lucro. Queriam dela um ventre que gerasse novas vidas escravizadas. Vidas vendidas a peso, como bois ou sacas de café.

Depois do abuso, Nara não chorou. Como tantas vezes, recolheu os pedaços de si e foi terminar as tarefas. Varreu o

terreiro, limpou o fogão. Depois, entrou no porão, seu quarto de chão batido. Sentou-se no canto onde dormia, respirou fundo e, debaixo da palha, tirou o pedaço de papel.

Era um fragmento de livro, encontrado semanas atrás, que Benedita lhe ajudara a decifrar. Mas agora, sozinha, surpresa, Nara leu palavra por palavra, como quem recupera o nome e pela primeira vez, entendeu tudo.

Estava lá, escrito em letras tortas, mas belas:

“De quando ele não veio
Hoje o rio não falou teu nome.
Nem as árvores se curvam.
O vento passou quieto,
Como se também sentisse tua falta.
A tarde ficou pendurada no céu,
Feita roupa esquecida no varal do tempo.
E meu peito,
Feito tambor sem festa,
Só bateu.
Te esperei na curva do dia,
Com os olhos cansados de não ver.
E mesmo sem promessa,
Me doeu tua ausência como se fosse
Para sempre.”

Era um poema. E naquele instante, a dor que lhe queimava por dentro encontrou forma. Nara abraçou o papel com força, como quem abraça a própria história.

Pouco depois, escutou passos se aproximando.



- Me chamaram, Sinhô? — perguntou com a voz embargada e um leve sorriso escondido, tentando parecer inteira.
- Sim — respondeu Rosa, seca. — Vá se preparar.
- Preparar? Pra quê, Sinhá?
- Hoje você vai sair com um homem.

O coração de Nara apertou. Nunca tinha saído daquela terra seca. Nunca havia deixado a Fazenda Palmeiras.

Tomou banho em silêncio, trançou o cabelo com cuidado e vestiu sua única roupa limpa. Na porta, Severino, um homem de olhos pequenos e mãos grandes, já a esperava. Tinha 52 anos, dono da Fazenda São Jorge, vizinha das terras de Francisco.

- NARA! Que demora é essa, menina!? — gritou Rosa, impaciente.
- Já estou indo, Sinhá.

Ao descer os degraus de madeira, Nara sentiu um arrepio. Olhou Severino nos olhos e teve medo.

- Quem é esse, Sinhá? — sussurrou, já sabendo a resposta.

Rosa não deu ouvidos a Nara. Apenas se virou, altiva, e foi sentar-se ao lado de Francisco para comer.

- Vamos, minha linda? — disse Severino, com um sorriso sujo nos olhos.

Nara sentiu o coração apertar. O medo latejava no peito. Severino se aproximou devagar, e ela, com a voz abafada de angústia, respondeu:

— Vamo, sinhô...

Ele a levou por dentro do sertão. Andaram por muito tempo, até que tudo à volta virou pura escuridão. Nara tremia. As mãos úmidas de suor, o estômago embrulhado. Ainda assim, teve coragem para perguntar:

— Aonde a gente tá indo, sinhô?

— Além de prostituta, ainda faz pergunta? Tu tá achando que é quem aqui, menina? — rosnou ele, com voz que gelava os ossos.

Puxou-a com brutalidade para dentro da mata fechada, onde ninguém os veria. Ela ainda tentou resistir com o olhar, mas ele deu-lhe um tapa seco, forte, que a jogou contra o chão. Nara lembrou-se das surras que levava quando criança, das marcas das chicotadas de seu Francisco.

Severino despiu-se sem pudor e ordenou:

— Abaixa, senão vai apanhar de novo.

Ela obedeceu, o corpo inteiro tremendo. Ele a violentou ali mesmo, como se ela não tivesse alma, como se fosse um trapo no chão seco do sertão.

Quando ele se foi, a deixou ali — sozinha, sangrando, no escuro. Nara chorou baixinho, tentando esconder da noite a dor que sangrava por dentro e por fora. Queria voltar pro porão, se encolher no canto, esquecer. Mas o corpo não obedecia, e o mundo parecia grande demais para sua dor.

Mesmo assim, ela se levantou, seguiu pela estrada, reconhecendo o caminho pela memória. Chegou em casa com dificuldade. As pessoas da vila a olhavam com julgamento. Não sabiam o que ela carregava no corpo e na alma.

Ao chegar, encontrou Severino conversando com os patrões, como se nada tivesse acontecido. Mentia. Disse que Nara havia fugido. As marcas ainda estavam à mostra quando Francisco a agarrou pelo braço.

— Que audácia é essa de fugir, garota? — gritou, com os olhos faiscando.

Sem escutar mais nada, deu ordem para Severino chicoteá-la. Trinta e duas vezes.

A chuva caiu forte naquela noite. O trovão parecia gritar junto com ela. Severino ria a cada golpe. Francisco contava. O sangue escorria por entre as pedras. Nara não aguentava mais. Pensou em gritar por misericórdia, mas sua voz havia se calado.

Rosa, do alpendre, observava com frieza.

— Está dando muita liberdade pra essa menina — disse, rancorosa. — Por que não coloca logo ela na senzala?

— Já está mais do que na hora — respondeu Francisco.

Quando Severino terminou de aplicar os chicotes, suas mãos estavam vermelhas de tanto ódio. Saiu para se limpar, deixando Nara caída no chão, ensanguentada, com o corpo doído e o coração ainda mais. Cambaleante, ela foi levada à senzala. Lá, entre lágrimas e gemidos, tentava dormir — mas o sono não vinha. Para os outros, a noite seguiu tranquila. Para ela, a dor ainda estava acordada.

No dia seguinte, Nara já não era mais a mesma. Não fazia comida, nem ia mais à feira. Rosa, incomodada, assumiu o fogão, e Nara passou a trabalhar diretamente com Francisco. Sua liberdade parecia ter sido arrancada junto com a pele. Francisco observava, tentava decifrar os silêncios da menina. Olhava-a de cima a baixo, procurando sinais, mas nada dizia.

Certo dia, enquanto lavava o terreiro, Francisco a chamou:

- Nara, venha me ajudar no galinheiro.
- Tá bom, sinhô... — respondeu, com um nó na garganta.

Ela seguiu até os fundos da casa, atravessando o campo silencioso. Lá dentro do galinheiro, ele fechou a porta. Os olhos dele estavam tomados por pensamentos sujos. Nara recuou, devagar. O medo crescia. Ele se aproximou, tentou beijá-la à força. Ela reagiu, empurrou-o com todas as forças, abaixou-se e correu. Saiu pelo campo em disparada.

Enquanto isso, Rosa chamava do alpendre:

- Francisco, cadê a Nara?
- Fugiu pro mato, essa menina.
- Essa desgraçada vai ficar sem comer hoje! Quando voltar, quero falar com ela! E você, como deixou ela fugir!?

Mais tarde, Rosa ainda reclamava durante o jantar:

- Essa menina acha que somos idiotas?

Francisco, nervoso, mentiu:

- Ela viu uma barata. Saiu correndo. Só isso.
- Ahahah! Uma barata!? Aquela menina é uma piada!
- Depois da janta vou procurar — disse ele, tentando disfarçar.

Quando a refeição acabou, Francisco foi atrás de Nara. Encontrou-a escondida atrás de uma árvore, encolhida, com os olhos marejados. Mas, antes que ele a alcançasse, ela escutou uma voz:

— Siga-me, Nara... venha... você irá me encontrar...

Era uma voz de mulher. Doce. Familiar. Mas de onde?

— Quem é você? — sussurrou, entre as árvores.

— Não lembra de mim?

— Por que não aparece?

A voz parecia correr entre as folhas. Nara a seguiu, guiada pela intuição. E quando menos esperava, sentiu alguém a puxar pelo braço.

— “Será que...?” — pensou, esperançosa.

Mas não. Era Francisco.

— Será que o quê, menina? Tá ficando doida? — disse, com raiva.

Ele a arrastou de volta. Chegando à casa, Rosa estava de braços cruzados, a cara amarrada:

— Onde você tava, menina?

— Vi uma barata, sinhá...

— Ahahah! Você me acha uma palhaça? Me diga!

— Não, sinhá. Me desculpa.

Rosa lhe deu um tapa na cara. Mandou que fizesse o trabalho direito. Em seguida, buscou a corrente e a máscara de Flandres. Prendeu Nara pelos pulsos, calou sua boca com ferro, e jogou-a de volta na senzala. Lá, ela gemia em silêncio. A fome e a tristeza dormiam ao seu lado.

Enquanto os brancos dormiam, a menina escutava uma nova voz:

— Fuja, Nara.

Sem poder falar, mas atenta, ela se arrastou até o fundo da senzala. Ali havia um banco antigo, feito por Francisco, de antes mesmo de sua chegada.

A voz sussurrou novamente:

— Nara... esqueça a nossa promessa. Fuja.

Era uma voz de mulher. Familiar. Quase esquecida.

— Soletre: F-u-j-a.

“Será que é ela?”, pensou Nara. “Será que... Benedita?”

No amanhecer, o cadeado da senzala se abriu, mas atrás da parede de barro... não havia ninguém. As vozes haviam sumido. O céu pintava azul. Rosa mandou Nara lavar roupa. Francisco a mandou cuidar das vacas. Nara obedeceu, mas dentro dela, algo havia mudado.

Naquela noite, Nara tomou sua decisão.

Com o barro da senzala úmido e rachado, começou a escavar com uma pedra que havia escondido. Fez silêncio. Trabalhou por horas. Quando todos dormiram, ela empurrou a última camada de terra. E escapou.

Correu, tropeçou e quase caiu, mas não parou.

No meio da mata, exausta, ouviu passos. E então... viu o laço vermelho.

— Benedita... — disse, quase sem voz.

A mulher estendeu os braços. Nara correu, caindo neste colo e choraram juntas.

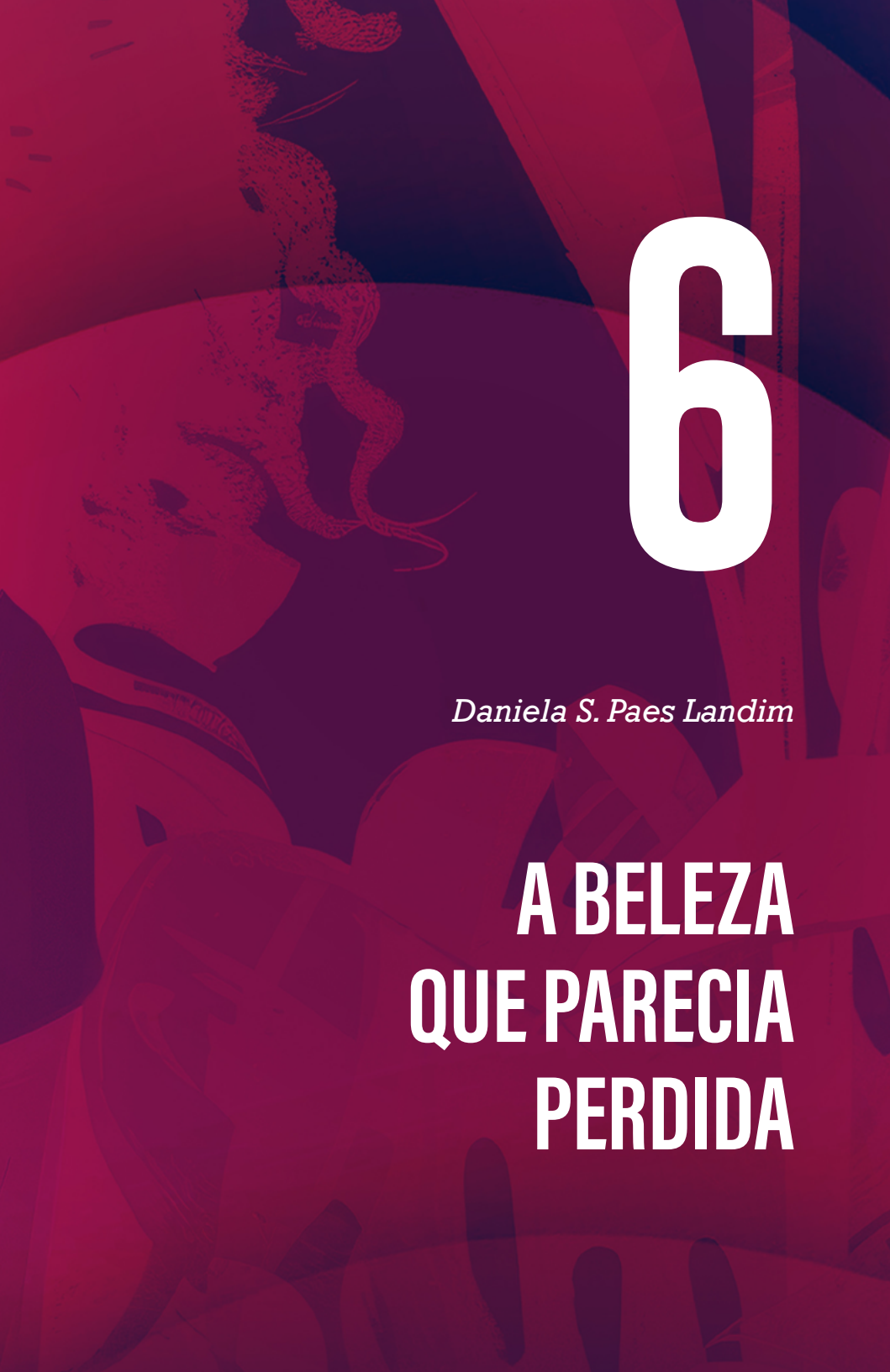
— Agora você poderá fugir comigo, Nara.

Naquela madrugada, as duas desapareceram no mato, como o vento que some no silêncio.

No dia seguinte, Rosa e Francisco perceberam a fuga. Vasculharam tudo e perguntaram aos vizinhos. Procuraram por dias, mas Nara já não era mais de lá.

Ela agora era do M-U-N-DO.



The background is a deep red color with abstract, darker red and purple shapes. A woman's face is partially visible on the left side, looking downwards. A snake is coiled around the woman's neck and head. The overall mood is mysterious and dramatic.

6

Daniela S. Paes Landim

A BELEZA QUE PARECIA PERDIDA

História passada em Buritirama/BA de Uma mulher nascida em 1988 que passou por situações difíceis, mas sempre tentou se superar e no meio dessa trama procura onde encontrar felicidade apesar de dificuldades financeiras e outras ao longo da história, inspirada em uma pessoa que admiro por conseguir superar tudo isso

Cansei de me esconder atrás do véu branco que nos cega que é jogado pela sociedade, por isso resisto a essa realidade.

Via meu pai à noite, ao lado da janela escura, o vento que era cortante, nuvens que cobriam a lua na madrugada nublada e esmaecida. Cerca de 3 horas da manhã, ao lado da porta. Vi que havia malas aos seus arredores; minha mãe, com o cabelo desgrenhado, aproximava-se sem fazer muito barulho, com um nó na garganta.

Antes de meu pai preparar suas coisas para ir embora, pensei em como era minha vida antes disso.

Costumava passear pelas ruas — tinham um forte cheiro de cigarro na atmosfera que cobria tudo. As ruas eram esburacadas e pareciam rachadas, talvez por culpa do governo, que nem se importava com as pessoas que viviam lá naquela situação.

A meu pai, eu descrevia meus sonhos de ser uma grande policial. Ele sempre me ouvia. Agachava-se até a minha altura — cerca de 1,20 — Meu pai dizia:

— Sempre que há um sonho, haverá o possível.

Uma frase que não condizia com a nossa realidade.

Minha família não tinha dinheiro nem sequer para comprar um sapato para eu ir à escola.

Eu usava o mesmo há cerca de dois anos — ele sempre apertava meus pés.

Os alunos da minha sala apontavam para os meus sapatos azuis, já desgastados pelo sol, apertados nos meus pés, e diziam frases como:

A família dela mal tem dinheiro pra comer, imagina comprar um sapato que preste, que não pareça que vá estourar a qualquer passo.

Lembro-me de naquele dia chegar com o rosto encharcado de lágrimas e me agarrei ao meu pai num abraço. Ele passava a mão no meu rosto, secando minhas lágrimas, e prometia que eu nunca mais passaria por aquilo.

Era como um anjo. Meu pai sempre dizia:

— Vera, você sabe que não precisa provar nada a ninguém.

E eu me sentia inteira com aquelas palavras.

Lembro também de que, naquele mesmo dia, ele me levou para passear. Comprou um algodão-doce rosa para mim — eu mastigava enquanto o observava ele falar:

— Eu queria que o dinheiro não importasse. Não queria ver minhas filhas passando por isso.

Ele era como um herói. Sempre salvava meus dias de alguma forma, mesmo que não fosse da mesma forma com a minha mãe. Eu perguntei:

— Você vai mesmo nos deixar?

Ela o segurava pelo seu ombro, enquanto ele a ignorava, como se não a estivesse vendo.

Eu os observava como uma boa e pequena criança, sentada no sofá preto, velho, rubro e empoeirado, enquanto olhava através da janela, onde o vento soprava, fingindo não se importar com os barulhos que ouvia: soluços de choro, como se afogar no mar salgado sem conseguir escapar.

O meu pai, que sempre a ignorava, estava com a mão fechada e a olhava, franzindo o nariz, enquanto segurava uma mala cheia e lançava um olhar para mim, saindo do aperto da minha mãe. Meu pai respondeu com grosseria:

- Pra que tanto drama? Estou em viagens de negócios. Você não me dá nada além de prejuízos — ajeitou as suas mechas encaracoladas que caíam no olho falou, antes de vir à minha direção com passos bruscos ressoando pela casa, no assoalho de madeira.

Colocando as mãos no sofá desgastado sendo sustentado o seu peso por um bloco de tijolo em cada pé, sentando-se nele, se aproximava ao meu lado, enquanto inclinava a cabeça para perto de mim com aqueles olhos escuros como estivesse querendo me contar algo. Logo meu pai começou a falar:

- Filha, não vou ficar fora por muito tempo. Eu prometo que vou voltar.

Me deu um abraço apertado e um beijo na testa. Ele parecia tão diferente naquele momento... Era como se aquela pessoa que me dizia palavras bonitas não fosse a mesma que fazia minha mãe soluçar de tanto chorar. Mas eu não conseguia entendê-los.

Ele observava as flores que estavam negras, após morrerem sem ser cultivadas, que se afogavam pela chuva frente a janela com o escuro que dava contraste a sua pele.

Acariciou minha cabeça, enquanto movimentava seus lábios secos de maneira tensa.

E o barulho ecoava pela casa: taças colidindo-se pelo vento forte da chuva. Caía gotas d'água por toda casa que se espalharam pelo chão e paredes deixando-a casa com cheiro de petricor e as paredes com partes pretas pelo mofo causado por diversas chuvas mal se tinha uma lona para impedir a chuva de entrar pelas telhas que estavam rachadas e mal aguentaria outra chuvarada — Assim que ficam as coisas quando não cuidamos o suficiente... ou quando não há mais o que fazer, para fazê-las... vivê-las... Elas morrem com o tempo.

Eu o olhei com um olhar confuso perguntei a ele:

— Como você e a mamãe?

Pensei bem como era o relacionamento dos dois antes de ser destruído desta forma, era mágico, mas com o tempo ele começou a ser rude com a minha mãe de forma fria nem parecia que ele o amava mais, a minha mãe sempre foi dócil com ele tratou bem e sempre o incluía em sua vida ao contrário das atitudes a qual ele tomava e sempre agia como se ela fosse a real culpada. Como ele estivesse arrumando algum motivo para deixá-la e culpá-la por isso, a casa sempre barulhenta da barulheira que meu pai fazia sempre arrumando confusões, mas nunca sequer pedindo desculpas.

Ele engoliu a saliva sem uma resposta, levantando-se de cima do sofá, andando como se estivesse correndo contra o tempo em direção da porta, com lágrimas nos olhos. Eu não entendia por que ele segurava o choro. Ele saiu pela porta enquanto chovia; minha mãe seguiu pelos asfaltos molhados, agora encharcada, com lágrimas descendo do seu rosto, aquele rosto que tanto tremia de chorar. Ele tinha entrado no carro e saído, Deus sabe lá pra onde. Ela voltou para dentro



completamente encharcada seu cabelo mais escuro que antes molhando o chão de madeira, deixando-o escorregadio, se tremendo de frio.

Ela se sentou ao meu lado, umedecendo o sofá, colocando minha cabeça no colo dela, enquanto suas lágrimas pingavam em meu rosto. Ela me dizia, soluçando sem parar:

— Vai ficar tudo bem, eu prometo.

Aquela noite, ela me fez dormir em seu colo, no completo frio.

Ao decorrer daquela data, contei os segundos, horas, dias, semanas, meses e anos em que ele voltaria: um, dois, três, quatro, cinco... Ele nunca voltou. Uma promessa em vão.

Sempre olhava para as flores que ele me mostrou aquele dia e pensava: e se tivessem sido cultivadas?

Apenas um pesadelo, como todos os outros. Acordei na madrugada com minha cama encharcada de suor com meus lábios inteiramente secos, senti um cheiro pelo quarto que reconhecia, olhando para a vidraça; estava totalmente escuro.

Ao lado do abajur, belas flores de lírio.

Desde que ele foi embora, esses pesadelos aconteciam frequentemente, despertados por situações que me lembravam dele.

Nem sequer avisou que ia embora, mas sempre acreditei que ele poderia voltar algum dia.

Levantei da cama, passando pelos corredores na escuridão, chegando até a sala no completo escuro não enxergava nem cada passo que eu dava pelo corredor. Apenas o barulho



do meu colar de metal branco acinzentado batendo contra o meu pescoço enquanto eu caminhava em direção à geladeira, abri senti um arrepio do ar frio que surgiu em contato com minha pele peguei uma jarra de água despejando em meu copo enquanto bebia o líquido frio.

Andei-me de volta para meu quarto agora com um certo medo e tormento da lembrança com aquela com que sonhei. Sentei na cama, deitando-me e ajeitando o lençol, me remexia para lá e para cá na cama até conseguir pegar no sono.

Nesse dia, adormeci com lembranças da minha infância que se passavam pela minha mente. Ao amanhecer, com o sol atravessando os galhos e lançando reflexos luminosos, os passarinhos cantavam enquanto partiam para trás das árvores, cujas folhas amareladas se destacavam.

Minha tia preparava o café, e o doce e forte aroma se espalhava pelo ambiente. Entrei na cozinha, sentando-me na cadeira ao lado da mesa de madeira, enquanto direcionava meu olhar para minha tia, que estava encostada na pia.

— A mamãe vai tomar café com a gente hoje? perguntei.

Minha tia se virou, colocou um pouco de café em uma xícara e a empurrou para mim, com um leve sorriso e respondeu:

— Minha querida, sua mãe já foi trabalhar há três horas.

Peguei minha xícara, segurando-a pela alça, e bebi o doce café com um leve sabor amargo, em silêncio, sem dar uma resposta, olhando para o líquido quente em minhas mãos, enquanto pensava.

Ela se aproximou em passos lentos pelo chão de concreto, colocando a mão em minha cadeira, como quem tentava, de alguma forma, me consolar e dizia:

- Você ainda tem sete anos... Um dia vai entender por que sua mãe trabalha tanto assim falou retirando do rosto seus óculos e limpando a lente com um pequeno tecido de microfibra.

Eu a observava, concordando com a cabeça, enquanto terminava de beber meu café.

Cerca de meia hora depois, soltava pipa, que voava com leveza, levada pelo vento que soprava no céu brilhante. Suas cores vibrantes combinavam com o azul. Eu a segurava com força, com medo de perdê-la para o vento que batia.

As horas passaram enquanto eu brincava, sem perceber. Quando me dei conta, já estava escuro.

Cheguei de fininho atrás das portas e vi minha mãe e minha tia em pé. Minha mãe estava suada, com um semblante cansado, e sua pele, meio queimada, pelo trabalho que tinha nas roças o dia todo. Minha tia permanecia parada à frente dela, enquanto minha mãe franzia as sobrancelhas e gesticulava com as mãos repetidamente:

- Tereza, eu prometo que, quando eu tiver dinheiro o suficiente, não vou mais te incomodar — disse minha mãe.

Minha tia se sentou no sofá de tecido grisalho e empoeirado, cruzando as pernas e olhando para minha mãe.

- Cleusa, eu não estou pedindo para você ir embora. Pra que tanta pressa? Você pode ficar aqui o quanto precisar.

Eu entendi o que minha tia quis me dizer antes. Minha mãe me criou sozinha — era como trabalhar por dois, além de sustentar quatro filhas, com um dinheiro que mal sobrava.

Logo após sair dos meus pensamentos, minha mãe disse:

— Não vai demorar muito, Tereza — prometeu à minha tia.

Sem querer, acabei fazendo barulho com a porta, que se arrastava no chão de concreto.

As duas olharam rapidamente, tentando detectar de onde vinha o ruído. Quando perceberam, minha mãe caminhou até mim, com um sorriso, mas também com uma expressão preocupada, e me abraçou forte.

Minha tia nos olhava com um sorriso.

— Senti muita saudade, mas já deu a hora de dormir — disse ela, dando um leve sermão, já que eram quase onze horas da noite, minha mãe me levou para o quarto, onde estavam minhas quatro irmãs. Todas roncavam alto e se remexiam na cama, fazendo barulho.

Enquanto me deitava, pensava na conversa entre minha mãe e minha tia que me lançava várias perguntas sendo uma delas:

— Sempre pensei que todas as crianças da escola eram iguais, por isso não entendia por que se gabavam de mochilas caras ou coisas do tipo... Não pensava que, para alguns, o que é fácil de obter, para outros, é tão difícil.

Após 3 anos desde aquele dia...

Cheguei da escola cansada, suada, com os olhos quase se fechando de tanto sono. A escola ficava a milhas de casa, e o sol forte batia nos meus olhos, que ardiam.

Assim que entrei em casa, me apressei com passos longos até a cozinha para preparar o almoço. Cortei o frango

em pedaços e preparei a massa do cuscuz. Depois de cerca de 40 minutos no fogo, a comida estava pronta. Preparei a mesa com os pratos de cada um e os talheres que brilhavam sobre a mesa amadeirada.

Foi quando, pela janela, vi minha mãe andando em direção à porta. Ela a abriu lentamente, e, logo atrás dela, entrou um homem alto, de cabelos castanhos e pele marrom dourada. Antes que eu conseguisse mover os lábios para formular uma palavra, ela disse:

— Esse é o Tadeu, meu namorado.

Ela afirmou com um leve sorriso no canto direito da boca. O homem veio até mim, apertou minha mão e me deu um sorriso que parecia gentil. Ambos se sentaram à mesa, lado a lado. Quando Tadeu colocou a primeira colherada na boca, depois de mastigar, disse:

— Não acredito... que comida deliciosa!

Minha mãe olhou para ele com um olhar orgulhoso e respondeu:

— Minha filha, sempre que estou trabalhando, cuida da casa. Por isso aprendeu tão bem, com só 9 anos.

Falou com uma voz cheia de orgulho. Meus irmãos ainda não tinham chegado — estavam brincando na rua até aquela hora.

Depois desse dia, eles se casaram. Tadeu era uma ótima pessoa, ajudava minha mãe, inclusive com a alimentação, que mal dava para todos comerem. Apesar de todo esforço, um dia ouvi, ao passar pelo corredor, uma conversa entre eles. Estavam sentados na cama, e minha mãe disse:



— Tadeu, com o dinheiro que temos, não vai dar pra comida da próxima semana...

Ela falou com a voz falhando, quase querendo chorar. Tadeu se levantou, ficou de frente para ela, inclinou-se e a abraçou, sussurrando em seu ouvido:

— Eu te garanto, vai dar tudo certo.

Tadeu prometeu.

Ao ouvir aquilo, senti um amargor na boca. Aquela sensação que dava frio na barriga e secava minha garganta. Pensei nos meus irmãos sem conseguirem se alimentar. Corri para o quarto, com os passos barulhentos ecoando pelo corredor. Deitei de braços cruzados na cama, chorando sem parar, molhando o tecido com lágrimas. Me engasgava no choro, um grito silencioso preso no peito.

Foi naquele dia que decidi: eu precisava trabalhar para que a gente pudesse comer.

Na semana seguinte, comecei a trabalhar na fazenda de uma família rica, no interior da cidade. Eu era responsável por limpar os currais. O cheiro era tão forte que minha cabeça doía. Passava horas catando estrume, restos de comida e entulho.

Nesse dia, eu havia acabado meu serviço. Estava confusa — afinal, só tinha 10 anos. Era meu primeiro trabalho. O fazendeiro apareceu e falou:

— Terminou aí? Vai limpar as casas lá dentro.

O fazendeiro me olhava com os olhos semicerrados em uma voz autoritária como se fosse minha obrigação fazer algo que nem era paga para isso era um olhar de arrogância que ao olhar para ele vendo a grande casa atrás da silhueta de

seu corpo com o sol que batia para dentro do curral ele puxou meu braço de forma agressiva e levou-me ao lugar para eu limpar a casa de ponta a ponta, eu me sentia enojada só de olhar para os chãos de madeira peguento com cheiro de carniça lá dentro da cozinha cadáveres de animais de caça expostos em cima da mesa com dezenas de moscas onde pousaram ligeiramente ouvia os zumbido das moscas fazendo um que zumzum era irritante.

Apontou para a casa grande. Eu sabia que aquilo não era minha função, mas aceitei, porque precisava do dinheiro. Caminhei com passos firmes pela lama que sujava a borda da minha calça.

A casa estava imunda, cheia de pegadas de botas sujas. Esfreguei cada canto. O chão de madeira voltou a brilhar. O banheiro, antes amarelado, agora estava branco de novo. Terminei tudo às 10 da noite, tendo começado às 8 da manhã.

Desde então, meus dias passaram a ser assim.

Depois do trabalho, fui para casa. Tomei um banho gelado — a água escorria pela minha pele, levando embora o suor e o barro. Deitei na cama, exausta, com a mão na testa.

Mas, minutos depois, me levantei para preparar a janta da minha tia, que estava prestes a chegar do trabalho. Cortei a carne em pedaços — tinha comprado com o dinheiro que recebi hoje —, coloquei o arroz no fogo e o feijão na pressão. A partir de hoje, teríamos almoço e jantar para toda a família.

Minha tia chegou exatamente quando a comida estava pronta. Ela me olhou, sorriu e caminhou em minha direção. Me abraçou e sussurrou palavras baixas no meu ouvido. Todos em casa já estavam se reunindo para o jantar, mas eu só conseguia escutar sua voz dizendo:

— Você é a pessoa mais forte que eu já conheci.

Naquele momento, paralisei. As lágrimas escorreram devagar enquanto eu chorava em seu ombro, retribuindo o abraço. E então, um pensamento atravessou minha mente:

Talvez, só talvez... eu não queira mais ser a mais forte.

Mas era boa essa sensação de ver todos comendo sem preocupação.

No ano de 2003, era uma noite de festa junina. Eu estava encostada na parede, perto de uma grande mesa de madeira com uma toalha xadrez. Havia um menino alto, de pele parda. Usava uma blusa também xadrez e um chapéu de palha, com alguns fios castanhos caindo no rosto — parecia um daqueles bonecos de palha feitos pra espantar corvos.

Ele olhava como se tivesse ido até lá só por interesse, não exatamente pela festa. Tinha um sorriso de orelha a orelha. Ficava perto, num círculo de amigos, e veio caminhando na minha direção, sorrindo. Estava com um copo de vidro na mão, cheio de cerveja. Continuava bebendo e rindo pra mim, sem dizer uma palavra. Achei aquele cara meio esquisito.

Foi então que ele me olhou e disse:

— Se divertindo aí?

Eu olhei para ele, me desencostando da parede, franzindo as sobrancelhas.

— Não tanto. Essa festa me dá dor de cabeça — respondi.

Ele piscou pra mim, pegou um copo pequeno de vidro e foi até a geladeira buscar uma cerveja. Colocou no meu copo enquanto dizia:

— Já bebeu antes, garota?

Ajeitei meus cabelos encaracolados, olhei pra ele com um olhar firme e falei:

— Nunca. Nunca bebi.

Ele colocou o copo na minha mão e disse:

— Devia experimentar. É bom para acalmar os nervos... e curtir a festa.

Bebi um gole que queimou minha garganta, mas a sensação era de como estivesse viva novamente e tudo de ruim tivesse pessoa. Fui me aprofundando na bebida, e já tinha bebido bastante. O garoto andava na minha direção com passos lentos e um jeito meio convencido, rindo com os cantos dos olhos, que se iluminavam enquanto olhava para o meu vestido. Era de estampa floral, tecido leve e confortável, com a saia rodada.

Durante a festa, ele se encostava em mim algumas vezes. Em uma delas, soltou:

— Tá gostando?

Era a primeira vez que eu tinha um contato direto com um garoto. Nem respondi. Ele se curvou e falou:

— Como é seu nome, meu bem?

Dei um gole na bebida, parada num canto, e respondi:

— Meu nome é Vera.

Ele me olhou e disse:

— Vinícius. Meu nome é Vinícius.

Segurou meu braço e me levou até a fogueira. Falava coisas bonitas:

— Você é a garota mais bonita da festa, sabia?

Eu apenas assenti com a cabeça, meio boba. Ele se aproximava cada vez mais. Me chamou para ir até o quarto. E eu fui. Tropeçava um pouco por causa da bebida, mas aceitei. Ele parecia interessante... me tratou bem. E eu já era bastante grandinha — sou eu quem paga a comida lá em casa.

No fundo, eu sabia. Aquilo não era sobre mim. Ele só queria aproveitar a noite.

E eu deixei.

Na manhã seguinte, por volta das dez horas, acordei com o sol forte batendo no meu rosto, fazendo meus olhos arderem. Levantei meio tonta e, assim que me lembrei da noite passada, senti um gosto amargo na boca — quase um nojo.

Foi, talvez, a pior noite que eu poderia ter tido.

Era feriado de festa junina. Eu tinha ficado com um menino que nunca vi antes e talvez nunca mais visse. E o pior: nem sequer usei proteção.

As imagens dele em cima de mim voltaram à minha cabeça de forma crua, me dando vontade de vomitar ali mesmo. Cambaleei até o banheiro, me ajoelhei em frente ao vaso e vomitei.

Eu não queria ter feito aquilo. Algo dentro de mim quis... mas, ao mesmo tempo, me fez sentir suja. Foi uma escolha minha — então por que esse nojo?

Por que me sinto assim?

Eu não entendia.

Cerca de cinco semanas depois daquele dia, eu não me sentia nada bem. Estava trabalhando, limpando uma daquelas fazendas grandes, quando comecei a sentir enjoo. Achei que fosse só o cheiro ruim que sempre ficava no ar.

Mas, de repente, vomitei tudo de uma vez — caiu até nos meus sapatos, que estavam limpos.

O calor era sufocante. O suor escorria pela minha testa e eu me sentia incomodada com tudo. Fraca. Tonta. Quase sem forças. Meu chefe apareceu naquele momento, me viu quase de joelhos, perto do vômito. Seu olhar foi direto e cheio de nojo. Ele estreitou os olhos na minha direção, deu passos largos até se abaixar ao meu lado e disse:

— Puta merda... você tá muito mal.

Eu estava prestes a desmaiar. Mal conseguia entender o que ele dizia. Aquela frase ecoava na minha cabeça como um zumbido, cada vez mais alto.

Mas, surpreendentemente, ele me levou até em casa. Foi o primeiro gesto de bondade que já tinha visto vindo dele.

Horas depois, deitada ali, como se estivesse aceitando um destino cruel, pensei: talvez eu vá morrer. Mas então, do nada, me veio a lembrança da noite em que fiquei com aquele cara.

Levantei com o coração acelerado, o rosto assustado. Caminhei rápido até a farmácia. Havia vários homens altos, fedendo a cigarro. As ruas também tinham esse cheiro — sempre aquele cheiro. Velhas, rachadas, descascando como tudo por ali.



Entrei na farmácia, peguei o teste de gravidez e deixei o dinheiro no balcão. Voltei apressada para casa, pisando com força no chão de concreto que ecoava alto. Fui direto para o banheiro. Fiz xixi no teste e esperei cinco minutos.

E adivinha?

Deu positivo.

Entrei em desespero. Eu nem morava sozinha — vivia de favor na casa da minha tia.

O que eu ia fazer agora?

Sentei no chão do banheiro. Me restava apenas chorar. Depois, levantei com raiva, joguei o teste no chão e pisei nele, como se fosse ele o culpado de tudo isso.

A verdade doía.

Aquilo de fazer sexo para parecer forte... só exalava fragilidade.

No dia seguinte, por volta do meio-dia, na hora do almoço, quando todos comiam, os talheres batiam e mastigavam concentrados em sua comida. Comecei a me preparar para contar o que havia acontecido no teste que eu fiz. Era como se minha língua estivesse presa, e eu não conseguisse falar.

Minha tia olhou para minha mãe e meu padrasto com uma cara de quem sabia que havia algo comigo. Ela me encarou com as sobrancelhas franzidas e lançou a pergunta:

— Você tem algo para nos contar?

Olhei para ela. Meu coração estava acelerado. Ela parecia tão desconfiada... Eu estava com medo de como reagiriam.

Jamais seria capaz de abortar essa criança. Talvez fosse o fio de esperança de felicidade que ainda me restava.

Então apertei com força o talher que estava na minha mão e disse, com uma voz dura que ecoou por todo o cômodo:

— Eu estou grávida. Falei de uma forma meio envergonhada.

Minha mãe me olhou com incredulidade, largou a colher da mão e, com um olhar de raiva, falou:

— Você tem 15 anos! Quinze anos! Mal entrou na adolescência e já engravida? Nem condições temos de criar uma criança!

Gritou minha mãe.

Minha tia olhou para ela, como se tentasse consolar, e logo voltou o olhar para mim, dizendo:

— Eu posso criá-la como minha filha. Eu tenho estabilidade para isso.

Disse com esperança de acalmar o clima, que já estava péssimo. Meu padrasto não disse uma palavra. Continuava mastigando a comida com força, os pés batendo no chão de concreto. Ele e minha mãe tinham acabado de comprar a casa onde jantávamos naquela noite. Parecia nervoso como nunca o vi antes.

Minha mãe interrompeu os sons que ele fazia:

— Melhor. Quando a criança nascer, cuide dela como se fosse sua. Nós não temos como cuidar. Falou minha mãe quebrando o silêncio que havia na cozinha.

Ao ouvir aquilo, senti-me afundar em meus próprios sentimentos. Olhei para minha mãe, sem dizer uma palavra.

Não gostei da ideia, mas não tinha escolha. Não havia como dar uma vida boa àquela criança, então apenas concordei, balançando a cabeça.

Minha tia colocou uma colher na boca, mastigando devagar. O barulho dos pés no chão e da mastigação se repetia. Então ela perguntou:

— Quem é o pai? Você pelo menos sabe?

Ouvi aquilo como uma ofensa. Falou como se eu tivesse ficado com vários homens. Aquela foi minha primeira vez, e eu errei. Mas não cometeria o mesmo erro de novo. Respondi com a voz trêmula, quase chorando:

— Vinícius, o filho do João.

Minha tia ficou perplexa. Claro, Vinícius era mimado, filho de João — um grande fazendeiro da região. Viviam do agronegócio, uma família muito bem-sucedida.

Minha tia disse:

— Você já contou pra ele que vai ser pai? Não, né? Você deve contar.

Olhei para ela com raiva, e apenas falei:

— Não. Não contei. Vou contar amanhã.

Minha tia suspirou, com o rosto entristecido, apenas concordando.

No outro dia, procurei pela rua dele. Conversei com funcionários da fazenda do João e um deles me passou a localização. Segui como indicado e vi Vinícius de longe. Fui até ele.

Ele me olhou com deboche, como se eu ainda quisesse algo com ele.

— Preciso conversar com você — falei.

Ele riu, cheio de confiança, com um sorriso curvado nos lábios. Cheirava a tabaco e álcool. O cheiro forte me embrulhava o estômago. Puxei-o para um cômodo, e ele disse:

— Você não precisa de conversa. Precisa de outra noite. — Já tirando a camisa.

Antes que ele continuasse, falei:

— Quê? Não. Não é isso. É que... naquela noite... eu engravidei de você.

Ele riu alto, como se fosse piada, e logo lançou a frase:

— Uma lascada como você, grávida de mim? — Pôs a mão na barriga, forçando um sorriso. — Você é só mais uma daquelas putinhas que fingem estar grávidas para conseguir o meu dinheiro. Eu não vou assumir o que não é meu.

Eu estava sem paciência, com raiva. As palavras dele soavam como veneno. Como se eu não tivesse valor humano. Só ele valesse algo, por ter dinheiro.

As pessoas agem como se quem tem menos não valesse nada. Mas eu não acho que dinheiro resume quem fomos ou somos. E não ia deixar ele agir como se fosse superior a mim.

Estendi a mão, sorri com frieza e disse:

— Tem razão. Eu não engravidaria de um animal.

Ele franziu a testa, confuso. E, com a mão estendida, dei um tapa seco e direto no rosto dele.

Ele parecia chocado, não disse uma palavra. A única coisa que saiu da boca dele foi um sussurro:

— Sua puta.

Sete meses depois disso, eu tentava conseguir fazer os tratamentos, o pré-natal, saber como estava o bebê... mas não era como se eu conseguisse. Já tentei pelo SUS, mas não tinha na minha cidade — afinal, era muito pequena. Tentei até descobrir o sexo, mas o hospital não disponibilizava, e eu não podia mudar isso. Essa era a realidade de muitas pessoas.

Dois meses depois...

Ela nasceu. Era uma bela menina. Fiquei feliz, mas não conseguia parar de sentir aquele aperto no coração por não ser eu quem ia cuidar dela — ou melhor, criá-la. Sim, minha tia olhava para ela nos meus braços com aquela sensação de que não era isso o que eu queria. Meu padrasto e minha mãe chegaram algumas horas depois no hospital para vê-la. Minha mãe parecia encantada com ela e logo disse:

— Meu Deus, ela é tão linda! E a sua cara... ela tem os seus olhos.

Meu padrasto parecia encantado, como se estivesse enxergando através do paraíso. Foi aí que eu olhei bem para minha mãe e disse:

— Mãe, deixa eu ficar com ela. Eu prometo trabalhar para dar o melhor para ela.

E, surpreendentemente, ela aceitou. Disse para mim:

— Irei falar com sua tia. Nós vamos cuidar dela. E eu vou te ajudar. Eu e Tadeu compramos uma casa, nos damos conta.

Tadeu afirmou com a cabeça e disse:

— Faremos de tudo para cuidar dela.

Ele foi embora do quarto, me deixando sozinha com ela. Após algumas horas, eu ainda observava minha filha, admirada. Tinha olhos grandes, alguns cachinhos que já dava para ver, e olhos castanhos. Aquela menina me salvou. E eu pensava:

“Passei minha vida toda pensando na beleza da vida que parecia perdida, mas agora — pelo menos agora — ela não parece tão perdida assim.”

Dei a ela o nome de Alice.

Três anos depois...

Tive meu segundo filho. Dessa vez, um menino. Se chamava Felipe. Tinha cabelos castanhos, olhos escuros e era lindo. Soava como um anjo que surgiu para iluminar minha vida.

Ainda vivia com minha mãe, mas a condição era melhor. Agora havia um pai que assumia as crianças e pagava pensão — mas só isso. Não estávamos em um relacionamento, nem nada do tipo.

Cheguei até meus pais, já com 19 anos, e disse, olhando para meu padrasto e minha mãe:

— Eu tô querendo ir trabalhar fora, onde tem mais oportunidades de emprego. Quero dar uma vida melhor para meus filhos e peço pra vocês cuidarem deles até eu voltar.

Minha mãe se levantou, veio até mim, me puxou forte e enterrou minha cabeça no ombro dela. Disse palavras doces:

— Eu sempre vou te apoiar. Pode ir, prometo cuidar deles.

Meu padrasto veio com passos leves no concreto e nos abraçou.

Desde aquele dia, me mudei. Agora com novos amigos, novos ciclos. Longe de pessoas que me fizeram tão mal... mas também longe dos meus filhos, da minha felicidade. Me mandaram uma mensagem falando que Alice estava doente. Eu andava nervosa no trabalho. Agora, trabalhando em estoque, ganhando um bom dinheiro, mandei tudo o que tinha para minha mãe cuidar dela enquanto eu estava fora.

Trabalhava mais de 12 horas por dia, com horas extras todo dia. Voltava exausta daquele ciclo repetitivo, sem nada novo. A saudade, no meu peito, doía. Já fazia um ano que eu estava lá.

Depois, consegui voltar. Passei três meses lá. Meus filhos chegaram me dando abraços.

Felipe disse:

— Mamãe, eu senti saudades! Eu contava os dias pra te ver...

Ele estava emocionado, me segurando forte, como se eu fosse fugir.

Já Alice, apenas me abraçava, sem dizer palavra alguma.

Desde o dia em que voltei, sempre fui presente na vida deles. Não queria cometer o erro de deixar algum deles se sentir negligenciado. E hoje, tudo o que faço é por eles.

Passei a frequentar a igreja. Algumas pessoas dizem que não acreditam — cada um com sua fé — mas eu acredito. Acredito que todos temos chances em nossas vidas. Não devemos ser rotulados com base em valores, dinheiro ou status. O que realmente importa são nossos atos diários, os gestos bons, aquilo que faz meu dia se iluminar ao olhar para o sol e perceber que ainda há esperança em todos nós.

Mesmo que muitos nunca tenham acreditado... falavam que eu era apenas uma pobre sem propósito. Mas hoje, com meu segundo filho, eu vejo que tenho um propósito: não deixar que joguem um véu sobre os olhos dos meus filhos, como a sociedade tantas vezes faz, escondendo deles o que não querem que vejam.

E foi a fé que me trouxe até aqui. Acho que, pelo menos para aguentar até o fim, precisamos ter fé — fé naquilo em que acreditamos.

6 meses depois

Tive que voltar para Brasília para trabalhar. Passei alguns meses dando atenção e presenteando meus filhos. Sempre ligo para eles quando estou aqui. Trabalho com afinco para poder estar sempre presente quando precisarem.

Assim que voltei ao trabalho, mergulhei na rotina intensa de todos os dias. Foi então que uma amiga minha, Angélica, me chamou para uma festa que aconteceria na empresa. Meu amigo de trabalho estaria lá, além de várias outras pessoas. Eu estava animada com a ideia e respondi, sorrindo:

— Claro que sim! Que dia vai ser?

Ela me olhou com um sorriso de orelha a orelha e respondeu:

— Amanhã, às sete da noite. Espero te ver lá!

Ela saiu pela porta da frente, pois nosso turno havia acabado. No dia seguinte, fui à festa. Lá estava ela, junto com outros amigos. Eu me arrumei como nunca havia feito antes. Meus cachos estavam volumosos e bem cuidados, e eu usava uma roupa branca. Meu olhar brilhava como nunca.



Foi então que um homem lindo, cabelos castanho, ele era branco como a neve.

E usava uma blusa de manga longa social e uma calça de alfaiataria preta.

Se aproximou, com um sorriso contagiante. Ele olhou para o meu vestido e disse:

— O seu vestido é lindo... como você.

Ri da frase, que me pareceu uma abordagem boba, e apontei para a camisa dele:

— A sua blusa também é linda, respondi.

Ele riu de volta, muito feliz, e conversamos a festa toda ele se chamava Lucas.

Um mês depois, eu havia economizado o suficiente para finalmente morar com meus filhos. Comprei uma casa para vivermos juntos e iria voltar para vê-los dois meses depois. Estava radiante e, ao telefonar para contar a novidade, andava de um lado para o outro na rua, descrevendo cada detalhe com alegria.

Logo após essa conquista que me fez transbordar de felicidade, vi o “cara do vestido”. Eu estava ouvindo música no celular quando ele se aproximou e disse:

— Céus! Eu amo essa banda é a minha favorita.

Franzi o cenho, surpresa, e respondi:

— Eu adoro eles, ouço desde o útero praticamente.

Passamos a tarde toda conversando sobre a banda. Começamos a nos encontrar por aí — em uma esquina, em

outra — sempre com conversas boas e leves. contei sobre meus filhos para ele. Sinceramente, ele era encantador: suas palavras, o jeito bobo com que falava comigo... Nós tínhamos tudo em comum.

Algum tempo depois, durante um jantar em um restaurante, ele se ajoelhou à minha frente com um anel de ouro e seu lindo sorriso de sempre, dizendo:

— Vera, você quer namorar comigo e viver os anos mais felizes da sua vida?

Olhei para ele, rindo pela cena toda — ele ali, ajoelhado diante de todos — e respondi:

— Se eu aceito? Mas é claro que sim!

Ele se levantou, colocou a aliança no meu dedo e continuou sorrindo com os olhos brilhando.

Quando me mudei para uma cidade no interior da Bahia — um lugar chamado Luís Eduardo Magalhães —, ele foi junto comigo e conheceu meus filhos. Sempre brincava com todos, contava histórias para dormir e até brincava de Barbie com a Alice. Ele era perfeito demais para ser real. Muitas vezes, me pegava rindo sozinha ao vê-lo com as crianças.

Casamos dois anos depois na igreja católica eu usava um vestido longo rodado branco com um véu na cabeça, Tadeu me levou o altar fiquei de frente a Lucas ele usava um terno branco justo em seu corpo ele estava emocionado quase chorando os seus sapatos sociais eram preto foi quando o padre começou a dizer:

— Estamos aqui reunidos para celebrar a união destes filhos de Deus, Vera e Lucas.

O padre se voltou para Lucas, seu olhar sereno e solene, como se carregasse o peso de séculos de tradições sagradas.

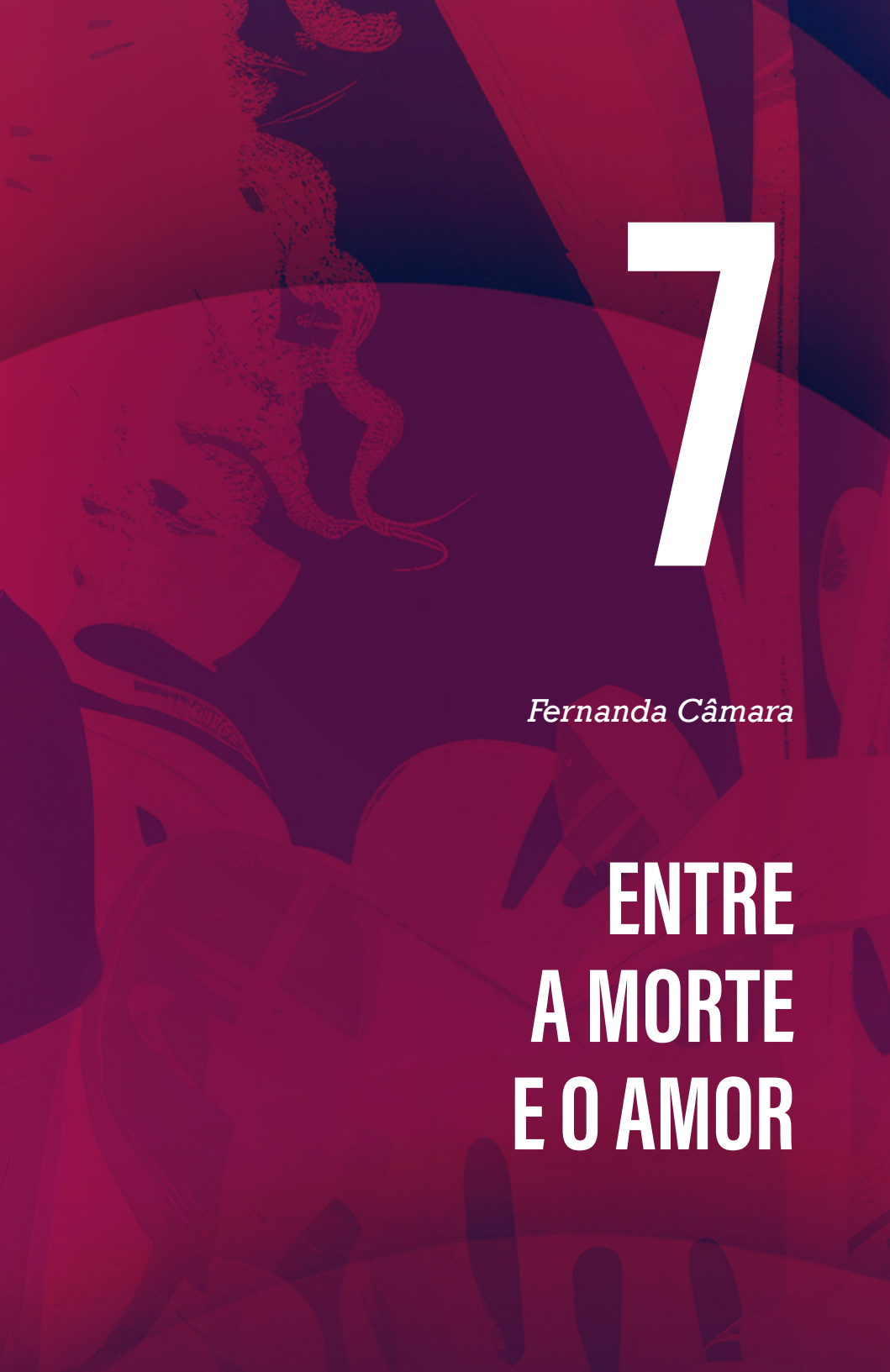
- Lucas, de livre e espontânea vontade, você aceita Vera como sua legítima esposa? Promete amá-la e respeitá-la, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias de sua vida, até que a morte os separe.

Ele sem hesitar concordou, o padre nos olhou e nossos filhos foram pajem e dama de honra que nos trouxeram as alianças. Após a troca desses anéis de casamento, ele me beijou como se fosse a última vez e meus filhos assistiam rindo felizes, comentando entre si.

Foi a junção de tudo — a cereja que faltava para eu me sentir inteira novamente. Achei que nunca seria possível. Desde criança, quando meu pai se foi, eu acreditava que os relacionamentos eram como aquelas pétalas pretas de um lírio morto: um reflexo do que eu via e do que já tinha vivido. Mas nem todas as plantas precisam morrer. Basta cultivá-las.

E isso nunca faltou. Ao contrário — a flor foi ficando mais bela. Aquele céu antes pintado de preto foi se colorindo aos poucos, com o passar da vida. Nada — nem riquezas, nem arrogância — supera o amor verdadeiro. Um amor que se cultiva, que floresce.





7

Fernanda Câmara

ENTRE A MORTE E O AMOR

UMA INFÂNCIA CONTURBADA

Ah... a infância, algo belo, um momento de formação dos “anjos”, onde vós ensinam o fundamental, os princípios e o mais importante, a formação de uma identidade, é esperado que as crianças espelham as atitudes de quem os criou, mas e se seus tutores não forem uma forma exemplar de algo a ser espelhado? Se o que lhe foi ensinado não passar de fantasias de uma mente doente? Alguns pais herdaram de seus antepassados a forma indevida de educar uma criança, um dos casos mais comuns: manipulação e abusos psicológicos. Pobres anjinhos que se deparam com uma situação tão trágica, mas muitos com o tempo aprendem a superar esses ocorridos. Infelizmente esse não foi o caso da pequena Allana.

Tinha um pai abusivo que lhe negligenciava o amor que seria um dos principais pilares para o desenvolvimento pessoal da pequena Allana. Por outro lado, havia uma mãe narcisista que sabia exatamente as palavras certas para transformar a pequena em uma marionete facilmente controlável.

Mas havia algo que Allana sabia muito bem, ela precisava aprender a deixar de ser dependente, precisava ser perfeita, mas espere, ser perfeita para quem? Por que uma criança de seis anos teria a necessidade de ser perfeita, isso é errado, não é? Mas foi isso que Allana aprendeu, seus pais costumavam dizer “seja uma boa aluna e evite problemas” qualquer outra criança não entenderia o contexto disso, mas ela sabia, ela sempre soube que isso era um simbolismo do egoísmo de pessoas que deveriam ser seu porto seguro. O pedido de evitar problemas nunca foi para ensiná-la a criar responsabilidade, e sim porque eles não queriam se responsabilizar pelas ações da menina.



No final, ela sabia que estava sozinha, era ela e o mundo, seria errado pensar assim quando ela tinha pais, afinal, muitas crianças desejariam ter uma família, a garota viveu achando ser egoísta por possuir tais pensamentos, seria ela uma pessoa que não sabe valorizar o que tem? Aos seis anos, já enfrentava os próprios demônios que viviam em sua mente, era doloroso, mas optou por aprender a resolver tudo sozinha, pois aquela fala “evite problemas” encontrou solo fértil na mente da pequena que mal imaginava que as coisas ruins começaram a partir dali.

Ao longo do tempo, a pequena desenvolveu dependência emocional e medo do abandono, as brigas em sua casa eram frequentes, ameaças e xingamentos se tornaram uma rotina. Isso tudo não parou por aí, a criança desenvolveu medo de errar, em razão de que sempre ao pedir ajuda a seu pai ou qualquer deslize na comunicação já seriam motivos de mais brigas e desentendimentos.

Por volta de seus sete anos, a pequenina já não sorria livremente, evitava conversar e mantinha a preferência de ficar sozinha apesar de ainda dormir junto com os pais, não porque ela queria, mas por medo. Medo esse que sua própria mãe alimentava todos os dias, costumava falar para ela que fantasmas e seres ruins atormentariam a pobre garota durante as madrugadas, não era somente esse tipo de coisa que ela sussurrava nos pequenos ouvidos...

Apesar de tudo, Allana acreditava que esses seres não a fariam mal, afinal estava perto de adultos, certo? Eram tamanhas invenções que no futuro seriam motivos de trauma, mas vejamos, há quem, na sociedade insiste em afirmar que traumas são frescuras. A criança ouvia isso dos pais e professores, logo ela acreditava na normalidade em ter suas perspectivas menosprezadas. Uma garotinha de sete anos acreditava merecer tudo aquilo.

Mesmo com tamanho os desafios, Allana era uma ótima aluna, sempre quietinha, tirava as maiores notas e mesmo com sua timidez, ela aceitava de bom grado ajudar os colegas e professores. Ela era uma criança doce com uma família azeda, que grande contradição.

Todos os dias, essa estudante levava flores para as professoras, acreditava que um simples gesto poderia alegrar o dia delas. Realmente, isso arrancava-lhe alguns sorrisos, alguns eram cansados; outros, satisfeitos. Sabia disso, pois ela aprendeu a identificar as emoções das pessoas através da menor expressão facial realizada pela outra parte.

Allana agora tem dez anos e desenvolveu alguns problemas; mal falava com os pais tinha uma fobia social que lhe causava ansia somente de se imaginar perto de outras pessoas. Sente-se fora do padrão, tal como um girassol em um campo de rosas ao pôr do sol. Além de problemas familiares, a juventude lhe batia à porta, pretendendo trazer mais problemas que parecessem ser o fim do mundo. Claro, quando se é jovem, tudo é tão intenso e confuso; é o momento de desenvolver responsabilidades e aprender que o mundo é um lugar difícil e que, em algum momento, vai destruir lentamente a única inocência que possa existir.

Mesmo conhecendo o mundo, a jovem já sabia que o mundo era cruel, para evitar cair no rio do enlouquecimento, ela criou o seu próprio mundo e sempre que podia ela fugia da realidade. As músicas e os livros foram se tornando abrigo para as mazelas a sua volta, lia para acalmar o coração amargurado e ouvia músicas para desacelerar a mente que insistia em lhe pregar peças.

Na escola, evitava conversar, seu pai havia lhe dito “amizades são uma forma de criar um inimigo que no futuro

te fará mal, evite isso e seja auto suficiente” que belo conselho para uma juvenzinha. A pequena acreditou nisto como se fosse uma profecia sagrada que jamais deveria ser contestada, e seguiu tentando lutar contra seus problemas já que seus pais não podiam saber.

Apesar de tudo, Allana seguia em frente, mas sua alma já carregava o cansaço de quem, tão nova, precisou crescer demais. No dia primeiro de outubro de 2023, completou quinze anos. Mas o que deveria ser um marco de celebração foi engolido pelas discussões constantes dentro de casa. Enquanto os pais gritavam, suas notas deslizavam, e ela se perguntava — seria culpa sua? Ou seria o peso de viver em um ambiente onde o afeto parecia sempre ausente?

A garota olhava à sua volta e sentia-se deslocada. As outras famílias pareciam sair de um comercial de televisão, onde todos sorriam na mesa do café da manhã. Allana não conhecia esse cenário. Carregava dentro de si a frustração de quem sempre teve que se fazer forte. Não invejava a felicidade alheia, mas desejava um lugar de pertencimento, um abraço que não exigisse nada em troca. Sentia-se como um girassol que, mesmo diante de tempestades, insistia em procurar o sol. Não era ausência de dor — era presença de resistência. Sua história não era uma comédia, mas também não queria ser tragédia. Ela era, antes de tudo, alguém em construção, tentando encontrar poesia entre os escombros da infância.

UMA NOVA AMIGA

Lá estava eu, em mais um dia desmotivada na escola e murmurando nos corredores:

- Como pode, não são nem sete e meia e essas pessoas estão tão animadas? Como alguém pode estar animado para acordar cedo e vim para esse inferno?

Olhava ao meu redor, havia pessoas com seus grupinhos, garotas extremamente maquiadas, algumas pareciam estarem tão desleixadas quanto ela, alguns garotos corriam e sorriam, professores andando pelo corredor cada um tomando seu destino. De repente, avistei a professora da minha sala, levantei-me, arrastando meus pés até chegar ao meu assento, onde eu já havia deixado minha mochila marcando lugar. Tomei esse lugar e esperei a senhora entrar na sala. Como sempre, ela estava lá, com aquele sorriso extremamente falso que nunca parecia alcançar seus olhos, mais uma vez, iniciou sua fala que eu já havia decorado.

- Bom dia, turma, como passaram o final de semana? — seu sorriso incrivelmente falso persistia no lugar. Argh! aquele sorriso me incomodava tanto, pois me fazia lembrar da natureza falsa e manipuladora que por si só era mais do que a definição ideal para descrever a humanidade. Repentinamente, a professora me chamou:
- Allana? Querida, você está bem? — ah, sério mesmo que me perdi em pensamentos novamente? Argh, preciso respondê-la mesmo odiando esses olhares que me queimam como se eu fosse uma bruxa do período de 1560, preparei-me para responder a pergunta anterior feita por ela.
- Perdoe-me senhora... Só estava, uh, repensando sobre seu conteúdo — Essa mentira sempre cola, adoro a forma como os humanos aceitam qualquer resposta, claramente eles nunca estão interessados um no outro, por esse motivo nunca aprofundam no assunto, ela deu

continuidade à aula, mas confesso: nem todos são como ela. Alguns professores, ao contrário, me ensinaram que é possível ser abrigo. Lembro da professora de Literatura, que uma vez me emprestou um livro com uma dedicatória singela: “Espero que as palavras te abracem”. E abraçaram. Com ela, aprendi que educar também pode ser um gesto de cuidado, de escuta e de presença. Foi ali, naquela troca silenciosa entre páginas e olhares, que percebi que existem pessoas dispostas a não nos machucar — mesmo dentro de um sistema tão cansado. Talvez por isso ainda permaneça aqui, ainda que em frangalhos, procurando algum sentido entre as palavras.

Muito bem, querida! Alunos, por favor, peguem seus livros e abram na página 130. — Mais uma aula entediante, pensei. Já sei exatamente o que vai acontecer: a professora vai ler o texto, como sempre, com aquele tom monótono e nos entregar cinco questões e sumir da sala. Mesmo com essa monotonia, ela esperava que entendêssemos tudo... Humanos.

Tentei manter o foco, mas logo o intervalo chegou. Encolhi-me na cadeira, celular em mãos, buscando refúgio num livro aleatório que me distraísse da confusão ao redor. Mas era impossível. Gritos, jogos, vídeos, discussões. Como suportar tanto barulho? Levantei e fui até uma sala desativada. Por sorte, estava vazia. Respirei fundo. Silêncio. Pela primeira vez naquele dia, encontrei paz. Apenas eu e minha mente — que, por si só, já fazia barulho suficiente.

Me acalmei, li e chorei. O livro falava de uma amizade improvável, linda demais para ser real. A solidão, tão presente em mim, doía. Chorei como uma criança perdida no mercado. Já sabia que estava sozinha, mas reconhecer isso era outra história. Prometi a mim mesma que iria encontrar abrigo na solidão.

O sinal me despertou. De volta à sala, percebi que os colegas estavam mais calmos — claro, era aula de Educação Física, e o professor exigia silêncio, pelo menos isso. Me acomodei em meu canto, peguei o diário e comecei a escrever. Era minha única companhia, o único com quem dividia meus pensamentos, porém naquele dia, algo diferente aconteceu.

Uma voz doce me tirou do transe. Uma garota sentou-se ao meu lado, sorrindo. Olhava um dos desenhos do meu diário. Seu olhar era gentil, livre de qualquer falsidade e eu me senti desconcertada.

— Você desenha bem e ouvi falar de você — disse ela com ternura.

Olhei com desconfiança.

— Não devia estar com suas amigas? O que faz aqui comigo? — minha voz foi mais ríspida do que eu queria.

Ela apenas sorriu, sem se abalar.

— Você parece legal. Meu nome é Carlana. Podemos ser amigas?

Fiquei em silêncio pensando como alguém queria se aproximar de mim? Logo de mim? Mas... por quê?

— Bom, se não quiser, tudo bem...

— Eu quero — interrompi. Sorri, ainda que tímida. Talvez testando a sinceridade dela.

— Sério? Você parece ter personalidade. Isso me cativa — disse, observando o movimento da quadra.

O barulho voltou, insuportável. Garotas gritando, maquiagem borrada, garotos fazendo palhaçada. Revirei os olhos.

— Personalidade? Isso aqui é só uma forma mais suportável de existir.

Ela riu, e foi uma das risadas mais doces que já ouvi.

— Posso mexer no seu cabelo? — perguntou com o mesmo sorriso.

Fiquei desconfortável, mas havia algo diferente nela, era algo que me acalmava.

— Não gosto que mexam no meu cabelo — murmurei, notando seu olhar entristecido. — Mas... você pode.

Ela se aproximou e começou a fazer um cafuné leve, quase tímido e eu me entreguei ao gesto. Era um toque diferente de tudo que já conheci. Fechei os olhos. Encostei no ombro dela. E dormi.

Acordei com sua mão macia tocando meu rosto.

— A aula acabou. Vamos?

— Obrigada... — respondi, envergonhada.

— Você é muito fofa, Allana. Até amanhã.

Ela se foi. Fiquei ali, imóvel. Será que ela voltaria no dia seguinte? Quis acreditar que sim.

Voltei para casa, em silêncio e meus pais me esperavam no carro. Aquela ironia: dizem que não posso andar sozinha, mas sempre fui sozinha. Em casa, comi para aliviar a ansiedade, tomei banho, encarei meu reflexo. Não gostava do que via, porque meus olhos pareciam vazios, por isso chorei de novo.

Mas algo era diferente naquela noite. Pela primeira vez, alguém havia se aproximado de mim, sem motivos ocultos, sem interesses, ela simplesmente quis estar ali.

— Vamos lá, Allana. Não estrague tudo — murmurei a mim mesma.

Na manhã seguinte, acordei cedo. Preparei o café, os pães, me arrumei e cheguei à escola antes de todo mundo e sentei no mesmo canto de sempre. Lia um livro, quando alguém cobriu meus olhos, assustada, empurrei.

Era Carlana.

Ruborizei.

— Me desculpe!

Ela riu.

— Tudo bem, Lana.

Lana. Ela me chamou de Lana.

— Vamos? Faltam cinco minutos.

E fomos, desde então, ela esteve ao meu lado, dentro e fora da escola e assim eu me sentia segura, viva e menos sozinha.

Carlana era um gesto de ternura no meio do caos como um afago na alma cansada. Alguém que chegou sem aviso, mas ficou. Por causa dela, comecei a acreditar que talvez, só talvez, amizade não fosse só uma fantasia dos livros, porque no meio de um mundo que parecia só ruído, ela foi o silêncio bom.

E isso... isso salvou minha vida.

UM AMOR GENUÍNO

Hoje faz um ano e meio desde que conheci Carlana. E, honestamente, não sei como vivi tanto tempo sem aquela

garota? Ela era a melodia que Beethoven jamais comporia, a arte que Michelangelo esqueceu de pintar, o ar dos meus pulmões, o refúgio da minha alma inquieta. Se ela soubesse o quanto sua amizade salvou minha vida, entenderia por que meus olhos sempre a procuram com ternura. Ela se tornou o meu viver.

E se realmente existirem outros universos, em todos eles meu coração ainda a escolheria sempre, porque o que eu pensava ser uma amizade profunda revelou-se algo ainda maior.

Naquela tarde comum, ela me chamou para tomar sorvete. Mas nada naquela cena era comum: segurava dois colares, um com pingente de lua e outro com o do sol. Antes que eu pudesse reagir, sua voz doce me atravessou:

- Allana, faz mais de um ano que a gente se conheceu. Eu já não consigo mais guardar isso para mim, sei que as consequências podem ser grandes, mas... eu te amo. Amo como quem ama café preto em dia chuvoso, como quem ama dormir abraçando um gato. Eu te amo de coração e alma. Sei que nossas famílias talvez nunca aceitem isso, mas... se você quiser, a gente pode tentar, só me dê uma chance.

Meu coração trovejou dentro do peito. Nunca a tinha visto com esses olhos, mas ali, naquele instante, tudo se rearranjou. Cresci ouvindo que amor só existia entre homem e mulher. Então por que me senti assim? Por que meus olhos se encheram de lágrimas, meu estômago se contraiu e minha mente ficou em choque?

Minha mãe costumava dizer que relacionamentos como esse levavam ao inferno, entretanto eu me pergunto: que Deus é esse que pune quem ama? Se amar é pecado, que me condene. Porque o Deus que conheci através da dor também se fez consolo. E o meu consolo era ela.

Com a voz trêmula e o coração em brasa, respondi:

- Sim, sim. Eu não sei quando começou, mas eu sinto algo por você. Quando estou perto de ti, tudo ganha cor; quando estou longe, o mundo perde o gosto. Você é o meu sol.

Ela sorriu e colocou o colar da lua no meu pescoço. Tremi. Quando foi minha vez, afastei seus cabelos negros como a noite e preendi o pingente do sol ao seu pescoço. Depois, ela me abraçou, sussurrando:

- Lana, ficaremos juntas e enfrentaremos todas as tempestades. Eu estarei com você, sempre.

Aquele final de tarde foi o início do nosso amor. Caminhamos pela praça sob o pôr do sol, com os dedos entrelaçados. Quando seus lábios tocaram os meus, o tempo pareceu se curvar diante de nós, foi um beijo leve, suave, mas que incendiou minha pele. A partir dali, passei a acreditar que, sim, era possível ser amada.

As semanas seguintes foram um refúgio, Carlana ia sempre à minha casa, meus pais acreditavam que ela era apenas uma amiga e eu me agarrava a essa mentira como um escudo.

No nosso aniversário de um ano de namoro, preparei um piquenique na praça onde demos nosso primeiro beijo. Levei bolinhos, chocolate meio amargo, uvas, morangos, sucos de caixinha e um livro. Enfim, era tudo que ela amava. Quando ela chegou, linda em um vestido florido, parecia saída de um quadro de Botticelli.

- Lana, você preparou tudo isso sozinha? — ela riu, com aquele jeito doce que me desarmava.

- Quis te surpreender, você sabe... minha linguagem do amor é o cuidado — respondi.

Comemos, rimos, nos abraçamos. Adormeci no colo dela, sentindo que o mundo fazia sentido.

Mas a paz tem inimigos. Ao voltar para casa, senti os olhares atravessados das amigas da minha mãe, não demorou, entrei e recebi um tapa. Meu pai, com olhos carregados de raiva, gritou:

- Sua ingrata! Você é uma vergonha!

Minha mãe não foi diferente:

- Filha, isso é pecado. Você sabe que vai queimar no inferno.

Chorei, rogando por escuta:

- Mãe, eu a amo e isso não é errado. Por favor, não me olhe assim.

Não adiantou, pois a decisão estava tomada: eu seria exilada para a casa da minha avó, em Bariloche, na Argentina.

Naquela noite, mandei uma última mensagem para Carlana:

“Meu amor, meus pais descobriram tudo que há entre nós. . Vou ser levada para Bariloche, mas nunca vou te esquecer. Prometo te escrever, mandar fotos. Você é meu sol, sempre será, em três anos, estarei de volta. Prometo isto: vamos nos reencontrar, nesta vida ou em outra.”

Depois, enterrei o celular no quintal e no dia seguinte, embarquei, jurando a mim mesma que lutaria por esse amor e pela liberdade de ser quem sou. Ao meu ver, amar não pode ser crime, Amar é resistir e eu sou resistência.

A FATÍDICA NOTÍCIA

Allana embarcou às 8h30 da manhã, foram mais de nove horas de voo, quando o corpo cedia ao cansaço e o coração se contraía de saudade. Chegou a Bariloche exausta e com o peito sufocado pela ausência de Carlana. Como suportar estar longe de quem se ama?

A nova rotina ao lado da avó, dona Maria, revelou-se um tormento. A senhora, de religiosidade rígida e moral conservadora, recebeu a neta com olhos de julgamento. Ao descobrir o motivo de sua chegada, impôs uma disciplina opressiva: roupas largas, vigilância constante, punições físicas e emocionais. Insistia em levá-la à igreja, sugeria encontros forçados com rapazes da comunidade, tentava, a todo custo, “corrigir” o que ela insistia em chamar de desvio.

A escola do convento onde Allana foi matriculada era outro espaço de silêncio e repressão. No meio de tudo isso, escrever para Carlana tornou-se sua resistência mais terna. Era no caminho para os correios que Allana sussurrava um fio de esperança:

“Querida,

Hoje faz seis meses desde que parti. Ainda me lembro do cheiro do teu cabelo, aquele cheiro doce de tulipas com um toque das manhãs frias da serra. Você é o meu girassol, sempre foi.

Hoje vi um casal jovem se abraçando na praça, com os pais ao lado sorrindo. Senti uma pontada de inveja, confesso. Havia orgulho nos olhos deles. Eles não se escondiam, não se culpavam por amar.



Nossos pais talvez nunca sejam assim. Preferem a rigidez da obediência à leveza da felicidade. Mas eu acredito que há beleza no diferente, como num campo de rosas onde brota um lírio — inesperado, mas belíssimo.

Ah, e ouvi uma música hoje. Lembrei tanto de você. Chama-se Bernadette. Um trecho me atravessou o peito e quis dedicá-lo a ti:

‘Bernadette, você é minha liberdade

Eu celebro o dia em que você mudou minha história

De vida e morte...

Família e amigos se tornando fantasmas para sonhar

Estamos sozinhas, mas não sem amor’

Desde que você chegou, minha história mudou. Você é minha liberdade, minha luz. Que um dia possamos viver esse amor sem amarras.”

A troca de cartas entre as duas continuou, ainda que espaçada — uma por mês, quando o dinheiro permitia. Alguns meses depois, Allana conseguiu um celular, presente de uma premiação na escola. Escondida da avó, passou seu número para Carlana e, desde então, voltaram a conversar todos os dias, mesmo com as dificuldades da distância.

O tempo passou, e a esperança crescia: em dois anos, Allana alcançaria a maioridade e poderia, enfim, decidir por si mesma, viver esse amor em liberdade, mas então, veio o silêncio.

Um mês e meio sem resposta. Carlana não visualizava as mensagens, não respondia. Allana tentava disfarçar a angústia, mas a dúvida roía por dentro: teria ela mudado de ideia? Conhecido outra pessoa? Teria desistido?



Dois meses de silêncio absoluto.

Durante uma missa, o celular de Allana vibrou no bolso. Disse à avó que precisava ir ao banheiro e correu para o sanitário atrás da igreja. Ao ver o nome de Carlana na tela, o coração disparou. Ela respirou fundo e deu play no áudio:

— Oi... meu nome é Enzo. Acho que você era amiga da minha prima. O número dela tava salvo com um coração, não sei o que tava escrito. Sou pequeno e não leio bem ainda.

Só queria avisar que minha prima morreu faz um mês e pouco. Os pais dela me deram umas coisas dela e fiquei com o celular. Vou apagar esse aplicativo agora pra instalar joguinhos... tchau.

Allana congelou.

A realidade se apresentou como uma lâmina fria. Ela quis acreditar que era um engano. Repetiu o áudio mais uma vez, porém, no fundo, ela já sabia.

Sabia.

Naquele momento, o mundo perdeu as cores. As promessas que fizeram, as juras trocadas, os planos sussurrados ao pé do ouvido... Tudo parecia se desfazer como névoa. Tudo, menos o amor — esse, teimoso, permanecia.

Ela caiu de joelhos, silenciosa, sem gritos. O luto era bruto demais para explodir. Era um silêncio denso, um lamento que só o coração escutava.

Allana sentiu culpa. Pensou nas cartas, nos “eu te amo” trocados, nas mensagens não respondidas. Pensou se poderia ter feito algo, dito algo, chegado antes.

Mas também pensou no que viveram. Em como, por um tempo, foram abrigo uma da outra e apesar do fim precoce e trágico, aquilo era amor real. Era isso que ela decidiria carregar dali em diante: a força de um amor que ousou florescer onde disseram que era proibido.

SUPERAR COMO O RIO QUE FLUI SUAVEMENTE

Hoje faz um ano que perdi minha amada, perdi a mulher que eu amava, a liberdade que encontrava no abraço dela, a esperança que crescia nos nossos planos. E, embora o tempo siga em frente, algumas dores ainda se alojam no peito, silenciosas, mas constantes. A culpa também aparece às vezes, mesmo quando sei que não sou inteiramente responsável.

Nós duas éramos tão parecidas, ainda que expressássemos isso de formas diferentes. Ela escondia o sofrimento por trás de um sorriso radiante — como um girassol que se ergue ao sol durante o dia, mas recolhe suas pétalas quando a noite cai. Eu, por outro lado, vestia minha dor como armadura e feria antes de ser ferida. Ainda assim, uma enxergou a outra. Criamos um abrigo mútuo num mundo que tantas vezes tentou nos apagar.

Éramos apenas meninas, jogadas cedo demais na dureza da vida. A infância nos foi arrancada por mãos que deveriam ter nos cuidado, mas apesar de tudo, nos reconhecemos e nos amamos.

Hoje, entendo melhor as camadas da dor que ela carregava. Quando lembro da música que ela gostava — *Forwards becon rebound* —, as imagens vêm nítidas: cicatrizes em



forma de estrelas nas costas, fantasmas de família e de fé. Ela buscava liberdade e ternura e lutar contra o peso do mundo. Nosso lugar era um meio-termo, entre a vulnerabilidade e a coragem.

E foi nesse luto que também descobri uma força nova: eu queria viver. Mesmo quando tudo me dizia o contrário, lute por mim, mas também por ela.

Foi em Bariloche que conheci Luara. Ela era mais nova, mas trazia nos olhos uma maturidade funda, como se já tivesse enfrentado muitos invernos, a família dela não era perfeita, mas não era vilã. Ela me ouviu sem pressa e, no dia do meu aniversário, insistiu para que eu voltasse com ela ao Brasil. E foi o que fiz fomos juntas. Naquele momento, nascia ali um tipo raro de amizade: aquela que não cura tudo, mas caminha contigo mesmo quando a dor aperta.

De volta ao Brasil, com algumas economias, fui para um hotel. No dia seguinte, fui ao cemitério da cidade. Encomendei um buquê de *lycoris radiata*, a flor que simbolizava a nossa promessa. O túmulo dela estava aos pés de uma cerejeira — claro, ela amava árvores, especialmente essa. Chorei tudo o que não chorei antes, como se cada lágrima fosse um fio costurando de volta o meu peito.

Ajoelhei-me e sussurrei:

— Meu amor, prometo nunca esquecer de ti. Em mim, você continua viva.

Ao voltar para o hotel, havia uma mensagem da Luara: ela queria me apresentar um amigo, Berg. Eu nunca imaginei que alguém tão novo pudesse carregar tanta luz, pois ele era como uma chama — discreta, mas constante. Trazia esperança até nas verdades duras que dizia. Juntos formamos um

trio improvável, mas forte, eles foram os primeiros que me fizeram acreditar que eu podia recomeçar.

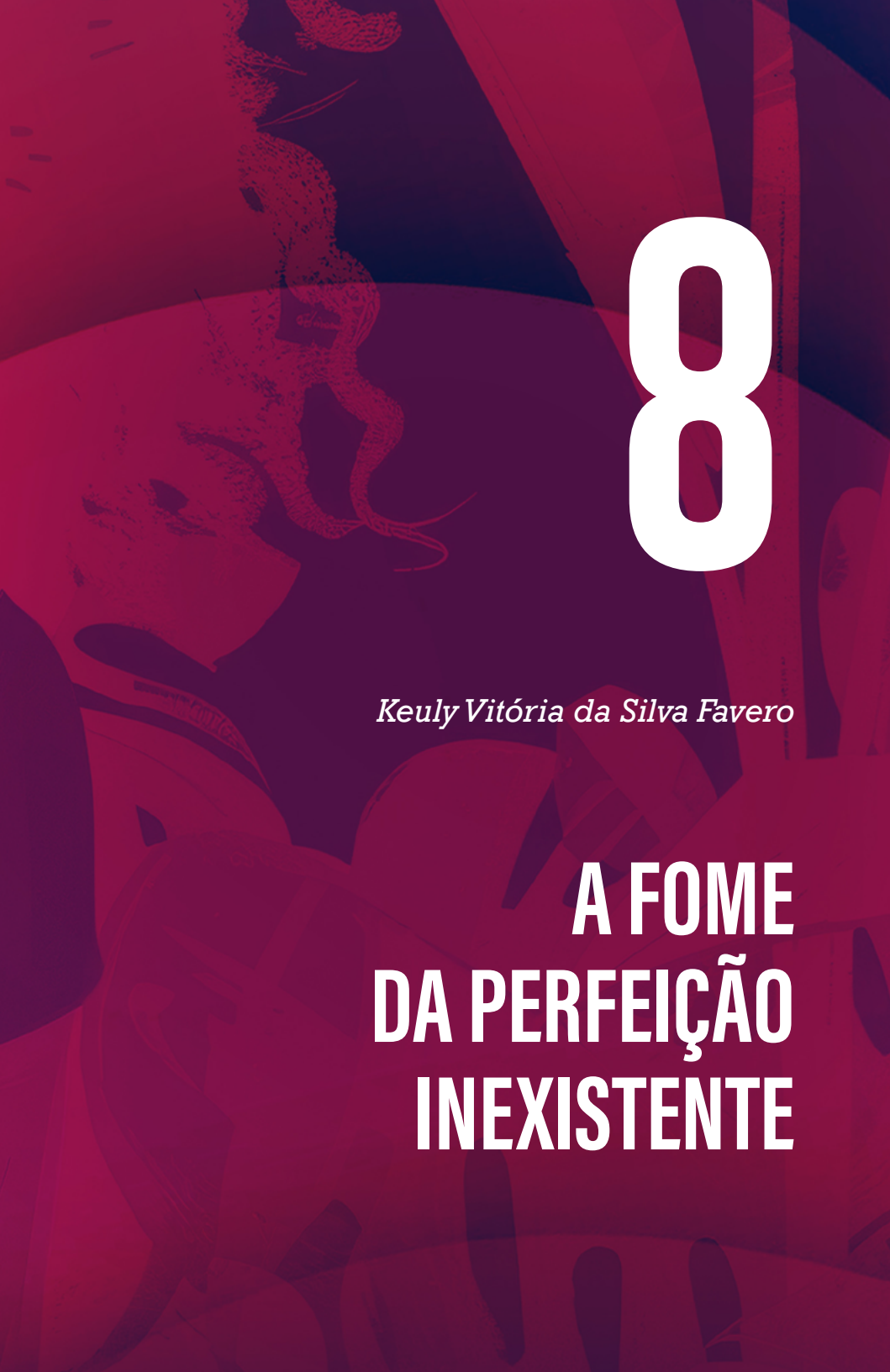
Consegui um trabalho de meio período e, com esforço, entrei na faculdade. Hoje moro no alojamento universitário e que conheci Sâmela. Tão calada quanto e fechada quanto eu. No começo, mal trocávamos palavra, mas aos poucos, a amizade floresceu. Sâmela é uma dessas pessoas raras: firme como a rocha, mas com o coração doce como um poema. Ela é lésbica, orgulhosamente, e vive o amor com coragem. Está num relacionamento que parece dança: um passo da lua, outro do mar.

Ela cuida de mim como uma irmã mais velha e me puxa quando estou prestes a cair, acolhendo meu ser quando desmorono. Apesar desse aconchego, ela me confronta quando preciso. Com ela, aprendi que amor também é presença firme, não só paixão que queima.

Hoje, eu escrevo essas linhas com saudade, mas também com serenidade. O amor que vivi não morreu — ele se transformou. Vive nas minhas escolhas, nos meus silêncios, nas minhas amizades. Vive na flor que coloco no cabelo quando quero me lembrar dela e está vivo em mim.

Não superei esquecendo, e sim vivendo, como o rio que segue, mesmo depois da pedra, como a semente que brota, mesmo depois do inverno.

Carlana, meu amor, que sua memória continue me guiando. E que meu corpo siga dançando — não entre a vida e a morte, mas entre a dor e a beleza de continuar...

The background is a deep red color with abstract, darker red and purple shapes. A woman's face is faintly visible in the upper left, and a snake is coiled around her neck. The overall style is artistic and moody.

8

Keuly Vitória da Silva Favero

A FOME DA PERFEIÇÃO INEXISTENTE

Esta história é sobre superação, mostrar que a felicidade não vem da aparência. Se você passa ou passou pelas situações mostradas aqui, espero que sinta acolhido e busque ajuda.

(Aviso gatilho: Esta história contém assuntos como transtorno dismórfico corporal, anorexia e bulimia, compulsão alimentar periódica e bullying.)



O COMEÇO DE TUDO

No ano de 2003, em uma cidade de São Paulo, nasceu uma linda menina, tão fofa com seus lindos olhos castanhos que ao longo de sua vida irá ver tantas coisas belas e com seu coração poderá sentir imensuráveis sentimentos profundos, sejam eles tristes ou felizes. Ela irá passar pelos grandes desafios propostos pela vida. Essa menina foi extremamente desejada pela sua mãe, diferentemente de seu pai que após descobrir que sua mãe estava grávida, foi embora e nunca mais voltou. Isabela é filha de uma cozinheira que se virava sozinha para sustentar a si mesma e a sua filha. Elas moravam em uma casa pequena e aconchegante de número 54, com estilo simples, bem típica das ruas antigas e tranquilas do bairro, sua fachada era bem acolhedora com um portão branco de ferro, que quando se abria e com pequenos degraus levava a uma porta de madeira marrom escuro.

Isabela desde a infância se sentia diferente do que era considerado normal ou comum, ela pensava diferente das outras meninas, pois enquanto as meninas assistiam filmes de princesas, sonhando ser uma delas. Isabela parecia não se encaixar nesse perfil, não por detestar princesas, naturalmente, tinha a sensação de não pertencimento a esse universo monárquico.

Ela não entendia o porquê disso, pois ela só tinha oito anos e não sabia as palavras certas para descrever o que sentia. Mas de alguma forma ela percebia que seu corpo não estava certo, ele era maior, redondo. Apesar dessas dificuldades internas, era uma criança bem alegre e espontânea, sempre estava disposta a brincar, sorrir e correr com seu cabelo preto liso com pontas cacheadas solto voando ao vento. Essa menina gostava de observar estrelas no céu, junto de seu avô, brincar de bonecas e de comer o bolo de cenoura com cobertura de

chocolate delicioso que sua mãe fazia. Em certo dia, quando ela estava na quarta série do fundamental, o sol brilhava forte naquele dia, com um clima bem agradável e no ambiente havia barulho de crianças brincando no parquinho do pátio da escola. Ela sentou-se em um banco vermelho, em frente onde essa menina brincava com a amarelinha colorida desenhada no chão na hora do recreio. De repente, Bia, sua melhor amiga da escola chegou.

- Oi, Isa! — disse Bia, que estava linda com um lindo penteado de dois coques em seus cabelos crespos, um tênis rosa e roxo e pulseiras coloridas de miçangas que faziam barulho, quando ela pulava e sacudia os braços.

Isabela só acenou de volta e fez um sinal com a mão para sua amiga esperar, pois estava mastigando um sanduíche e não queria falar de boca cheia. Bia sentou ao lado direito de Isa, tirando uma maçã de dentro de sua lancheira e falou: — Estou morrendo de fome, o que você trouxe para o lanche?

- Oi, Bia! Ah, eu trouxe uma banana, um sanduíche e um suco de laranja, quer um pedaço? — Isa respondeu depois de terminar de mastigar e pegando uma garrafa de suco, e começou a desrosquear a tampa enquanto oferecia um pedaço do seu lanche.
- Nossa, Isa, quanta coisa! Minha mãe não deixa eu trazer tanta comida porque ela fala que eu vou ficar gordinha — Bia falou rindo, como se fosse uma piada qualquer. Isabela ficou quieta, começou a reparar que suas pernas eram mais grossas que as pernas de sua amiga, olhou para seu lanche e mordeu insegura, parecia que ele estava mais pesado e estranho. Ela forçou o sorriso e não respondeu. As duas ficaram em silêncio apenas comendo o lanche em meio aos sons daquele pátio.

Três meninos da sala delas começaram a se aproximar, e um deles era o Tiago, um menino que sem motivo nenhum tinha uma implicância com Isabela. Só disso ela sabia que coisa boa não viria.

Logo, Tiago parou na frente dela com as mãos para trás segurando alguma coisa e disse — Ei Isabela, a professora Raimunda me deu uns adesivos de animais para dar para cada pessoa da sala — mostrou o adesivo dela e completou — e eu achei esse a sua cara! — Era um adesivo de uma baleia azul.

Isabela ficou extremamente constrangida, apesar de ser uma criança ela não chorou e nem fez birra, apenas ficou quieta ouvindo os risos altos dos meninos e até de sua grande amiga. Pegou o resto do pão que estava comendo e o embrulhou no papel de alumínio, guardando-o na lancheira. Depois ficou imóvel olhando para um ponto fixo, parecia que só tinha ela e sua mente ali ouvindo as risadas abafadas pelas palavras que ficaram sendo repetidas dentro da mente dela como se fossem ditas por megafones. Sentiu o rosto queimar e uma pontada no peito sem saber o porquê. Os meninos foram embora, mas a memória ficou para sempre marcada. Bia percebeu que ela tinha ficado mais quieta que o normal.

Isa, você tá bem? — E não obteve resposta e chamou mais algumas vezes — Isa?.....Isabela ?.....ISABELA! — Na última tentativa, Bia conseguiu trazer a atenção da Isabela de volta para a realidade.

Vamos brincar? — Bia disse empolgada com um sorriso de orelha a orelha, Isa não estava a fim, mas mesmo assim assentiu com a cabeça e sorriu. As duas se levantam do banco para brincar, mas antes mesmo de começar, o sinal da escola tocou, acabando com a diversão das duas. Elas pegaram suas coisas e voltaram juntas para a sala de aula.

Algumas horas depois, Sandra, a mãe da Isa, uma mulher alta de cabelo curto, que usava um vestido azul claro estampado de flores e um salto vermelho, foi buscá-la na escola. Quando chegaram a casa, a menina tirou os tênis e já foi se sentando no sofá para assistir ao desenho na televisão.

Em certo momento, sentiu o cheiro do feijão cozinhando e do bife sendo feito, ela ficou com água na boca, pois sua mãe cozinhava muito bem. Na hora do almoço, a mãe entregou seu prato. Uma felicidade saborear a maravilhosa comida de sua mãe, mas houve uma rápida mudança de expressão quando se lembrou do acontecido. Ela comia, ainda com aquela sensação de insegurança e deixou metade do prato.

Mãe, não quero mais — Diz empurrando o prato para frente. Sandra olhou com uma expressão confusa, pois sua filha sempre comia bastante, então perguntou — Tem alguma coisa de que você não gostou? Isabela apenas moveu a cabeça de um lado para o outro, em negação.

Tá bom, hoje mais tarde vamos à casa da sua tia Rita — Sandra viu o sorriso de Isa nascer de novo no rosto. Ela amava brincar com suas primas, Malu e Clara, uma tinha 7 anos e a outra, 5.

Mãe, posso levar minha boneca nova para brincar com a Malu e a Clara? — falou com a maior empolgação, sua mãe concordou.

Horas depois, Isa chegou com sua mãe em uma grande casa de dois andares branca com muitas plantas grandes no jardim, que balançavam com o vento como se estivessem acenando.

Na casa, moravam sua tia Rita e seu tio Alexandre, suas duas filhas e o pai de Rita e Sandra, o Francisco, mas Seu Chico para os íntimos.

Não era a primeira vez que elas estavam lá, pelo contrário, lá era sua segunda casa pelo sentimento de afeto e carinho que sempre recebeu de sua família. Assim que entraram, Isa correu para os braços de seu avô, como sempre fazia. Chico a esperava sentado na cadeira de balanço verde, sorrindo.

- Oi, minha Isa — disse Seu Chico abraçando Isa e lhe dando um beijo em sua testa.

Logo após, elas foram até a cozinha cumprimentar os familiares que tomavam café e conversavam. A mãe de Isa se sentou na mesa, enquanto Rita pegava duas xícaras. Antes mesmo de sua tia perguntar se ela queria, a menina corria escada acima para o segundo andar, indo direto ao quarto das primas. Abriu a porta e encontrou Malu e Clara no chão, cercadas por bonecas sobre um tapete em formato de coração.

- Amiga, quanto tempo! O que você estava fazendo nesse tempo que ficou fora? — Malu perguntou a Isa, introduzindo na brincadeira.
- Eu estava fazendo uma viagem a trabalho — Respondeu Isa entrando na história da cidade inventada pelas primas: uma casa de bonecas de madeiras, uma escola feita de caixa de papelão com uma professora toda rabiscada e travesseiros espalhados simbolizando os prédios.

As três brincavam como se não houvesse amanhã, inventaram vozes, davam muitas risadas, faziam conflitos e discussões entre as bonecas e sempre pediam desculpa uma para a outra. Lá embaixo os adultos também nem percebiam a noção do tempo conversando sobre diversos assuntos e rindo muito das histórias engraçadas da família e das piadas de “tioção” do Chico, as graças dele eram tão velhas, mas muito divertidas.

Isabela só conseguia pensar o quanto era bom estar ali. Na volta para casa dentro do carro, ela olhava as luzes da rua e admirava os lugares onde passava, e o que restava das visitas era só a saudade da diversão linda e colorida das memórias que sempre estavam guardadas em seu coração, entre bonecas, desenhos, imaginação e o velho som da cadeira de balanço do seu avô.

“TEM ALGO DE ERRADO COMIGO?”: OLHAR PARA SI MESMA E NÃO SE VER

A infância acabou. Saiu com vento e sem sequer se despedir, nunca se passou na cabeça dela que aquele mundo mágico onde os problemas são resolvidos pelo poder da amizade iria embora e deixar tudo cinza. Tudo parecia mais difícil, se sentia confusa o tempo inteiro, sem saber do que e do porquê estar se sentindo assim, mas no fundo ela já desconfiava que aquilo era uma nova fase, que tudo aquilo era crescer.

Aquelas bonecas na estante pareciam não fazer sentido e o que só restava era a saudade do tempo que tudo era perfeito, do tempo onde as dificuldades eram mascaradas pela inocência da infância. Sentir falta do passado, que o maior problema era perder a hora do desenho ou um brinquedo.

Agora com 13 anos, no oitavo ano do fundamental os assuntos já eram outros, suas colegas falavam de garotos da escola e os de séries ou novelas famosas. Nesses momentos ela se sentia uma observadora, sempre vendo suas colegas

se divertindo e ela sendo apenas como um peso para o grupinho, como se suas colegas só falassem com ela por educação, não porque gostam dela.

Enquanto suas colegas comparavam quais dos meninos era o mais bonito, Isabela só conseguia olhar para si mesma e pensar o quanto as outras meninas eram belas, conseguiam se expressar, tinham seus pensamentos e vozes ouvidas. Enquanto, ela se sentia uma aberração invisível com vergonha de si mesma, a mais feia das meninas por ser gorda.

Toda menina sente isso ou só eu? Tem algo de errado comigo? — Pensamentos assim viviam pairando na mente, perguntas frequentes sempre que ela se olhava no espelho de corpo inteiro do seu quarto, tinha a impressão parecia que o espelho tinha vida e a humilhava, pois mostrava uma versão distorcida, com seu corpo maior de uma bem forma exagerada.

Era estranho e bizarro, pois quando criança ela nunca se sentiu assim, não tinha nenhum problema em relação a sua própria aparência, antes ela gostava de se observar nesse espelho e ver seu nariz, suas bochechas grandes e o corpo gordo. A sensação de liberdade da infância fazia muita falta, pois agora ela estava numa prisão, que eram os seus pensamentos e a solidão não ser sentir pertencente e não amada, nem ao próprio corpo e nem ao lugar onde era acolhedor.

A casa da sua tia Rita virou um inferno depois da puberdade, porque sua tia fazia comentários horríveis disfarçados de “preocupação” ou “brincadeiras”. “Nossa, Isa você tá imensa, você sempre foi fofinha desde criança, mas agora você tem que perder um kilos, porque nenhum menino vai te querer assim” Frases como essas soaram como disparos, que quebravam Isabela por dentro, cada palavra o contato do álcool em uma grande ferida.

Nessas horas, só vinha o Vovô Chico na mente, ele jamais deixaria alguém falar assim com ela, mas infelizmente ele já não estava mais lá.

Na presença de Chico, a garota se sentia protegida e intocável, e isso só tornava a dor do luto mais dolorosa, porque ela queria que seu avô a visse crescer. Isabela não sabia o que estava acontecendo, mas tinha certeza de uma coisa: ele seria o único capaz de ouvir o que ela sente sem julgar.

Sempre que pensava nele, era como viajar no tempo, lembrava-se de uma noite tranquila da infância, quando os dois estavam sentados na calçada, em frente à casa, admirando as estrelas.

Ela e Chico apreciavam o céu estrelado, até que o avô, com uma voz calma disse : — Isabela, está vendo aquelas estrelas no céu? — Apontando para cima e sua neta olhou para o céu e disse que sim, então ele completou — Elas brilham igual você, nunca se esqueça da luz que tem dentro de você, você é capaz minha neta.

Isabela ficou sem entender o que realmente ele queria dizer, por ser criança imaginou literalmente uma como uma bola que brilhava dentro dela, então sorriu.

Desde então, nunca mais se esqueceu desse dia. Foi uma mensagem atemporal, parecia que ele sabia tudo o que sua neta iria enfrentar. Era muito difícil manter essa memória viva, porque todos falavam tanto como se ela fosse a sombra e a culpada de passar por essa solidão de não se sentir amada, passou a acreditar nisso com amargura de alma.

Depois que sua tia Rita disse aquelas palavras, Isabela engolia a seco, reprimindo seu sofrimento e desejando ir embora de lá o mais rápido possível. Quando voltou para casa

no final da tarde, entrou correndo para dentro quarto, trancou a porta com duas viradas de chave para ter certeza de que ninguém iria entrar e ver a dor que ela estava passando. E na frente daquele espelho, ela se situava.

Isabela entregava seu corpo para o espelho, e ele o devolvia a versão com tudo o que dito defeito mais acentuado e maior, completamente exagerado e distorcido que piorava a cada detalhe em que ela prestava atenção. Só de olhar as lágrimas já desciam lentamente do olho direito, logo depois descia do olho esquerdo e ela começava a chorar bem baixo, sentia um leve desconforto na barriga e seu coração começava a acelerar.

Entrava em guerra com seu próprio reflexo, mas ele sempre ganhava, ela já não tinha mais forças para discordar, apesar dele ser um grande mentiroso. A maior arma do espelho era ficar lembrando as coisas que as pessoas falavam do seu corpo, dos momentos em que ela se sentiu sozinha, de como não era amada.

Sandra foi até o quarto da filha e tentou abrir a porta, mas viu que estava trancada, como Isa não tinha esse costume, logo estranhou e indagou: — Isabela, você está bem?...Vem jantar! A comida está na mesa estou te esperando.

Isabela estava se sentindo péssima, não queria que ninguém visse seu sofrimento, Mesmo morrendo de fome, ela recusou o convite por querer ficar sozinha.

Na hora ela só respondeu um — Tô sem fome! — De maneira bem grossa para que sua mãe fosse embora sem fazer mais perguntas. Apenas olhou para o lado e avistou seu notebook, o pegou e colocou em seu colo se sentando na cama, abriu os blogs e foi bombardeada de imagens das modelos e as blogueiras famosas super magras, sendo vangloriadas pelo corpo dito como ideal.

Era como uma tortura psicológica que ela fazia de maneira inconsciente. Observava cada foto com atenção, sentindo-se mais culpada por não ser daquele jeito. As palavras da tia ecoavam na mente, junto com as falas das famosas que diziam ter nascido naturalmente magras. Isabela acreditava que a culpa era toda dela por não ter aquele corpo, e em silêncio alimentava palavras de ódio contra si mesma. Decidida a mudar essa situação, ela abre o Tumblr e de maneira bem ingênua clica na caixa de pesquisa do aplicativo e escreve “Como perder peso rápido”. Sentiu ter encontrado a salvação, mas na verdade ela tinha aberto a porta para viver o inferno.

Imagens preto e branco com raio x da parte do tórax com borboletas e com frases como “A fome é um sentimento que emagrece”, não era sentir borboletas no estômago de paixão, eram de amor à fome, na intenção de emagrecer e ficar extremamente magras.

O certo é sentir amor por si mesma e pelo próprio corpo, sem limitar o bem-estar à aparência. Mas ao rolar a tela, era levada para um universo sombrio — perfis pró-ana e pró-mia, que defendiam transtornos como bulimia e anorexia, disfarçados de “ajuda” para emagrecer rápido. Nada ali era saudável, era como mergulhar num buraco escuro, onde o sofrimento era romantizado em prol do corpo perfeito inexistente.

Cada post continham uma instrução cruel e mortal, as imagens de antes e depois dessas práticas eram lembretes malvados de que seu corpo não era o suficiente. Isabela achou aquilo certo sem nem sequer pensar nas consequências e se aquilo custaria sua vida, ela já estava disposta a tentar, que o corpo ideal valia qualquer sacrifício e que ela só se sentiria completa se fosse magra. E foi assim que tudo começou a desandar.

“MEU DEUS, POR QUE EU FIZ ISSO DE NOVO?...”: A DOR DA FOME

O tempo passou, como sempre, nada mudou. Agora Isabela fez 14 anos e aquela batalha com o espelho e as imagens das modelos ainda continuava firme e forte. Pular refeições em algum momento virou um hábito terrível que já fazia parte da rotina, assim como a culpa de se alimentar, e agora ela passa um dia sem comer e às vezes vomita o que come se for muito calórico. Sempre dizia que estava sem fome, mas na verdade era o medo de comer e não conseguir se olhar no espelho depois. Essa prática até que no começo estava dando certo, mas Isabela se sentia cada vez mais fraca e nunca estava satisfeita, sempre atrás de emagrecer mais.

O problema não estava no corpo — ele estava na mente. Mesmo que atingisse o corpo ideal, ainda assim não se sentiria completa ou feliz.

Até conseguiu emagrecer com os métodos daqueles blogs, mas logo engordava tudo de novo. Nada aquilo era sustentável, porque o vazio não se cura com dieta, e sim com cura interna.

Nas madrugadas eternas, onde Isabela tentava dormir mas não conseguia, sua mente gritava e o estômago clamava por socorro após horas de jejum. Ela se encolhia, respirava fundo ou fingia que não sentia, porém nada adiantava.

A garganta começava a doer pois queria conseguir dizer para alguém o que estava passando, achava que ninguém iria conseguir entender sua dor. Como um grande vazio silencioso que gritava muito alto, não fazia a mínima ideia de como apagar ou não sentir.

Mesmo tentando persistir a tudo isso, ela levantou-se, caminhou no escuro até a cozinha e pegou um copo, acreditando que um pouco de água pudesse saciar a fome acumulada das horas sem comer.

Abriu a geladeira e não dava mais para se segurar, primeiro ela comeu o bolo de chocolate inteiro que sua mãe tinha feito a tarde, depois todas as bolachas recheadas, em seguida todo o resto que havia na geladeira de maneira descontrolada. Era uma tentativa totalmente desesperada de tentar suprir o vazio o grande vazio até o corpo começar a reclamar, o enjoo vinha junto com uma tontura, logo, se encostou na pia com a respiração irregular e o estômago pesado que ainda doía muito. Ainda fraca se sentou no chão gelado da cozinha abraçando os joelhos em frente a geladeira aberta. Ligeiramente as lágrimas.

— Meu Deus, por que eu fiz isso de novo?... — Sussurrou baixo, esperando uma resposta da pergunta que sempre se fazia, mas nunca tinha as conclusões.

Quando chegou no quarto para dormir, se deitou sem forças e com a grande sensação de culpa do que tinha feito. No dia seguinte, acordou e prometeu (Hoje não vou comer nada, preciso vomitar tudo que comi e consertar o estrago de ontem) Sempre se fazia a mesma promessa, mas essa situação se repetia várias e várias vezes e ficava em um loop sem fim.

Sua mãe já estava começando a desconfiar que algo estava errado, sua filha estava cada com cara de cansada e fraca e a rápida mudança de peso já mostravam que algo não estava bem.

Isabela voltou andando da escola para sua casa como sempre, chegou nem tirou os tênis e a mochila, correu direto para entrar em seu quarto, ficar na mesma solidão de sempre, quando chegou na frente da porta do seu quarto...sua mãe já estava lá. Encostada no batente da porta, barrando a entrada

do quarto e ao ver Isa, disse com firmeza: — Você não toma café antes de sair, quando volta não almoça, e diz que está sem fome. Está comendo o que? E onde? — A garota ficou em silêncio e em dois segundos inventou um motivo

- Eu tô comendo na escola, eu e uma amiga dividimos o lanche — Ela mentia com as palavras, mas o corpo fala primeiro que a boca, então sua mãe percebeu uma justificativa fraca, olhou com desconfiança e disse bem séria.
- Isabela, eu sou sua mãe. Sei que você está mentindo. Você não está se alimentando direito, essas olheiras e a fraqueza... Estou realmente preocupada, vou te levar ao médico.

Isabela logo respondeu:

- Mãe, não comece! — falou de maneira bem ríspida colocando a mão na maçaneta e abrindo a porta.

Sua mãe furiosa, disse de maneira firme:

Isabela eu não tô ‘começando’ eu estou realmente preocupada o que ta acontecendo com você? — Sandra só queria entender para ajudar sua filha, mas antes que pudesse terminar sua frase, Isabela bateu à porta deixando o clima mais tenso. Sua mãe respirou fundo e tentou se acalmar, nunca gostou de gritar com a filha.

Atrás da porta sussurrou baixo com a voz abatida (Eu vejo que você está sofrendo com algo a bastante tempo, deixa eu te ajudar minha filha...)

Isabela ficou com o coração apertado, querendo muito poder contar o que sentia, mas ela tinha medo de não ser compreendida e isso atrapalhar o sonho que ela almejava todos os dias, o sonho de ser magra.

Então sua única reação foi gritar bem alto: — VOCÊ NÃO ENTENDE! NINGUÉM ENTENDE! E EU NÃO VOU A MÉDICO NENHUM! — Ao ouvir Sandra deu dois passos para trás colocando a mão no peito completamente assustada e as lágrimas desceram lentamente sobre o seu rosto melancólico.

Enquanto isso dentro do quarto, Isabela chorava em posição fetal, tentando se proteger de si mesma, o vazio interior escuro engoliu a alegria, tristeza, a fome e tudo.

Todos já conseguiam ver que algo estava acontecendo e ela continuava se perdendo em busca da perfeição que nem existia, mas neste momento, pedir ajuda era uma tarefa impossível e achava que jamais poderia superar isso.

ENSINO MÉDIO: O MALDITO CORREDOR

Passaram anos desde o último ocorrido e agora uma nova fase começa em sua vida, o ensino médio chegou e com ele vieram diversas novidades. Isabela já tinha consciência de que as pessoas não seriam nada amigáveis na escola e que ela iria passar por novos desafios.

Para sua surpresa os primeiros dias foram bons. como um arco-íris depois de uma tempestade, ela sentava na última cadeira da fileira no canto, andava pelos corredores sozinha e ficava no pátio sentada vendo os grupinhos, sem sentir a urgência de pertencer a algum deles.

Já estava se dando conta que não precisava correr para se encaixar e nem se esforçava para socializar, por sempre achar que iria sofrer, então acabou se isolando por

conta própria. A solidude que antes era um pesadelo, acabou virando paz de espírito. Ser invisível de certa forma, tornou-se confortável, apesar de que essa calmaria não durou tanto quanto ela imaginava.

Era uma quarta feira cinza na escola, olhou em seu relógio de pulso que marcava 09:45 da manhã e logo em seguida o sinal tocou, era hora do intervalo. Tinha dias que ela ficava na sala e outros que ela gostava de ir para o pátio, hoje ela resolveu sair, pois sentia um incômodo na barriga por ter vindo para a escola sem comer e mesmo fraca, não planejava comer nada por lá. O barulho das pessoas rindo e conversando alto já estava ficando insuportável, na tentativa de amenizar esse desconforto, levantou-se e saiu da sala e em sua frente havia um grande corredor.

Estava tudo relativamente bem até ela escutar uma voz dizendo: — Essa gorda deve ter comido toda a merenda da escola hoje — Isa teve certeza que era com ela. Ao olhar para trás, viu cinco garotos rindo, tentou disfarçar, mas um deles percebeu. Naquele momento a paz se foi e agora o medo dominava aquele corredor. O garoto que notou seu olhar começou a andar na direção dela, com um sorriso debochado nos lábios, até parar bem perto e dizer:

- Qual seu nome? O meu é JP — perguntava em tom de sarcasmo tentando provocar, mas não obteve atenção. Isabela continuava fingindo que ele não estava ali, para não reviver aquele bullying da infância. Ainda não satisfeito, ele andava atrás dela e quando viu que seu grupo estava por perto, apenas disse:
- Você não fala né?...Só mastiga! — JP e seu grupo começaram a rir alto para coagir Isabela. que apenas continuou andando ouvindo os risos. segurar o choro

era praticamente impossível então mudou sua rota dobrando para o banheiro feminino, as meninas que estavam no local ao ver Isabela chorando, ficaram em silêncio observando, sabiam que provavelmente era por causa dos Os intocáveis, nome do grupo de JP. Eles se autointitulam assim, pois sabiam que ninguém teria coragem de enfrentá-los.

Na hora da saída, Isabela andava nervosa, com medo de ser perseguida por eles e ter que ouvir mais uma ofensa. Quando chegou a sua casa, sua mãe mesmo sabendo que a garota não almoçava, neste dia em específico, resolveu perguntar:

- Isabela, quer almoçar? Fiz macarronada, se quiser eu faço o prato para você! — Na hora, pensou em recusar, mas parou para pensar que seria um bom tempo com sua mãe, assim não se sentiria sozinha. Foi até a cozinha relutando muito para não comer, porém sentou na mesa e disse que aceitava o prato de comida. Sandra então sorriu muito contente achando que sua filha iria começar a se alimentar bem novamente depois de tantos anos recusando ajuda. Pensou, ainda, em aproveitar a situação para poder conversar sobre o que ela estava passando; desistiu e apenas aproveitou a companhia da filha.

Isabela até que não sentiu tanta culpa comendo, sensação rara depois de tanto tempo, parecia que a companhia de sua mãe tinha deixado tudo mais calmo. Olhou para sua mãe que retribuiu o contato visual e mesmo sem dizer nada dava pra ver que sua mãe dizia um (Eu te amo) e Isa sorriu como uma forma de dizer que sentia o mesmo. Era como se a paz interna tivesse voltado por alguns minutos.

Quando ela terminou de comer, entrou no quarto e passou pelo espelho e viu que seu corpo tinha engordado

um pouco. Os segundos de paz sumiram ali e o espelho mostrava tudo parecer demais, assim ele ia mentindo e ela continuava acreditando.

A culpa voltou mais forte que antes e a garota se arrependeu profundamente de ter almoçado naquele dia, mesmo após ter se sentido bem, achou que precisava ser magra para viver isso.

Abriu a porta do quarto com as mãos tremendo e saiu do quarto olhando para os lados para ver se sua mãe não iria ver.

Andou apenas alguns passos e se trancou no banheiro ligando a luz que tremeluziam por alguns segundos naquele pequeno espaço. Levantou a tampa do vaso, enquanto se ajoelhava no chão frio de cerâmica.

Por um momento pensou em desistir de vomitar, mas as lembranças dos momentos onde seu corpo foi julgado falavam bem mais alto. Ela forçou várias vezes e quando conseguiu sua garganta ardeu e o estômago se revirou de culpa. Levantou-se do chão e puxou a descarga querendo muito que a culpa fosse embora junto com o vômito.

DA DIETA AO DESMAIO

Dias depois, em um domingo à noite, sentada na cama mexendo no notebook, lá se encontrava Isa vendo dicas dos perfis tenebrosos que ela seguia. Até encontrar um post que lhe chamou a atenção, nele estava escrito: Desafio dos 10 dias sem comer (Tutorial).

Sem pensar nas consequências, resolveu clicar para ver como era essa tal dieta. Consistia em um jejum extremo e

altamente nocivo ao reduzir ao máximo o consumo de comida, por exemplo, tinha uma quantidade limite de calorias para comer no dia, e elas vão abaixando até chegar aos dias de jejum contínuo por 10 dias.

No começo, Isabela hesitou, mas quando se deu conta já estava lendo os tópicos com os números de calorias e anotando: “O desafio começa amanhã”. Mal sabia ela que estaria caindo em mais uma armadilha em busca do ideal ilusório.

Nos primeiros dias, alternou entre pequenas porções e jejuns. No quarto dia, passou vinte e quatro horas sem comer. Assim continuou até o nono, uma terça feira que no post marcava mais um dia de jejum.

Na escola, horas se passaram e sentiu o mesmo desconforto do dia em que conheceu aqueles meninos. O sinal tocou e ficou com medo da história se repetir, mas a visão já estava meio turva. Mesmo assim, resolveu sair da sala devagar e quando passou em frente a cantina sentiu o cheiro da comida, fazendo o enjoo aumentar.

Antes de chegar à secretaria, foi cercada pelos cinco garotos no corredor.

- Isabela, a gente achou seu perfil no tumblr e viu os perfis que você segue com as fotos das meninas parecendo um esqueleto — JP disse com aquele seu tonzinho sarcástico, enquanto seus amigos começavam a rir alto para chamar a atenção.
- Uma vibe bem saudável — ironizou Lucca, rindo alto.

Isabela não estava entendendo o que estava acontecendo e nem o que eles estavam falando, sua cabeça doía muito e sua visão estava completamente embaçada. Só começou a prestar

atenção quando Renan perguntou. — Ei, Isa, isso funciona mesmo? — e ele esperou para ver a reação dela mas a mesma ficou calada e olhando para baixo e com a dor da vergonha doendo mais do que a da fome. Queimou de ódio por dentro vendo o que ela suportava sozinha por anos sendo ridicularizado.

Então Renan disparou alto: — Pensei mesmo porque cada dia que a gente te vê, você tá mais gorda! — Eles e mais algumas pessoas que estavam em volta começaram a rir como se fosse a melhor piada do mundo.

Isabela deu um passo para trás como se tivesse tido um “déjà vu”, ao mesmo tempo em que via tudo girando e a visão ia escurecendo aos poucos, repentinamente desmaiou e o baque do corpo caindo no chão calou a todos no mesmo instante.

Os cinco meninos olharam um para o outro com um olhar assustado, percebendo que a consequência havia chegado.

- O que está acontecendo aqui? — Uma voz feminina firme quebrava o silêncio. Era a diretora Marta que saía da secretaria, quando começou a confusão. parou assustada quando avistou analuna desacordada, ajoelhou-se no chão, colocando a mão na testa da garota que estava gelada, então indagou:
- Alguém viu o que houve? — olhando em volta no rosto de todos ali presentes. Os meninos engoliram a seco e ficaram sérios sem dizer nada.
- Eu vi tudo. Eles estavam zombando dela por seguir perfis de anorexia e bulimia, mencionados nas palestras sobre saúde mental na semana passada. Eles também falavam coisas horríveis sobre o corpo dela. — Disse uma professora que estava próxima ao local.

Marta ficou extremamente séria e pediu para ligar para a ambulância rapidamente, enquanto isso a diretora mandava três dos meninos para diretoria, afirmando que os responsáveis seriam chamados e ainda ligou para a polícia pelo celular, pois dois já eram maiores, e aquilo configura uma violência, contravenção penal inserida no bullying.

A diretora já tinha a certeza de que esse não seria o único caso isolado de bullying praticado por eles. Depois da denúncia, descobriu diversos casos de pessoas que sofreram preconceitos horríveis praticados por eles.

O REENCONTRO

Depois de desmaiar, viu apenas tudo ficar branco e silencioso, sentia-se leve com sensação de flutuação, quando escutou uma voz familiar dizendo — Você lembra o que eu te disse, minha Isa? — Era o vovô Chico sentado com ela na calçada igual àquele dia.

Isabela esticou o braço para tocar em seu rosto e realmente parecia o sentir, fez um carinho no seu rosto e pensou baixo (Você é capaz...) mas por fora falou:

- Eu não sou... — abraçando suas pernas e colocando a cara nos joelhos se encolhendo.

Seu avô colocou a mão em seu ombro e disse com ternura:

- Minha, Isa, você sempre foi capaz de tudo, mas você se esqueceu disso e de você mesma! — Isabela o olhou sorrindo, então ele completou com calma e passou esta linda mensagem:

- Isabela, você pode até conseguir alcançar a perfeição que tanto almeja, mas vai sentir essa dor para sempre. O problema nunca esteve em seu corpo, ele está na sua mente! Pare de tentar caber nesse ideal inventado de que “o importante é ser magra”, o importante é você ser feliz! Cuide do seu corpo com carinho, ele que irá te levar a ver paisagens incríveis e abraçar a quem você ama, construa sua felicidade de dentro para fora.

Isabela chorava a cada palavra que seu avô falava, finalmente se sentiu lúcida e agora percebendo que poderia viver sem tanta culpa. Em meio a brisa calma, a garota falou:

- Vô, muito obrigada por acreditar em mim. — enquanto abraçava Chico, que respondeu:
- Eu sempre vou acreditar, ainda dá tempo, busque ajuda! — logo em seguida deu um beijo em sua testa, finalizando o reencontro.

A ESPERANÇA

Isabela fechou os olhos e aos poucos a imagem de estar abraçada com seu avô se dissolvia e a luz mudou de repente. Quando tentou abrir os olhos, já estava na cama do hospital, com sua mãe ao seu lado em prantos segurando sua mão, até sentir as mexer, depois chamou baixo (Filha?...)

Isabela ainda piscava tentando acordar, Sandra lacrimando disse: — Estou aqui meu amor — A garota acordou e ficou confusa, perguntou o que tinha acontecido e sua mãe explicou sobre o desmaio e que seu corpo tinha entrado em um colapso.

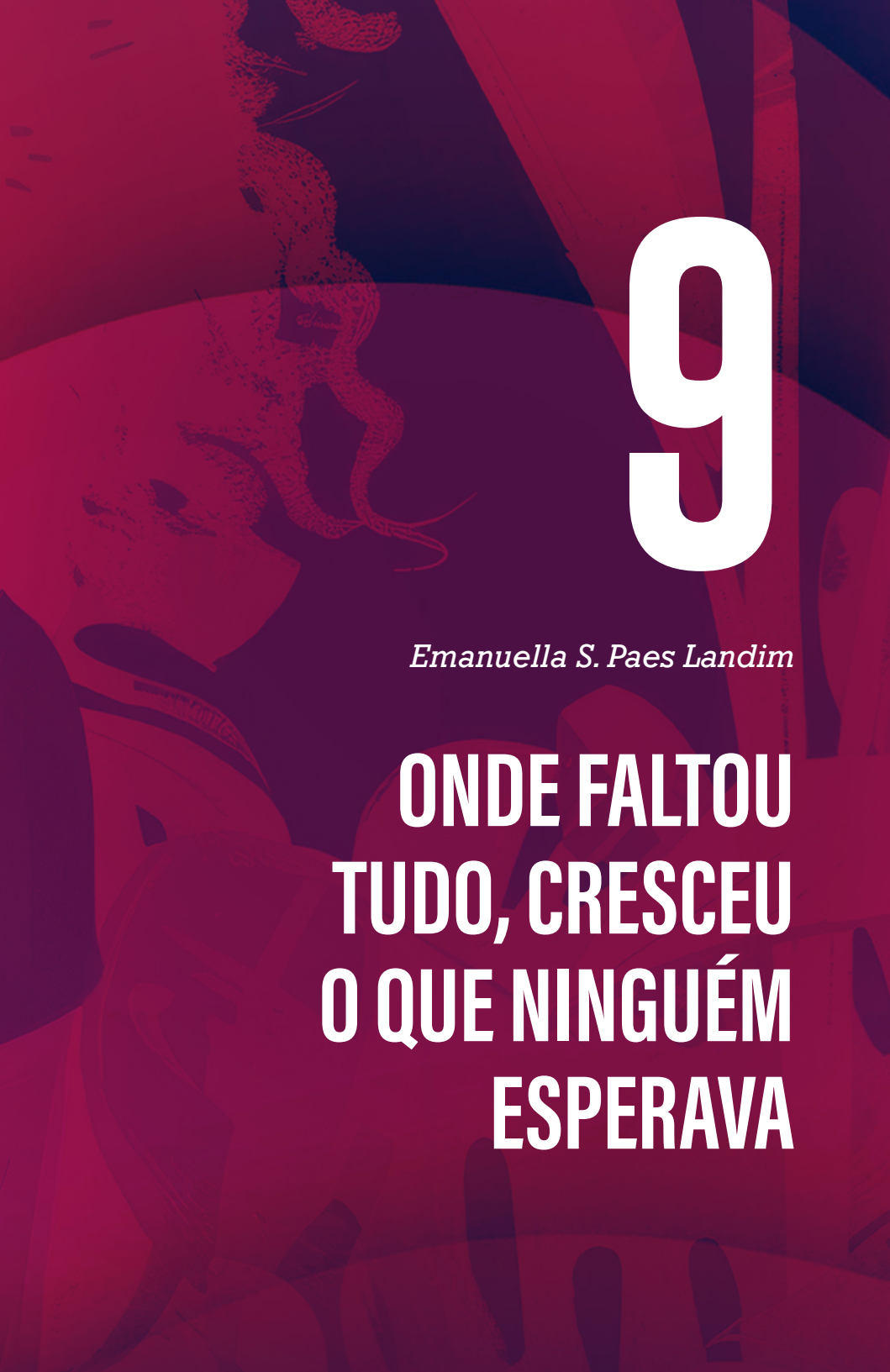
Logo após, Isabela olhou fundo nos olhos de sua mãe e disse:

- Mãe, eu só queria..... — no meio da frase foi interrompida pela mãe que disse segurando sua mão forte:
- Você precisa se alimentar e me contaram sobre os perfis, você não precisa ser magra para ser amada, minha filha, eu estou aqui e vou te ouvir.

Isabela sorriu, pois, percebeu que as pessoas poderiam sim entendê-la e terminou sua frase:

- Eu só queria dizer que eu quero ajuda, eu preciso.
- Sandra começou a chorar de felicidade vendo que agora a filha estava realmente com vontade de sair daquela situação.

O que Isabela tinha, não tem cura, mas há tratamentos, ela poderia lutar contra isso. Agora, ela conversa com uma psicóloga que ajuda a entender suas emoções, tem o apoio da mãe e da família. Decidiu apagar os perfis onde seguia de contas tóxicas e resolveu criar um novo mostrando sua luta contra a bulimia para ajudar meninas que estão passando pelo mesmo processo, mostrando, assim, que a felicidade não vem da aparência e existe esperança depois da dor.



9

Emanuella S. Paes Landim

**ONDE FALTOU
TUDO, CRESCER
O QUE NINGUÉM
ESPERAVA**

O COMEÇO DE TUDO

Rute é uma mulher preta que não foi planejada nem esperada — como se a vida já lhe negasse, desde o início, o direito de existir plenamente. Marcada pelo racismo, pela pobreza, por abusos e pela ausência de afeto, ela cresceu entre dores silenciosas e lutas constantes. Filha de Rosa, uma mãe exausta pela sobrevivência, e de João, um pai ausente, Rute carrega em si uma força que transforma sofrimento em resistência, e ausência em esperança. Sua história é o retrato de quem nasceu para lutar — e nunca se curvar.

Ela tinha um corpo franzino e olhar que carregava a intensidade de quem conhece cedo demais o peso do mundo. Nas ruas poeirentas de Juazeiro, na Bahia, no dia 10 de agosto de 1973, morava em uma casa de pau-a-pique extremamente humilde, sua existência desabrochava em meio à escassez — como uma flor teimosa que insiste em sobreviver no chão rachado do sertão.

Era tempo de sol que rachava os telhados e endurecia a terra, tempo de corpos suados e silêncios longos. A década de 70 arrastava suas dores pelo sertão como poeira empurrada pelo vento. Em Juazeiro, os dias pareciam sempre iguais: o céu aberto demais, o chão seco demais, o tempo lento demais.

A casa de Rute era pequena, de barro cru, com telhado de amianto e janelas sem vidro. Dentro, a luz era pouca e a esperança ainda menos. As paredes cheiravam a mofo e feijão queimado. O chão de terra batida guardava pegadas descalças e restos de infância.

Naquele mundo apertado, Rute crescia em silêncio, carregando o que ninguém via. Seus pés viviam descalços, rachados



e sujos de poeira quente. Usava sempre o mesmo vestido azul, desbotado pelo tempo e pelas lavagens, com a barra rasgada e um remendo mal feito perto do quadril. O cabelo, liso e castanho escuro, era amarrado em maria-chiquinha ou preso com elástico velho por Rosa nas madrugadas apressadas. Cheirava a creme barato misturado com fumaça do fogão de lenha.

Era 1979, quando Rute tinha apenas seis anos, que os desafios de sua vida começaram a se intensificar. Ainda muito pequena, ela já carregava dores que muitas crianças jamais conheceriam.

Rosa era branca, baixa, de cabelos longos e embaraçados como seus dias. O cansaço lhe cobria o corpo como um véu invisível. Nos olhos, não havia brilho — só o peso de quem vive por instinto. As mãos pequenas eram duras, calejadas, feitas mais para o trabalho do que para o afeto.

Não revirava lixo. Jamais. Havia nela um orgulho seco, feroz, que preferia a fome à humilhação. Mas dentro, fervia — uma raiva sem nome, uma dor antiga que não sabia onde morar.

E quando não cabia mais, explodia em Rute.

Batia sem pensar, sem freio, sem medida.

Batia como quem tenta matar a própria miséria no corpo de quem ama.

Depois, o silêncio. Gelado. Longo.

Rute nunca ouvia uma “desculpa”. Nunca um “vem cá”.

Só o cheiro de sabão em pedra, suor seco, e uma distância que doía mais que os tapas.

Rute sempre teve a sensação de que sua mãe cuidava dela por obrigação — como quem cumpre um dever imposto

pelo destino, e não por desejo do coração. Rosa fazia o que precisava ser feito: dava comida, lavava a roupa, fechava a porta à noite, mas seus gestos eram secos, mecânicos e distantes. O amor, se existia, não sabia ainda não havia se mostrado a ela.

A menina queria outra coisa. Queria mais que pão e teto — queria calor, olhos que a vissem, mãos que a acolhessem sem pressa. Entretanto, o que ela recebia eram silêncios frios, broncas cansadas e, às vezes, o tapa injusto de sua mãe rosa que devia amá-la mas que só a humilhava com uma raiva que não era sua. E por mais que doesse, Rute não conseguia odiar Rosa. Não sabia como, intuía mesmo quando era criança, que havia dor ancestral. Ela sabia que sua mãe, mulher de corpo pequeno e voz dura, também carregava as marcas de um amor que nunca chegou.

Rosa tinha filhos demais, tempo de menos, e nenhum espaço para delicadezas, eram mais contas que sonhos, mais exaustão que ternura.

Era uma mulher que foi ferida cedo demais — e aprendeu a sobreviver sem esperar afeto de ninguém. Rute com afeto acolhia a dureza de sua mãe, pois sempre lhe vinham estes pensamentos ou indagações:

Como dar amor, se nunca o recebeu?

Como ensinar doçura, se a vida só lhe ensinou a resistir? Rute cresceu assim: tentando colher flores onde só havia terra seca.

Tentando entender por que o amor não vinha. Por que, mesmo em casa, sentia-se sozinha? Porque o que não se aprende, não se dá.

E o que não se recebe, não se inventa. Ela era filha de uma mulher cansada demais para amar e forte demais para admitir isso.

“O amor para rosa era como um idioma estrangeiro, bonito de se ouvir e impossível de se pronunciar.”

João, o pai de Rute, era um homem negro, de altura mediana, costas largas e olhar ausente. Sua voz era grossa, mas mansa demais — quase sempre calada. Não era violento, nem gentil. Era só ausência, mesmo quando estava presente.

Foi numa tarde seca, com o sol cuspidando brasas sobre Juazeiro, que ele se despediu do mundo de Rute.

— Vou comprar um cigarro e depois passo no trabalho — disse ele, olhando nos olhos da menina.

Palavras simples, mas que se tornaram uma sentença silenciosa. Rute esperou, dia após dia, sentada no batente da porta, onde o sol desenhava sombras longas sobre o chão seco. Mas o tempo não trouxe de volta seu pai, apenas a dura e irremediável certeza do abandono.

Sentava-se todos os fins de tarde no batente da porta, o vestido azul colado no corpo suado, os olhos fixos na estrada. As sombras dos postes se alongavam devagar, como se também esperassem com ela. O abandono não deixa marcas no corpo, mas rasga a alma em silêncio.

E foi em silêncio que a alma de Rute começou a se rasgar.

Ela era a mais velha entre quatro irmãos: Dada, Juju e o recém-nascido, Dedé, cuja saúde frágil era uma sombra constante de preocupação. A casa, pequena e tomada pela poeira, mal conseguia conter os suspiros exaustos de Rosa, que lutava para encontrar remédios, comida, um alento. A dívida com o dono da farmácia era mais uma ferida aberta naquela existência já tão dura.

Num gesto de coragem — ou talvez de desespero — movida por uma força que mal compreendia, Rute caminhou sozinha até a farmácia. Ao entrar no local perguntou:

- Oi, o senhor pode me dar um remédio? Meu irmão tá doente, e minha mãe não tem dinheiro para pagar — disse com a voz embargada e os olhos brilhando de lágrimas contidas.
- Não — respondeu o farmacêutico, seco e indiferente.
- Um dia, você vai sentir na pele a dor que a minha família sente. Vai ver seu irmão doente, sua mãe sem comida, seu coração vazio — respondeu Rute, com raiva e tristeza entrelaçadas em cada palavra.

O homem reagiu com crueldade:

- Seu pai é um vagabundo! Sua família inteira é de vagabundos!

O silêncio de Rute foi um grito mudo. Lá fora, ela viu o carro branco do farmacêutico — um Corcel que reluzia sob o sol como um símbolo da desigualdade que a esmagava. Com uma força quase sobre-humana, pegou uma pedra quase maior que sua mão e a lançou contra o vidro, que estilhaçou em uma explosão de dor e revolta.

O barulho chamou atenção. O farmacêutico saiu furioso atrás dela, mas tropeçou e caiu, ferindo-se. Rute conseguiu fugir, mas aquela história estava longe de terminar.

Mesmo sendo apenas uma menina, ele foi à delegacia e prestou queixa. Depois tentou invadir a casa para tomar o único bem da família: um velho freezer onde eram guardados os peixes que Rosa vendia para sobreviver.

Foi o delegado quem impediu o abuso, prendendo o homem por tentativa de extorsão. Mas dias depois, o farmacêutico foi solto. Rosa, sem saída, precisou vender o freezer para pagar a dívida, pois sentia medo de algo ruim acontecesse com ela e sua família.

Com o coração pesado e as esperanças quase consumidas, a família decidiu recomeçar. Pegaram um ônibus rumo ao Piauí, levando consigo apenas um pacote de milho seco para a viagem. Enquanto outras famílias paravam para comer, eles seguiam em silêncio — com a boca seca, o estômago vazio e o corpo carregando a fadiga de uma vida que teimava em não lhes dar trégua.

Era o começo de uma nova história — ou talvez apenas o prolongamento de uma velha luta.

MAIS FORTE QUE O MEDO

Assim que chegaram ao Piauí, parecia que tudo, enfim, estava destinado a dar certo. As condições haviam melhorado — havia alimentos, frutas frescas, um pouco mais de dignidade. Mas, para Rute, ainda não havia um lar. Sua mãe enfrentava sozinha o peso da maternidade, vivia de mudança: ora na casa do avô, ora na casa da tia em Fortaleza e em cada lugar desses, a menina era alvo de humilhações.

Mais tarde, sua mãe mudou-se para o Pará, onde começou a trabalhar como gari. Foi ali que conheceu um mestre de obras chamado Clovertte, com quem se casou. O novo companheiro disse que queria construir uma vida com ela e com os filhos que ela tinha. Como possuía melhores condições financeiras, ofereceu um certo conforto à família.

No entanto, apenas três dos filhos acompanharam a mãe: Rute, Dadá e Juju. O caçula, Dedé, não pôde ir junto porque tinha uma condição no pescoço que exigia cuidados especiais, e por este motivo foi deixado aos cuidados de Lucinda, a avó de Rute.

Rute estudou somente um ano em escola pública, na primeira série do ensino fundamental. A partir da segunda série, passou a frequentar uma escola particular, pois o padraсто decidiu matricular todas as crianças em instituições privadas.

Mas Rute só chegou à escola quando a infância já lhe escapava pelos vãos da alma. Entrou tarde, como quem perde o trem da vida e ainda assim insiste em caminhar pelos trilhos, descalça, com os pés rachados pela poeira e pelos silêncios. A educação, para ela, era um luxo adiado — porque Rosa, sua mãe, vivia ausente, viajando a trabalho ou fugindo de dores maiores que o destino. Rute frequentava a escola, mas carregava consigo o peso silencioso de uma casa cheia de sombras. Chegara tarde à vida escolar, e seu coração triste falava mais alto que qualquer palavra. Observava os colegas conquistarem voz e liberdade, enquanto suas próprias palavras se afogavam no silêncio, tornando-a quase invisível aos olhos do mundo, como se a vida lhe cobrasse algo que ainda não podia oferecer. Foi na Escola Santos Dumont que pisou pela primeira vez num chão de azulejos frios, onde as paredes tinham cheiro de giz e merenda requentada. Levava os materiais num saco de arroz vazio, limpo, mas ainda marcado pelo cheiro da fome. Não havia mochila, nunca houvera. Era o que tinha e o que tinha, aos olhos dos outros, era pouco demais.

As risadas vieram como pedras atiradas por mãos pequenas, mas cruéis. — “Olha a menina do arroz!” — disseram os colegas da escola.

— “Cadê a mochila? A tua mãe comeu também?” — zombaram os colegas da escola.

— “Vai cozinhar a lição, é?” — provocaram os colegas da escola.

As palavras não batiam, cortavam ela.

E ela sentiu o mundo desabar inteiro dentro de si.

Rute quis sumir, desejou que o chão abrisse, que a terra a engolissem com tudo — o saco, os cadernos, a vergonha. Sentiu o rosto arder como se tivesse sido queimado por dentro, como se a humilhação tivesse pele, unha e dentes. O coração, apertado como um caderno molhado, mal conseguia bater. E os olhos... ah, os olhos! Queriam chorar, mas ela já havia aprendido cedo demais a engolir o choro.

— Rute pensou, como se fosse pecado sentir.

Na manhã seguinte, Rute não levou mais o saco.

Apertou os livros no peito com tanta força que parecia querer protegê-los do mundo, ou talvez esconder neles o pouco de dignidade que ainda lhe restava.

Seguiu em silêncio, cabeça baixa, como quem carrega não apenas o peso do caderno, mas o fardo de ser quem é.

Rute aprendeu, cedo demais, que a pobreza tem som, cheiro e cor.

E que às vezes o que dói não é o que se perde, mas o que não se tem.

A essa altura, sua mãe já não trabalhava mais e estava grávida de Clovertte e já tinha decidido que o nome do seu filho seria Milton.

O padrasto, que tinha boa situação financeira, sustentava a casa. Chegou até a presentear a mãe de Rute com um carro, um Opala. Ela não cogitava deixá-lo por nada.

Depois que aquele homem entrou em casa, a comida enfim apareceu com mais frequência sobre a mesa. O arroz não era mais contado em grãos, e os feijões cozidos já não vinham sozinhos. Mas a fome que realmente doía — aquela que morava no fundo da alma — só aumentava, porque junto com o pão, vinham também os gritos. Junto com o teto, vinham os castigos. Junto com o prato cheio, vinham os fios elétricos enrolados nas mãos do padrasto.

A casa era pequena, abafada, feita de paredes que já viram demais. Ali, o tempo não andava: arranhava. Os dias tinham gosto de medo, e as noites cheiravam a suor, lágrimas e silêncio. As paredes escutavam tudo e nunca disseram nada.

A mãe, Rosa, escondia-se dentro do corpo, encolhida entre a exaustão e a culpa. Dadá, o irmão, tentava proteger como podia — mas era Rute, sempre Rute, quem mais apanhava.

Apanhava com cordas, com fios, com paus e palavras. Como se seu corpo fosse o terreno onde aquele homem despejava toda a sua frustração. Ela era pequena, mas dentro dela morava um mundo. Era só uma menina, mas já conhecia o gosto do ferro, o som do couro estalando na pele, e o esforço de engolir o choro para não piorar o castigo. Seu corpo virava mapa de dores antigas, seu silêncio era o idioma da sobrevivência.

E mesmo assim, havia algo em Rute que não se deixava apagar. Uma força muda, ancestral, que a fazia resistir. Ela não sabia dizer de onde vinha aquilo. Talvez fosse herança do ventre de Rosa. Talvez fosse só o grito de quem nasce negada e, mesmo assim, insiste em viver.



Ela sangrava, sim, mas por dentro, plantava raízes.

E enquanto apanhava, apertava os punhos e pensava:

“Eu ainda vou sair daqui. Eu ainda vou ser mais do que isso.”

Enquanto a mãe aguardava o nascimento de mais um filho, Milton, a violência se intensificou. No dia 12 de outubro, ela foi ao hospital dar à luz. Em casa, ficaram Rute, seus irmãos e o padrasto.

Naquele dia, ele fez com que as crianças fumassem cigarro. Depois, enquanto Rute dormia, tentou cortar o short dela. A menina acordou assustada e se escondeu. Contou tudo a uma amiga da mãe. Ela sentia que o padrasto queria que ela aceitasse o abuso, mas jamais se calaria. Seu maior medo era saber que, sendo apenas uma criança, não teria forças para se defender de um homem adulto.

Rute se sentia suja o tempo todo mesmo sabendo que não tinha culpa de nada, era como se o toque indesejado tivesse ficado impregnado em sua pele

Estava com medo e apavorada, pensando naquilo repetidamente “por que comigo?” Ela chorava tanto! sozinha em seu quarto, que seu peito doía e era como sua garganta fosse fechar, mesmo com muita dor e sofrimento ela pensou “eu me calei por grande parte da minha vida mas desta vez não vou me calar”

Até que decidiu que iria contar para sua mãe e entra no quarto e disse:

Mãe, posso te contar uma coisa?

Rosa respondeu (sem olhar):

Fala logo, Rute. Não tenho tempo pra besteira.

Rute (engolindo o choro), sussurrou:

É que... ontem à noite... o... o padraсто tentou cortar meu short. Eu estava dormindo... e ele veio com a tesoura... eu acordei e me escondi.

[Silêncio. Rosa levanta os olhos devagar. Fixa em Rute com uma expressão que mistura choque e raiva.] e gritou:

Você tá inventando coisa, menina?

Rute esbravejou (mais alto, desesperada):

Eu juro, mãe. Ele tentou! Ele me fez fumar cigarro também. Eu tive medo... medo de morrer, mãe...

Rosa (levantou abruptamente) enquanto falava:

Olha aqui, Rute! Não fala isso do homem que bota comida nessa casa! Tu tá ficando doida, é? Você é manipuladora! Você está tentando arruinar a nossa vida? E seu irmão que acabou de nascer, Rute? Quer me fazer passar vergonha? Quer destruir minha vida?

A menina respondeu (com lágrimas caindo):

Eu só queria que você acreditasse em mim... Eu sou sua filha...

A mãe com olhar gelado afirmou categoricamente:

E ele é meu marido não vou deixar que fale dele assim desse jeito, é por ser minha filha que eu te educo! Não vou criar uma mentirosa e nem um monstro. Tu quer atenção, é isso?

Quer que eu brigue com ele por tua causa?

Seu padrasto te dá tudo e o que comer você acha que tá com o bucho cheio por que? Ou é alguma pessoa da rua que bota comida nessa casa?

Rute (ajoelhando, soluçando), argumentou mais uma vez:

Eu só quero que isso pare. Eu tô com medo, mãe...

Rosa (vira o rosto, pega a sandália no chão), enquanto batia nela, gritava:

Vá aprender a não falar o que não deve!

[Ela bate. Uma, duas, três vezes. Rute se encolhe. Não grita. Só chora.]

Depois de espancá-la (fria, enquanto guarda a sandália, finalizou:

Você deveria me agradecer, pois tem criança por aí que nem mãe tem. Vá lavar essa cara e pare de drama.

Rute entrou no quarto com o corpo trêmulo e o peito em chamas. Cada passo parecia pesar uma tonelada, como se a culpa — que não era sua — grudasse nos pés. O coração doía tanto que parecia se despedaçar em silêncio. Ela se jogou sobre a cama fina, abraçando o próprio corpo como quem tenta juntar os cacos da alma. As lágrimas vinham como rio represado, pois não havia mais força para conter.

Chorava baixo, mas por dentro queria gritar tão alto que o mundo inteiro a ouvisse.

Mas grito de menina quase nunca ecoa.

E então ela engolia o grito, sufocada pelo abandono. Rute, sozinha, mergulhada em seus pensamentos, sentia as

perguntas ecoarem como um redemoinho na mente: Será que eu sou mentirosa? Será que isso realmente aconteceu? Será que eu tô louca? No fundo, na parte mais ferida de si, ela sabia a verdade. Mas por que, então, era ela quem se sentia culpada? Chorava tanto que o corpo soluçava. Naquele momento, Rute não queria viver, não daquele jeito, não com aquela dor sem nome morando dentro dela. Pensou na morte como um descanso, como a única porta de saída. Talvez seja melhor morrer a continuar nessa vida onde minha dor é negada.

E, como lâminas frias, vieram as palavras da mãe, cortando sua lembrança: Você está mentindo! Não vou criar uma mentirosa e nem um monstro. Quer me fazer passar vergonha? Cada frase se repetia na mente de Rute como punhais, e sua alma gritava em silêncio.

Naquela noite, Rute não dormiu.

Ficou deitada com os olhos abertos, olhando para o teto rachado, esperando que Deus, o tempo, ou qualquer força do mundo fizesse alguma coisa.

Mas nada aconteceu.

E então, num sussurro cansado, como uma prece que nasce da dor mais antiga, ela disse a si mesma:

“Se ninguém me salvar... eu vou tentar me salvar sozinha.”

Naquele momento, ela percebeu que teria que lutar sozinha e decidiu que ela seria a heroína da sua própria história.

O padrasto passou a espancá-la com ainda mais crueldade. Tentava comprar seu silêncio com brinquedos caros: bonecas, carrinhos, bicicletas. Mas Rute recusava todos. Sabia que por trás de cada presente havia uma intenção obscura.

Foi então que as agressões começaram a vir dos dois lados — da mãe e do padrasto. Sempre que Rute falava sobre o abuso, apanhava. Toda a família acreditava nela, exceto sua própria mãe.

Um dia, Rute disse:

— Se meu padrasto me estuprar, eu o mato!

E a mãe, com frieza, respondeu:

— Eu o prefiro mil vezes, pra mim vale mais que você.

Milton, o filho mais novo, era o preferido. Tinha os melhores alimentos, os brinquedos mais modernos, as roupas mais bonitas. Rute, que adorava maçã, nunca ganhou uma. A mãe sempre descascava a fruta para Milton e dava as cascas para Rute comer.

Enquanto o irmão mais novo andava com roupas novas, Rute usava a mesma calça dos seis aos nove anos de idade. Roupas eram um luxo que ela não conhecia.

Aos treze anos, o padrasto a espancou novamente e a obrigou a se ajoelhar sobre caroços de milho, na avenida. Rute olhou nos olhos dele e disse com firmeza:

— Hoje é a última vez que você encosta um dedo em mim.

Ele apenas a encarou, sem acreditar e virou o rosto.

Dias depois, após um dia inteiro limpando a casa, Rute viu todo o seu esforço jogado no chão. O padrasto, bêbado, espalhou o lixo por todos os cantos e gritou:

— Você levanta! E vai limpar esse lixo todinho que eu joguei na casa

Ela respondeu:

- Se você quiser, você que limpe eu não joguei lixo na casa, a casa estava limpa.

Quando sua mãe chegou, mesmo sabendo que o culpado era o marido, preferiu colocar a culpa em Rute.

Com medo de novas agressões, Rute saiu e foi dormir na casa de uma amiga. Sua mãe, percebendo sua ausência, disse a todos que a filha havia fugido.

No caminho de volta para casa, Rute foi abordada pela polícia e levada à delegacia. Lá, diante do delegado, Rute disse:

- Pergunte a ela por que eu não quis dormir em casa. Vamos ver se ela tem coragem de dizer.

A mãe respondeu:

- Não é nada, essa menina é doida...

E, com pressa, tapou a boca de Rute com a mão. A menina, com pena, se calou.

Depois, a mãe a chamou para conversar em particular:

- Rute, não conta nada, senão meu marido vai preso. E como vai ser minha vida?

Rute apenas escutou. Já não esperava mais proteção de ninguém.

Algum tempo depois, houve uma briga. O padrasto gritou:

- Você vai virar uma puta! Uma maconheira!

Rute respondeu, com coragem:

- Eu ainda vou me casar com um engenheiro, com um médico, com alguém decente! Mas nunca com um velho vagabundo como você!

Ele gritou de volta:

- Eu vou te matar!

Rute apenas virou o rosto. Não era a primeira — e sabia que não seria a última vez que ouvia essa ameaça.

Curiosamente, sempre que batia em Rute, o padrasto passava mal. Desmaiava, como se algo o estivesse castigando.

Rute nunca o denunciou. Achava que ninguém acreditaria nela. Ele era branco, respeitado, e chique, Ela era uma menina preta, pobre, com roupas velhas e o coração cheio de feridas.

O DIA EM QUE RUTE ENXERGOU NO ESCURO

Rute tinha ido passar uma tarde na casa de uma amiga. Era uma casa bonita, cheia de vozes altas, risadas e gente branca. Todos pareciam se conhecer desde sempre, e Rute, mesmo sorrindo, sentia que não pertencia completamente àquele lugar.

A conversa fluía, até que a luz apagou de repente — um corte brusco, deixando todos no escuro por alguns segundos.

Foi então que a mãe da amiga soltou, rindo:

- Quem foi a urubu que desligou a luz?



A sala caiu em silêncio por um instante, mas logo voltaram a rir. Menos Rute. Ela ficou parada, quieta, sentindo a frase atravessar o peito como uma pedra fria. Era a única pessoa de pele escura ali, a única. E ela entendeu muito bem o que aquela palavra quis dizer.

Ninguém a defendeu. Ninguém percebeu o quanto doeu.

No fim da tarde, Rute foi embora. Em casa, contou tudo à mãe — mas mesmo ali, o consolo era limitado. Não havia como apagar o que foi dito. A dor já estava dentro dela.

Anos depois, aos 15, ela reencontrou aquela família por acaso. Estavam todos reunidos e a mãe da amiga se aproximou com um sorriso polido, quase sem memória.

— Por que você sumiu tanto, Rute? Sentimos sua falta...

Rute respirou fundo e respondeu, com a voz calma e firme:

— Porque um dia, na sua casa, você me chamou de “urubu” quando a luz apagou. Eu era só uma criança, mas eu lembro.

A mulher empalideceu. O sorriso sumiu. E, num gesto que veio tarde demais, disse:

— Me perdoe, Rute. Eu não sabia...

Rute apenas assentiu. Não era rancor o que carregava — era lembrança. E certas coisas, mesmo que perdoadas, não se apagam.

Ela nunca esqueceu aquele dia. Nem a palavra, nem o silêncio que a seguiu.

E foi ali que aprendeu mais uma verdade da vida: às vezes, não é a escuridão que machuca. É o que dizem quando ela chega.

A PRIMEIRA VIRADA

Rute conseguiu seu primeiro emprego aos 15 anos, trabalhou vendendo carnê do baú. Foi ali que ela conheceu o gosto pela liberdade. Com seu primeiro salário, comprou roupas novas, passou a se arrumar mais e a se olhar diferente no espelho. Vestia saias curtas, batia o salto na rua e carregava nos olhos uma rebeldia que sua mãe odiava, mas Rute não se importava, não mais.

Cada centavo conquistado com o próprio esforço fazia com que se sentisse mais viva. Desde então, nunca mais ficou sem dinheiro. E mais do que isso, aprendeu a gostar do trabalho. Foi garçonne, babá, manicure, vendedora. Rute sempre dava um jeito.

Foi ao primeiro show musical, aos quinze anos. Era um dia de sol, Raul Seixas no palco. Quando chegou, deparou-se com um mundo nunca visto: gente de todo tipo, o cheiro forte da maconha no ar, olhos vidrados. Ela ficou quieta, observando, absorvendo tudo. Não contou nada para a mãe, sabia que iria ouvir gritos e preferiu guardar a experiência só para si.

Em casa, a presença do padrasto era um peso que todos carregavam em silêncio. Ele tinha um filho, Oscar, engenheiro, 27 anos. Era bonito, reservado. O que Rute não sabia é que ele era apaixonado por ela desde que ela tinha apenas 13 anos. O padrasto sabia disso.

Numa conversa casual, o padraсто disse:

- Meu filho só vai se casar com uma mulher se ela for médica ou engenheira.

Rute respondeu:

- Que bom, porque eu também só me caso com um engenheiro.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Oscar foi à casa deles. Rute tentou arrumá-lo para Ana, uma amiga sua, mas Oscar recusou. Ela achou estranho. Por que não quis Ana? Mal sabia que, por trás disso, havia um sentimento antigo — por ela.

Na última noite do ano, Oscar voltou. Trouxe vinho e um som com vários DVDs. A casa estava cheia, abarrotada de gente — engenheiros, doutores, comida por todos os lados. Era uma festa como poucas, porém a cozinha guardava outro tipo de fervura.

Rute preparava um peixe quando o padraсто se aproximou e repetiu, com orgulho:

- Meu filho vai se casar com uma médica.

Rute ergueu os olhos e respondeu, com a faca ainda na mão:

- E eu vou me casar com um engenheiro.

O tapa veio seco, brutal. Atingiu o rosto dela com tanta força que a jogou contra a parede. O sangue escorreu lentamente pela bochecha.

Rute virou com calma. Pegou a faca da pia, encostou no pescoço dele e disse, firme, os olhos ardendo de verdade:

- Hoje é a última vez que você me bate, nunca mais irá encostar um dedo em mim, porque se você tocar em mim de novo, eu te mato.

Foi então que Rute saiu da cozinha gritando em lágrimas:

- Desde os meus nove anos que esse homem tenta me tocar! Vive tentando me estuprar, esse velho safado! E se um dia eu deixar de ser moça, se um dia eu deixar de ser virgem, vai ser com alguém novo. Nunca com um velho nojento feito você!

O silêncio caiu sobre a casa como um trovão. Os parentes arregalaram os olhos. Ninguém esperava ouvir o que ficou guardado por tanto tempo.

Rute respirou fundo, e foi saindo

No instante em que pisava no corredor, Oscar entrou. Ela parou com os olhos nos olhos dele. Então o puxou pelo colarinho da camisa e o beijou.

Ali, no meio do caos, do vinho, do sangue e da verdade, Rute selava uma nova fase da sua vida.

AMOR E PERDÃO

Rute passou a conhecer Oscar de verdade — os silêncios, as manias, a gentileza nos detalhes. Em pouco tempo, casaram-se no papel. Ela, com apenas 15 anos; ele, com 27. Uma diferença que espantava muitos, mas que, para Rute, significava um passo para longe do caos.

Oscar a tirou da casa onde o medo dormia na sala e o silêncio gritava nos quartos. Passaram a morar juntos, e Rute,

com sua força precoce, transformou tudo. Aos 15, já havia conquistado uma banca de revistas com o próprio suor, fruto de muito trabalho. Trabalhava também no garimpo, vendendo roupas. O pagamento vinha em ouro — e era com o brilho do metal que ela guardava esperança. Convertia o ouro em dinheiro e, aos poucos, via sua vida financeira florescer.

Eles se amavam com intensidade. Era um amor profundo, denso como o fundo do mar, mas com o tempo, Rute entendeu que o que sentia não era amor de esposa. Era amor de filha, pois Oscar havia sido o primeiro homem a lhe dar conforto, carinho e proteção. Tudo o que ela nunca teve de um pai. Era grata, profundamente grata, porém não era amor de paixão.

Permaneceram casados por cinco anos. Quando Rute completou 20, o casamento já era só um abrigo. Ela sonhava alto — queria ser médica. Os estudos haviam parado aos 15, e o tempo não voltava. Ainda assim, o maior de todos os seus sonhos era ser mãe. Tinha um desejo que não sabia explicar, uma vontade quase sagrada. Mas o tempo passou, e a gravidez nunca veio. Tentou tratamentos, chegou a ir à Bolívia em busca de respostas. Voltou com a esperança abatida, chorando muitas vezes, com medo de que a maternidade nunca acontecesse.

Foi nesse tempo que a vida lhe deu outro golpe, quando descobriu que Oscar a havia traído. A surpresa foi imensa — ele, que sempre fora tão bom, tão presente e enfrentou o próprio pai por ela e nunca lhe faltou com nada. Era o homem que todos julgavam perfeito. Mas o mesmo orgulho que o fazia brilhar como engenheiro — um dos melhores alunos do país, aprovado na Federal no décimo terceiro lugar — também o tornava soberbo. Orgulhoso demais para ver onde errava.

Rute se culpou por não amá-lo do jeito que ele merecia. Sentia-se desonesta. Sabia que havia se casado para fugir do

desespero, não por paixão. As pessoas julgavam, diziam que ela estava com Oscar só por interesse, pois ela sabia que o amava sim — não como marido, mas como alguém que salvou sua vida. E era grata. Imensamente grata.

Depois da traição, Rute decidiu ir embora. Partiu para Brasília com nada além da roupa do corpo. Sozinha, recomeçou.

Voltou a morar com a mãe. Agora, com 20 anos, era uma mulher feita. Encontrou o padrasto doente, sem dinheiro, frágil, incapaz de trabalhar. Rute se ergueu mais uma vez. Conseguiu emprego como garçoneiro em um restaurante e, com o salário, sustentava a casa — cuidava da mãe, do padrasto e dos irmãos. Pouco a pouco, tudo voltou ao eixo. O padrasto voltou a trabalhar, os irmãos conseguiram emprego e a vida recomeçou.

Foi então que o padrasto que tanto a fez sofrer pediu perdão. Rute perdoou. Não esqueceu — mas perdoou. O perdão, para ela, não era esquecer, era seguir em frente sem carregar rancor, porém havia alguém que ela não conseguia perdoar: a mãe.

Rute tentava. Tentava com todas as forças, e não conseguia.

— Ela era sangue do meu sangue — pensava. — Devia ter me protegido e ter sido abrigo; quando mais precisei, ela virou o rosto.

O perdão à mãe era uma estrada que seus pés não conseguiam trilhar.

Ainda assim, Rute seguia sendo a melhor filha em termos financeiros, tudo que ela tocava florescia, onde suas mãos passavam, havia prosperidade.

Ela era feita de aço e raiz e estava apenas começando.

O FIM QUE DÁ ESPAÇO AO RECOMEÇO

Rute passou de garçonete a caixa no restaurante onde trabalhava. Continuou se esforçando tanto, dia após dia, que logo foi promovida a subgerente. Ao mesmo tempo, vendia roupas para complementar a renda. Por isso, andava sempre bem arrumada — com postura de mulher que sabia onde queria chegar, mesmo com o mundo tentando impedi-la.

Um dia, ao entrar num ônibus, conheceu um rapaz chamado Joaquim. Ele parecia simpático, de bom coração, com um sorriso tranquilo e um jeito humilde que a tocou. Diferente de Oscar, Joaquim não se apoiava em riqueza ou inteligência para se impor. O que atraiu Rute foi sua simplicidade, a leveza com que carregava a vida.

Com o tempo, eles passaram a manter contato e se tornaram amigos e desses encontros nasceu o amor. Enquanto isso, Oscar, aos 21 anos de Rute, pediu para voltar, mas ela recusou. Estava conhecendo outra pessoa e pela primeira vez sentia-se respeitada de verdade.

Rute se mudou para Planaltina de Goiás. Começou a namorar Joaquim quando tinha 22 anos e logo foram morar juntos. Depois, casaram-se. Joaquim era sorriso, Rute era silêncio — e essa diferença a atraía, como se ele compensasse algo nela que havia sido apagado.

Ele trabalhava como balconista de farmácia, e Rute, já fora do restaurante, passou a viver apenas das vendas de roupas. Joaquim sonhava em abrir sua própria farmácia, mas achava aquilo distante demais. Rute o encorajava com a firmeza de quem aprendeu cedo que nada vem fácil: “Se a

gente trabalhar duro e guardar dinheiro, a gente consegue, começaram a fazer isso.

Aos 23 anos, Rute descobriu que estava grávida de Joaquim. A notícia correu até Oscar, que, ao saber, enviou uma quantia em dinheiro. Curiosamente, era exatamente o valor que faltava para abrir a farmácia. Junto do dinheiro, veio uma carta:

“Rute, eu te amo. Você sempre foi e será a mulher da minha vida, nunca vou deixar de te amar. Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida e nunca senti por ninguém o que senti — e ainda sinto — por você.

Eu sempre achei que era forte, mas não sou. Você sim é forte por ter passado por tantas coisas com apenas 15 anos.

Desejo só coisas boas pra você... mas me dá uma chance de cuidar desse bebê com você.”

Rute ficou feliz com a carta. Chorou, sentindo que, de algum jeito, era uma resposta tardia ao que um dia ela precisou ouvir. Ainda assim, não quis voltar. Ainda o amava, mas de um jeito que já não pedia retorno.

No dia 5 de setembro de 1996, nasceu Isabella.

Branca, com a pele clara como algodão ao sol da manhã e cabelos claros e lisos como a sombra da noite. Trazia nos olhos um brilho de quem já entendia a força da mãe.

Na mesma época, Joaquim e Rute inauguraram a tão sonhada farmácia. Em dois anos, o negócio prosperou e se tornou uma das farmácias mais vendidas de Planaltina.

Mas com o sucesso, vieram os excessos. Joaquim nunca soube lidar com muito dinheiro. Não tinha controle e a vaidade cresceu. Começou a beber demais, passou a trair Rute com

outras mulheres. Chegava sempre embriagado, cheirando a álcool e desprezo. Aquilo a destruía por dentro, mas Rute sempre continuou com ele, pois não queria que sua filha não tivesse pai ou se sentisse abandonada como ela se sentiu.

QUANDO O CORPO DIZ BASTA E A ALMA GRITA

Um dia, Joaquim, como sempre, saiu pra beber.

Rute ficou em casa e já nem perguntava mais a que horas voltaria.

Sabia que viria fedendo a álcool, cuspingo mágoa, procurando um motivo pra descontar a própria frustração.

Era assim.

Sempre foi.

E ela, cansada, seguia como quem vive num barco furado, tirando a água com as mãos, fingindo que ainda dá pra não afundar.

A casa estava silenciosa.

O ventilador fazia um barulho seco no quarto, e a luz amarelada da cozinha desenhava a solidão nas paredes.

Isabela dormia com o rosto calmo, sem saber que a paz era frágil, feita de silêncio forçado.

Rute olhou pela janela e se perguntou, pela centésima vez, se aquilo era vida.

Se era isso que Deus queria pra ela.

Se alguém algum dia veria nela mais do que uma mulher forte — porque ser forte machucava.

Quando Joaquim chegou, a porta não foi batida, foi espancada.

Como se fosse ela.

Como se o mundo estivesse gritando no lugar dele.

— Tu acha que pode mandar em mim agora, é? — ele disse, tropeçando no próprio veneno.

Rute sentiu o estômago embrulhar.

Não era medo.

Era nojo.

Dele. Dela mesma. Da rotina. Da vida.

De ter aceitado tanto.

— Joaquim, por favor... — disse baixo, não por fraqueza, mas por vergonha de ter que repetir aquilo outra vez.

Ele se aproximou.

Os olhos injetados, a voz arrastada, o cheiro de bebida queimando o ar.

E antes mesmo que ela terminasse a frase, o tapa veio.

Estalou no rosto como se o tempo todo gritasse: “Tu não vale nada.”

Mas dessa vez, alguma coisa dentro dela quebrou.

Não era o rosto, mas o que ainda restava de submissão.

Ela levantou a cabeça devagar.

O olho ardeu, mas o peito ardeu mais.

— Bata de novo — ela disse, com os dentes cerrados, o corpo tremendo. — mas veja se eu fico calada.

Joaquim recuou meio segundo, surpreso, antes de avançar.

Tentou segurar o braço dela, mas Rute reagiu como um animal acuado — um chute, um empurrão, as unhas rasgando o peito dele.

Não era defesa.

Era desespero.

Era um pedido de socorro feito com o corpo.

Eles caíram sobre a mesa, depois no chão.

Ela chorava e gritava ao mesmo tempo, com uma dor que vinha do útero, do osso, da memória.

E pela primeira vez, ele viu:

Ela não era mais a mulher de antes.

Era outra, era a que sobreviveu.

Quando tudo parou, o chão estava molhado de suor, lágrimas e restos de tudo que já foi amor — se é que algum dia foi.

Rute ficou sentada, encostada na parede, com o rosto inchado, a respiração rasgando o peito.

E pensou:

“É isso que eu sou? Uma mulher que espera o outro mudar enquanto apanha?”

“É isso que Isabela vai ver?”

“É assim que eu vou morrer?”

E ali, entre os cacos de si mesma, ela entendeu:

ninguém viria salvá-la.

Ou ela levantava...ou afundaria de vez.

E então, com o rosto ainda ardendo, ela ficou de pé.

Não porque tinha forças.

Mas porque precisava viver. Nem que fosse só por ela e pela filha dela.

Mesmo que doesse mesmo que machucasse, mesmo que perfurasse sua alma profundamente mesmo que a quebrasse como copo caindo no chão, ela continuou com Joaquim por muito e bastante tempo. Não por amor, por medo, e sim porque tinha esperança de que tudo poderia melhorar para que sua filha tivesse um pai, mas também estava disposta a protegê-la de tudo se caso acontecesse algo de ruim.

A FEBRE QUE TREMEU O MUNDO

A madrugada ainda nem tinha se levantado, mas Rute já estava de pé.

O corpo doía da faxina do dia anterior, os pés ardendo, a cabeça zonga — mas nada disso importava agora.

Porque Isabella ardia.

O corpinho pequeno tremia de febre, os olhos pesados piscavam devagar, e os lábios, secos, murmuravam um choro fraco, diferente.

Não era uma gripe qualquer.

Era uma febre funda, funda como a angústia que subia pelo peito de Rute feito maré violenta.

— Fica comigo, meu amor... mamãe tá aqui, tá?

Ela tentou medir a temperatura com o termômetro velho da gaveta.

39.6.

Tentou banho morno, tentou compressa, tentou dipirona.

Mas a febre não cedia.

Isabella já não reagia como antes.

O olhar estava longe. A pele fria nos pés, quente na testa.

Uma espécie de descompasso entre o corpo e o tempo.

E foi aí que Rute não pensou duas vezes.

Enrolou a filha num cobertor, pegou o cartão do SUS, a carteira velha, o celular sem crédito, e saiu correndo.

Na rua, o mundo dormia.

Mas o medo dela gritava.

Caminhou com pressa, quase correndo, sentindo os olhos embaçados com o vento e as lágrimas que ela ainda tentava segurar.

O céu estava sem cor, sem lua, e o chão parecia mais longo do que nunca.

No peito, uma oração muda.

“Deus, não leve minha filha, leve a febre, leve o que for, mas deixa ela aqui.”

Ela sabia que não podia pagar por um hospital bom.

Sabia que o público podia demorar.

Mas o que ela não sabia era que, além da febre da filha, teria que enfrentar o fogo do preconceito mais uma vez.

Porque ser mãe preta com filha branca era, para muitos, impossível.

Inaceitável.

E naquela noite, o que doía não era só o corpo quente da filha.

Era a frieza do mundo.

Rute chegou ao hospital, entrou e esperou pela médica

A médica surgiu com o jaleco limpo demais e a paciência curta demais.

Nem olhou nos olhos de Rute.

Foi direto na menina, que suava em silêncio, com a pele pálida e quente.

— Quantos anos? — perguntou.

— Dois — respondeu Rute, com a voz embargada. — Tá com febre desde a madrugada. Já dei dipirona, banho, compressa. Nada resolve. Tá mole, quieta... Não é o normal dela.

A médica tocou na testa da criança, abriu a boca dela à força com a espátula fria, e franziu a testa.

— A senhora trouxe certidão de nascimento?

— Tá aqui — disse Rute, entregando o papel com a mão trêmula.

A médica pegou, olhou, depois ergueu os olhos.

Longos segundos.

Como se algo não fizesse sentido.

— A senhora é a... mãe?

Rute já sabia onde aquilo ia dar.

Mas ouviu mesmo assim.

O coração virou uma pedra quente no peito.

— Sou.

— Hum...

A médica olhou de novo pra menina — branca, cabelos dourados, bochecha rosada mesmo com febre — e depois voltou o olhar desconfiado pra Rute — pele negra, cabelo preso às pressas, olheiras profundas de quem vive resistindo.

— Desculpa... é que ela não parece com a senhora.

A frase veio como uma faca sem pressa.

Rute respirou fundo.

Tentou engolir o orgulho, o cansaço, a humilhação.

Mas a garganta já estava cheia.

- Não parece comigo porque o mundo não entende que amor não tem cor, porque quando uma mulher preta segura uma criança branca, ninguém pensa ser a mãe.

Pensa em babá.

A médica ficou em silêncio.

Seco. Incômodo. Cortante.

- Olhe bem pra mim — continuou Rute, com os olhos cheios.

- Eu pari essa menina.

Sozinha, com dor e medo.

A pele dela pode não ser igual à minha, mas a alma veio inteira do meu ventre.

Ela nasceu do meu sangue.

Ela mamou no meu peito.

Ela chorou no meu colo e adormeceu com o som da minha voz.

A médica abriu a boca, sem saber o que dizer.

- Você quer prova? — Rute puxou discretamente a lateral da blusa. — Veja isso aqui, aqui que ela mamou por dois anos.

Você quer que eu grite mais alto ou que eu sangre na sua frente pra você acreditar que eu sou mãe?

A médica baixou os olhos, desconcertada.

- Eu... me desculpe. Não foi a intenção ofender...

- Mas ofendeu.

O saguão estava em silêncio.

As outras mães fingiam que não ouviam.

Mas ouviam.

Rute sentou de novo, com Isabella nos braços, suada, leve, com a febre ainda acesa.

E sussurrou:

- Eu não vim aqui pra ser questionada. Eu vim pra salvar a vida da minha filha.

Porque naquele momento, ela entendeu:

Ser mãe, pra ela, era ter que provar todos os dias que ama — enquanto o mundo duvida.

O médico entrou depois, checkou a garganta da menina, escutou o pulmão, passou o diagnóstico rápido: infecção viral.

Prescreveu antitérmico, repouso, compressa e observação.

- Vai passar. Ela só precisa descansar.

Rute agradeceu em silêncio.

Nem era gratidão.

Era um alívio disfarçado.

Pegou Isabella nos braços com cuidado, assinou os papéis e saiu caminhando devagar, como quem carrega um tesouro que o mundo insiste em duvidar que é seu.

Na volta pra casa, o sol já começava a arranhar o céu.

As ruas ainda estavam vazias.

Os postes apagados.



E o peito dela... aceso.

Cada passo era um peso diferente:

O medo de perder a filha.

A raiva da médica.

A dor de ter que provar amor.

A lembrança de todas as vezes que calou.

Chegou, destrancou o portão devagar, entrou com os pés firmes no chão de cimento.

A casa ainda estava escura.

O silêncio quebrado só pelo respirar quente de Isabella no colo.

No quarto, ajeitou o lençol, passou um pano úmido na testa da filha, deu o remédio no conta-gotas.

Isabella, mesmo fraca, sorriu antes de dormir.

Rute encostou a testa na dela, com os olhos fechados.

— Descanse, meu amor. Mamãe tá aqui.

Esperou o sono da filha firmar.

Depois se sentou na beira da cama.

As mãos no colo.

O olhar perdido na parede.

E então, tudo que segurou o dia inteiro, caiu.

Mas não em lágrimas.

Caiu em pensamento.



Por que sempre assim?
Por que tudo precisa ser mais difícil?
Por que ela tem que se justificar pra amar? Pra existir?
Por que até o colo dela precisa de carimbo?
Lembrou da médica.
Do olhar seco.
Da dúvida no rosto dela.
Como se eu fosse uma estranha.
Como se meu peito não tivesse rachado.
Como se meu corpo não tivesse aberto em dois pra
ela nascer.
Como se não fosse minha voz que acalma. Meu cheiro
que embala.
Como se amor tivesse cor, e eu estivesse na errada.
Rute ficou ali, muda, encarando o teto.
O mundo inteiro dentro do peito.
Um mundo que nunca lhe deu trégua.
Mas ela nunca pediu.
Só queria paz.
Só queria poder ser mãe —
sem ser duvidada.
Suspirou fundo.

Deitou ao lado da filha.

Passou o braço por cima dela devagar, como quem protege da vida.

Fechou os olhos.

Ainda sentia o gosto da humilhação na garganta.

Mas, ao mesmo tempo, o calor do corpo da filha grudado no seu.

E ali, entre o cansaço e a coragem,

ela adormeceu.

Não em paz.

Mas em vigília.

Porque até dormindo, mãe não dorme de verdade.

Só descansa os olhos —

enquanto o coração continua acordado.

O VAZIO QUE GERA VIDA

Joaquim seguia botando culpa em tudo e Rute e falava que se ele traia ela, era por culpa dela, ele repetiu isso tantas vezes que ela chegou a acreditar e se questionar, mas depois de um tempo decidiu que não era mais isso que ela queria para a vida dela. Aos 25 anos, Rute pôs fim ao casamento. Precisava proteger a si mesma e sua filha.

Mas, perto dos seus 26 anos, teve uma recaída. Em um momento de fragilidade, entregou-se a Joaquim mais uma vez

— e logo depois, descobriu estar grávida novamente. Quando contou, ele duvidou: disse que a filha não era dele.

No dia 31 de julho de 1999, nasceu Antonella.

Negra, com a pele quente como barro úmido e cabelos castanhos, macios e fortes como raízes.

Tinha o rosto de Rute, o olhar firme.

Veio ao mundo como herança da força materna, filha da solidão, mas também da esperança.

Rute seguiu sendo mãe solo. Era difícil, mas suas filhas eram sua maior motivação. O que a fazia levantar todos os dias não era o dinheiro — era o amor que sentia por elas.

Quando Isabella tinha 4 anos e Antonella pouco mais de 1, Rute foi a uma festa. Tinha 27 anos e lá conheceu José Carlos, um rapaz de 23 anos. Assim que o viu, sentiu algo inexplicável: um arrepio no corpo. Um pensamento insistente: “Esse homem vai fazer parte da minha vida.”

Trocaram olhares a noite toda, como se já se conhecessem de outro tempo.

José Carlos trabalhava numa banca de revista onde vendia bijuterias e brincos. Começaram a se conhecer melhor, e pouco tempo depois, namoraram. Rute fez 28, ele 24. Ficaram juntos por quase dois anos, foi um amor leve. José era afetuoso, sincero e dava a Rute algo raro: tranquilidade.

Mas a vida, como sempre, preparava outra reviravolta.

Com medo de perder o controle do dinheiro, Joaquim vendeu a farmácia sem consultar Rute. Queria evitar que ela tivesse algum direito. Deu um golpe, ela ficou sem nada.

A dor foi tanta que Rute passou a dormir com o coração apertado.

Numa dessas noites, sonhou com a cidade onde sua mãe vivia: Luís Eduardo Magalhães, na Bahia.

Acordou com a certeza de que precisava recomeçar.

Já mantinha contato com Rosa, sua mãe, e decidiu mandar suas filhas para a casa da avó enquanto organizava sua mudança. Pouco tempo depois, descobriu que estava grávida de José Carlos — seu terceiro filho.

Contou a ele. José ficou imensamente feliz, pulou de alegria, pois era seu primeiro filho.

Mas Rute estava magoada, porque precisava de uma nova vida, uma nova chance de ser inteira.

Então, grávida e quando seu filho tinha 7 meses na barriga, partiu sem dizer nada.

Foi morar em cima da cidade, no silêncio da Bahia, com o ventre cheio de amor — e o coração, mais uma vez, partido.

RAÍZES DE UMA NOVA LUTA

Rute deixou para trás o pequeno apartamento onde haviam dividido sonhos e silêncios, as roupas penduradas, o cheiro de uma vida que já não lhe pertencia. Partiu para Luís Eduardo Magalhães, na Bahia, uma terra distante onde podia tentar recomeçar.

Ao atender o telefone, a voz dele veio cheia de surpresa e preocupação:

— Rute? Onde você está?

Ela respirou fundo, tentando conter o nó na garganta.

— Zé, eu estou em Luís Eduardo Magalhães.

O silêncio do outro lado foi pesado, até que ele disse, sem esconder o susto:

— Por que não me avisou que ia viajar? Achei que fosse passear.

Rute engoliu o choro e respondeu firme, como se dissesse um mantra para si mesma:

— Zé, eu não vim para passear. Eu me mudei.

Ele a voz embargada, quase sem acreditar:

— Como assim, sem me consultar? É nosso filho, Rute!

Ela fechou os olhos, sentindo o peso da decisão se tornar um abismo entre eles.

— Desculpe, mas essa luta é minha, não sua e você sabe que jamais te machucaria numa luta.

Com um suspiro dolorido, ela desligou o telefone na cara dele.

Agora, morava de favor na casa de sua mãe, Rosa, e do padraсто. A casa simples exalava o cheiro de comida caseira e passado, mas para Rute, cada olhar silencioso, cada palavra não dita, fazia-a sentir-se um peso, uma intrusa naquele novo lar temporário.

Sem emprego, sem planos definidos, o medo e a esperança dançavam uma dança amarga dentro dela. A barriga começava a despontar, um lembrete vivo de que, apesar de tudo, a vida insistia em seguir — e que ela teria que encontrar forças para enfrentar o que viesse, mesmo sozinha.

Um mês depois José Carlos se mudou para Luís Eduardo Magalhães e foi morar com Rute e disse que os dois lutariam juntos.

CINCO CORAÇÕES, UM MILAGRE

Rute deu à luz seu primeiro filho, João Vítor, no dia 24 de agosto de 2003. O quarto do hospital cheirava a álcool e esperança. José Carlos, com as mãos trêmulas, segurava o filho como se segurasse o próprio coração.

Pouco tempo depois da recuperação, Rute voltou à batalha. Conseguiu um emprego em uma farmácia e lá ficou por três anos. O cansaço não a impedia — era mãe, esposa, e agora também uma mulher com um plano. Com o pouco que guardou, abriu uma pequena loja de roupas.

A rotina era intensa: manhãs na farmácia, tardes na loja, noites novamente na farmácia. José Carlos trabalhava como almoxarife. Eles mal se viam, mas dividiam o mesmo sonho: dar o melhor para João Vítor. Alugaram uma casinha simples. Não tinha luxo, mas tinha paz.

João Vítor, aos quatro anos, corria pelos cômodos como se o mundo fosse só dele. E mesmo sem nunca ter dito em voz alta, José Carlos carregava um desejo escondido no peito:



queria ter uma filha. Guardava isso só pra si, como quem protege um segredo antigo.

Até que um dia, um pastor foi até a casa deles para orar com a família. A oração fluía calma, até que, de repente, o pastor interrompeu, abriu os olhos e disse:

— Você vai ter outra filha.

Rute arregalou os olhos, confusa:

— Deus me livre! Já tenho três!

O pastor apenas sorriu:

— Não é por causa de você, é por causa do homem. Ele sonha em ter uma filha e Deus vai realizar o sonho dele.

José Carlos abaixou a cabeça e chorou. Rute, desconcertada, olhou para ele:

— É verdade? Você quer uma filha?

— Quero — respondeu ele, firme, como se estivesse se confessando para si mesmo pela primeira vez.

Tempo depois, Rute descobriu que estava grávida e era uma menina.

A barriga crescia rápido, e as escadas da casa começaram a incomodar. Decidiram mudar de endereço e transferir a loja para perto da nova casa.

No dia 30 de abril de 2009, Estella nasceu. Tinha a pele clara, os lábios rosados, os cabelos escuros e era linda. Quando Rute a segurou pela primeira vez, algo dentro dela silenciou. Um tipo de amor diferente nasceu junto. José Carlos chorou de felicidade e passou horas olhando para sua filha, pois o seu sonho foi realizado.

Estella cresceu como criança sensível e observadora. Com apenas dois anos, demonstrava um sentimento difícil de ver em alguém tão pequeno: solidão. Queria uma companheira. As irmãs mais velhas não queriam mais brincar e João Vítor já estava em outra fase.

Um dia, Rute sentiu-se mal, achando ser estresse, mas o exame confirmou: estava grávida de novo. Com seis meses de gestação, entrou em desespero.

Com pressa, fez o enxoval do zero. Com oito meses de gestação, mudaram-se novamente, havia mais espaço e menos degraus. Uma semana depois, a bolsa rompeu.

No dia 12 de agosto de 2011, nasceu Ariella, morena com a pele cor de paçoca, cabelos escuros como a noite. Era pequena, delicada, e ao mesmo tempo forte.

Estella finalmente tinha sua parceira e José Carlos, orgulhoso, realizou outro sonho: comprou seu primeiro carro e começou a trabalhar junto com Rute na loja de roupas.

A vida, enfim, parecia respirar.

Quem diria? Rute — aquela mulher que ouviu de médicos que não poderia engravidar, fez tratamentos, chorou em silêncio — agora era mãe de cinco.

ONDE NUNCA FOI AMADA, PLANTOU AMOR

Finalmente, tudo parecia entrar nos eixos para Rute. Depois de tantos tropeços e vazios, ela enfim encontrou alguém que a amava de verdade. Casou-se, construiu um lar,

e pela primeira vez, sentiu que tinha uma vida com raiz, chão e nome. A estabilidade financeira, ainda recente, começava a florescer com força.

Sua loja, antes pequena e modesta, cresceu. Tornou-se um espaço cheio de luz, clientes e esperança, quase como um reflexo de si mesma, renascendo.

Isabella e Antonella nutriam um carinho imenso pela avó Rosa. E Rute, embora carregasse lembranças dolorosas da própria infância, não se opunha a esse afeto. Deixava que as filhas amassem, afinal, a dor dela não precisava ser a delas.

Rute nunca viu Rosa como uma pessoa ruim. Apenas uma mulher que falhou em ser mãe. Toda vez que a mãe a abraçava, porém, um incômodo silencioso percorria seu corpo, como se seus ossos reconhecessem uma ausência que o tempo não conseguia apagar.

As filhas, no entanto, viam nos avós alegria e afeto, e por mais que doesse, Rute respeitava isso. A avó era presente e gentil, Rosa, com elas, parecia outra pessoa. Talvez por não ter a obrigação de educar, talvez por não carregar a culpa.

Rute seguiu com sua vida. Trabalhava com afinco, movida por uma ambição que não era egoísta, era ancestral. Queria dar aos filhos tudo o que ela não teve, não por orgulho, mas por amor. Escolheu a paz com os pais, não porque tudo estava perdoado, mas porque entendeu que repetir o passado seria uma nova forma de abandono e ela havia jurado nunca ser esse tipo de mãe.

Rute sabia que nunca teria o amor de rosa, como querer o máximo de alguém que só tem o mínimo, como querer calor com quem sempre havia frieza, como colher flores onde só havia seca? Então, Rute decidiu romper o ciclo, quis ser a mãe

que ela sempre desejou. A mãe que via, que ouvia, a mãe que sonhou em ter, mas nunca teve.

Ser mãe, para Rute, não era um destino, era um sonho.

ENTRE SONHOS E PESADELOS

Rute passou anos mergulhada no trabalho. O tempo corria, e ela seguia firme, construindo sua vida com o cuidado de quem molda o próprio destino com as mãos.

Em um almoço de domingo, em 2016, a casa estava cheia. Risos, conversas soltas, o cheiro de comida espalhado pela cozinha. A mesa farta, a família reunida, quando o telefone tocou.

“Rute, o seu pai morreu.”

A voz do outro lado parecia distante, quase irreal, o padraço, aquele homem que, na infância, ela tantas vezes desejou que desaparecesse. Pensou que, quando esse dia chegasse, sentiria alívio, mas não. Nada mudou, a não ser uma tristeza abafada no peito.

Rosa, sua mãe, ficou devastada. Viúva. Calada. Fechou-se em si como quem desliga as luzes de dentro. Nunca mais quis saber de ninguém e a solidão passou a ser sua companhia constante.

Em 2020, Rute viu uma placa simples à beira da estrada: “Vende-se esta chácara”. Aquilo acendeu uma faísca e curiosa, ligou para saber mais. Chamou José Carlos e os filhos para irem juntos visitar o lugar. Era um pedaço de terra crua, com

quase nada além do chão batido, um fio de água e um buraco profundo no meio do terreno.

Estella, sua quarta filha, encantou-se. Ela amava água, sonhava com rios, piscinas e lagos e seus olhos brilhavam. “Compre, mãe. A gente pode fazer algo lindo aqui.”

Outros da família, quando souberam, zombaram:

“Você tá doida? Esse buraco aí?”

“Nem vale a pena.”

Rute ficou em dúvida. Valeria a pena? Seria perda de tempo? Estella insistiu, falava da chácara todos os dias, como se fosse um paraíso escondido. Aos poucos, Rute decidiu lutar por aquilo. Guardava o dinheiro em um cofre, trabalhando duro, juntando centavo por centavo com José Carlos.

Até que um dia abriu o cofre... e o que encontrou foi menos do que deveria haver, tinha sido roubada e não sabia por quem. O baque veio como uma facada silenciosa. Pensou em desistir e chorou, mas depois enxugou o rosto, fechando o cofre vazio, e recomeçou.

Meses depois, com muito suor, finalmente comprou a chácara. Era o começo de um novo sonho.

Mas veio 2020 e com ele, o vírus.

COVID-19.

As escolas fecharam. As ruas silenciaram. As lojas, também. A renda da família despencou, a construção da chácara parou. Máscaras, álcool em gel, medo, tudo virou rotina.

Quando voltaram a trabalhar, os clientes não podiam provar roupas. O contato era evitado. A desconfiança estava no ar. E o vírus... continuava.

Em 2021, a dor bateu na porta de Rute novamente.

Rosa estava com COVID.

Ela queria tanto que a mãe visse a chácara, visse a conquista. Queria, mesmo em silêncio, mostrar que venceu. Que sobreviveu.

Rosa foi internada. Os médicos ligaram: “Ela vai ficar bem.”

Rute respirou aliviada.

Estava perto do aniversário de Estela de 12 anos. A festa era dia 30 de abril mas foi marcada para 1º de maio.

Até que chegou o dia da festa de Estella havia um bolo lindo cor de rosa, convidados sorrindo, todos estavam alegres a festa estava repleta de balões e músicas animada e contagiante tudo parecia ir bem, até que...ligaram para Rute.

Rute atendeu.

A resposta veio em forma de lágrima.

Ela caiu em prantos. A sala encheu-se de parentes, alguns chorando, outros sem entender. A avó havia partido, Rosa morreu de COVID.

A festa virou luto. Estela não chorou pela festa arruinada — chorou por ver sua mãe desabar. Nunca tinha visto Rute tão frágil, tão machucada, tão sem chão e sentiu o peso de não poder consolar, o pior de tudo é que não houve enterro, pois ninguém poderia chegar perto de uma pessoa que morria por esse vírus, pô isso não houve enterro digno.

Todos se lamentavam:

Por que os médicos disseram que ela ficaria bem?

Por que essa doença ainda não acabou?

Por que tantas pessoas estavam morrendo?

Rute se recolheu em silêncio. Chorava pela mãe que nunca foi sua. Pela reconciliação que não aconteceu. Pelo amor que nunca sentiu de verdade.

Ela queria dizer a Rosa:

“Mesmo com tudo... eu tentei.”

Mas agora era tarde.

Ainda assim, Rute escolheu continuar. Não por força, mas por amor. Decidiu proteger seus filhos com mais firmeza. Lavar as mãos, usar máscaras, evitar aglomerações, tudo fazia parte do cuidado, mesmo quando o mundo parecia girar no escuro.

Em 2022, o vírus ainda estava por aí, mas a vida, mesmo ferida, também continuava.

Rute e José Carlos trabalharam muito e conquistaram o que parecia impossível: abriram uma segunda loja. Celebraram com alegria, mesmo contida. Afinal, eram dois sonhos se construindo — o da loja... e o da chácara.

A DOR QUE FICA ONDE NINGUÉM VÊ

Rute e José Carlos seguiam trabalhando com a alma no peso das mãos. Ela ainda não havia superado a ausência dos pais, mas aprendera a viver com o espaço vazio que eles deixaram, como quem anda descalça sobre vidro, sem reclamar da dor.

Em silêncio, comprou um novo lote. Não sabia ainda o que faria com ele, mas era como plantar um sonho embrulhado para o futuro. Um pedaço de chão que dizia: “ainda acredito”.

Sua chácara, que muitos diziam ser só um buraco no meio do nada, começava a tomar forma. Aos poucos, com suor, amor e paciência, foi se transformando num refúgio de verdade. Era 2022, e embora a pandemia ainda deixasse cicatrizes na rotina, os filhos voltaram às aulas. O retorno foi difícil — depois de tanto tempo com ensino remoto, a aprendizagem era uma estrada esburacada.

Mesmo com tudo por fazer, a família ia para a chácara quase todos os fins de semana. Lá havia terra, vento, céu aberto e esperança.

Em 2023, o coronavírus finalmente parecia ter se esgotado. O mundo voltava a respirar. Com isso, a construção da chácara acelerou, e a vida financeira de Rute também fluía melhor.

Mas, como sempre, a vida esperava uma brecha de paz para então ferir.

Desde que Rosa morreu, seu irmão Dadá parecia apagado. Um sorriso que antes era sol, agora era sombra. A depressão tomou conta, ele adoeceu.

Ao mesmo tempo, Antonella, sua filha, havia realizado o sonho de colocar próteses de silicone. Estava em recuperação, e Rute dividia seu tempo entre cuidar da filha pós-cirurgia e planejar a viagem para visitar Dadá no hospital.

Ela partiu logo que pôde. Encontrou o irmão fraco, esvaído de cor, com o olhar perdido num lugar onde ninguém mais alcançava. Rute chorou, como se as lágrimas tentassem limpar a culpa de não ter chegado antes.

Dadá foi seu irmão de infância, de risos e confidências. Seu companheiro de quintal, de traquinagens, de silêncio. Estar ali, vendo-o assim, era como assistir uma parte de si mesma murchar.

No hospital, Juju, sua outra irmã — explodiu. Gritava, acusava Rute de ser irresponsável, dizia que ela não tinha vindo antes por egoísmo, por descaso. Mas Rute sabia: cuidava da filha, trabalhava, fazia o possível com o tempo que tinha.

Naquele corredor branco e cheio de ecos, Juju despejava sua fúria como quem buscava alguém para culpar. Rute sentiu o coração acelerar, a raiva subir como fogo, quis avançar, revistar, se defender, mas algo dentro dela segurou.

Era como se uma muralha invisível a impedisse de ultrapassar a linha da violência.

Ela era outra agora.

Daquele dia em diante, o elo entre as duas se partiu. Não com gritos, mas com um silêncio que pesa mais que qualquer palavra.

Poucos dias depois, Dadá faleceu.

A dor foi brutal. Rute sentiu algo que não tinha nome.

Era maior que a dor do abuso.

Maior que o abandono.

Maior que a morte do padrasto.

Maior que a falta de amor da mãe.

Era um buraco fundo no peito. Um grito que não saía. Um nó que não se desatava.

Ela chorou até não ter mais voz.

Desejou ir junto.

Quis que tudo fosse diferente.

Por que ele?

Por que não pediu ajuda?

Por que escondeu tanto?

No velório, Juju ainda lançava olhares provocativos, mas Rute não revidou. Estava despedaçada demais para se importar com futilidades. Seu irmão tinha partido, e com ele, uma parte de sua própria história.

Depois do enterro, foi até a casa de Dada. Quase tudo já havia sido levado. Restava o vazio — e um pequeno enfeite de galo prateado, símbolo do que ele mais amava: a roça, os rios, o simples.

Rute levou aquele galo com carinho. Era tudo o que precisava levar.

Na casa, também havia uma cadela: Suzi. Pequena, silenciosa, que já foi de sua mãe Rosa e passou para Dadá, mas agora estava só.

Rute levou Suzi para casa. Sua família sempre teve amor pelos animais, e a presença da cadela era uma forma de manter viva uma parte dos que já se foram.

Na segunda semana, Suzi fugiu e todos se mobilizaram. Encontraram-na, mas o susto se transformou em algo pior: a cadela estava com câncer de mama.

Rute, mesmo em meio à dor, trabalhou incansavelmente para pagar o tratamento. Fez a cirurgia, gastou mais do

que podia, mas salvou a vida da cadelinha. Suzi, já mais calma, logo se tornaria amiga da outra cadela da casa, Lina.

E assim, em silêncio, Rute seguia vivendo.

TUDO O QUE O DINHEIRO NÃO COMPRA

O tempo, com sua delicada e silenciosa dança, enfim trouxe a colheita para quem tanto semeou em meio à dor.

Em 2024, Rute realizou mais um de seus tantos sonhos: comprou um lote em um dos bairros mais bonitos e desejados da cidade. A mulher que antes apenas sonhava entre lágrimas, agora via o concreto e o tijolo erguerem seus próprios castelos de paz. No final daquele mesmo ano, a vida lhe sorriu outra vez: veio a terceira loja, fruto de esforço, noites em claro, e uma fé que nunca se permitiu apagar.

E agora, em 2025, o que se vê é uma mulher realizada. Rute tem uma vida financeira estável, seus negócios crescem com raízes firmes, e sua chácara — enfim concluída se tornou um refúgio encantado, onde a beleza não está apenas nas flores que crescem, mas no silêncio que abraça, na brisa que acaricia e no amor que ali mora.

Mas nenhuma dessas vitórias — nem lojas, nem terra, nem estabilidade — se comparam ao que pulsa em seu peito com mais orgulho e verdade: seus filhos.

Isabella, agora casada, leva consigo a doçura e a força da mãe. Antonella se prepara para conquistar as estradas, tirando a carteira de motorista com olhos sonhadores. João Vítor empreende com coragem e espírito visionário, carregando nas



atitudes o reflexo do exemplo que teve. Estella e Ariella, ainda jovens, são duas estrelas que brilham nos estudos e ajudam os pais com um amor que não se ensina — se vive.

Cada um deles carrega um pedaço da alma de Rute. São a extensão de tudo que ela não pôde ser quando criança, o reflexo do que ela sonhou quando tudo parecia impossível. E é com eles — e por eles — que ela segue.

Ao lado do homem que a ama e a respeita como ela merece, Rute enfim encontrou o que buscava desde o início: não apenas estabilidade, mas paz. Não apenas progresso, mas sentido, acima de tudo, amor.

E Rute que sempre se questionou percebeu — O mundo castiga os bons porque dos ruins já não há mais nada a perder. Ela venceu. Não porque tivesse bens, mas porque não perdeu a ternura, mesmo quando a vida a endureceu. Venceu porque transformou a ausência em força, e o abandono em acolhimento. Venceu porque escolheu continuar, mesmo quando tudo dizia para parar.

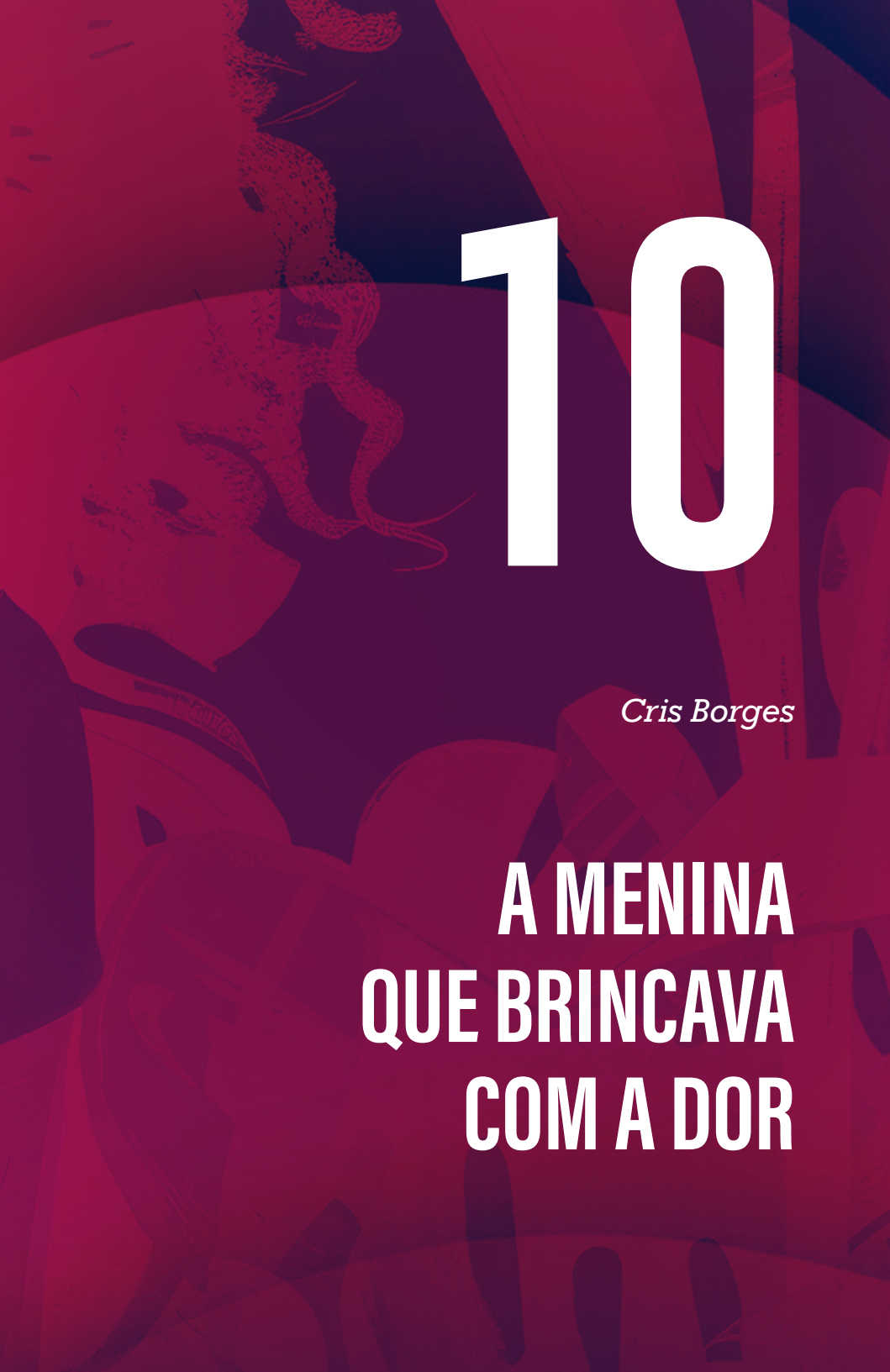
E assim, depois de uma longa estrada feita de pedras, lágrimas, silêncios e recomeços, Rute olha para tudo o que construiu e entende, com o coração sereno, porque no fim, a verdadeira riqueza não se guarda no banco — se guarda no colo, no tempo, no exemplo, no afeto.

“Ela precisou primeiro sobreviver para depois aprender a viver, precisou chorar para um dia conseguir sorrir... e entendeu que, às vezes, é perdendo que se ganha, e que nem toda dor vem para destruir — algumas vêm para nos reconstruir, e ela não venceu porque teve forças o tempo todo, mas porque mesmo fraca, nunca deixou de seguir. Resistir foi o que a salvou

— e o amor, o que a transformou.”

INSURGÊNCIAS CONVIDADAS

Aqui, insurgências se multiplicam. Vozes convidadas que atravessam e ampliam a força de nossas escrevivências — mulher e homens que, ainda que tenham nascido em outros lugares, fincaram raízes, vivem e trabalham em Luís Eduardo Magalhães, cidade onde este projeto nasceu.



10

Cris Borges

A MENINA QUE BRINCAVA COM A DOR

A CARTA DE AURORA ONDE A ORALIDADE É FORÇA ANCESTRAL

Salvador, 13 de maio de 1988.

Querida mãe,

Estamos todos bem por aqui, só o Rui que pegou catapora. Está todo se coçando e, às vezes, sente febre. Eu nunca havia passado por essa labuta. Dona Marta, nossa vizinha, me ensinou a dar banho nele com água morna e bicarbonato de sódio pra aliviar a coceira. A senhora sabe, a doença é contagiosa, e estou me virando pra Carolina, Verena, Isabela e Raul não ficarem doentes também. Está difícil, minha mãe, só eu pra dar conta de tudo, o pai das crianças sempre no trabalho. É isso ou é não ter comida na mesa. Com a graça de Deus, vai dar tudo certo, tenho fé. “A esperança é uma danada cheia de vida: quando parece que vai faltar o último suspiro, brota de novo entre secas e espinhos, que nem flor de mandacaru”, já dizia meu finado pai. Devagarinho, as coisas vão se ajestando.

Carol só quer saber de livro, a vida dela é corrigir o que vê pela frente. “Mainha, o pessoal que cuida do transporte coletivo de Salvador não é sabido, Suçuarana e Maçaranduba se escrevem com cedilha”. Apesar de não entender, acho tão bonito! Se não fosse ela, não dava pra mandar notícias. Verena está aprendendo as primeiras letras; os outros ainda não têm idade pra escola. Estevão só vive ocupado e não me deixa aprender a ler e a escrever, fica dizendo que mulher tem que cuidar da casa, mas só não estudo porque não tenho tempo. Deixa meus filhos crescerem um pouquinho que



pego o rumo do colégio. Imagine, minha mãe... eu conseguindo entender a faixa do ônibus pra ver os padrinhos de Verena no Parque São Cristóvão? Na semana passada, com vergonha de pedir ajuda às pessoas, peguei o ônibus pela cor e fui parar em Lauro de Freitas. Fiquei tão nervosa. Chorei de ódio e desespero.

Por falar em Carol, ela anda triste. Pediu pra não contar a ninguém o que aconteceu, mas preciso lhe dizer. Os colegas da escola falaram que o cabelo dela é tão duro que nem piolho quer se achegar. “Menino gosta de brincadeira, Carol, não se importe com besteira.” “Mainha, seu Mariano já é homem velho e também zomba do meu cabelo”. “Minha filha, tem gente que só cresce por fora.” Tem sido esta nossa prosa. O jeito é alisar, minha mãe, assim a perturbação se acaba; não tenho tempo pra tanta lida.

Meus irmãos estão bem? E a senhora, já melhorou da gripe? O filho de Dona Amélia já saiu da cadeia? A gente não pode nem mais andar na rua com dinheiro no bolso que é acusado de ladrão. Como pode, minha mãe, um rapaz que vimos crescer, tão trabalhador, tomar um monte de cacetada e ser preso só porque ia ao banco depositar o salário do mês? É muita injustiça.

Mãe, estou morrendo de saudades. Não sei quando terei condições de lhe visitar. A lonjura é tão grande! A vida segue boa, com as dificuldades de sempre. As meninas não dão muito trabalho; o mesmo não posso dizer dos meninos. Raul e Rui são terríveis, vivem aprontando. Outro dia, pregaram uma peça, depois te conto. Estão muito sapecados.

Abraços da sua filha,
Aurora.



AS CAROLINAS ENTRE TONS DE AMARELO

Carolina não conseguiu conter a emoção ao encontrar, entre as lembranças deixadas por sua avó dentro de uma caixa de sapato, a carta que lhe escrevera naquele 13 de maio de 1988. Tinha apenas doze anos e era a única da família, além de seu pai, a conhecer o sentido das palavras. Um tempo em que a espera por notícias — que se transportavam dentro de um envelope branco sem data certa para chegar — provocava invariavelmente um sentimento coletivo de frenesi. Trinta anos se passaram desde aquela quarta-feira em que Dona Aurora ditara para Carolina — ponte entre dois mundos — o cotidiano difícil que enfrentava com bravura; porém, a memória da filha revisitou apenas a confusão causada pela troca dos adjetivos e se pôs a desmanchar-se em gargalhadas. Embora dispendiosa, a ligação interurbana atendia à urgência da ocasião.

— Alô! Aurora?

— Sim, mãe. O que houve pra fazer a senhora gastar dinheiro com telefone? Valha-me, minha Nossa Senhora, é notícia ruim?

— Você quem vai me dizer. Raul e Rui sofreram queimaduras?

— Não. Por quê?

— É o que diz a última carta.

A explicação de Aurora extraiu risadas incontinentes do outro lado da linha, que se misturavam às de Carolina diante da reminiscência.

Havia uma mangueira no quintal da casa onde Carolina viveu sua infância. De tão grande e frondosa, os galhos alcançavam a laje, servindo de apoio para a peraltice. Ela e seus irmãos subiam na árvore em busca de uma manga amarelinha (valia também arrancar antes de amadurecer só para comer com sal). “Manga com leite mata” — diziam os mais velhos —, mas a prole desafiava a sabedoria ancestral, ansiosa por provar o azedume da morte. Ninguém morreu; no entanto, Carolina experimentava o gosto de morrer um pouco toda vez que as palavras ácidas encontravam abrigo em sua mente: “cabelo tão duro que nem piolho quer se achar.” Nas palavras, também encontrou morada, e as devorava com sofreguidão para se sentir menos morta. Respirava. Fechava os olhos. Tentava pausar, desligar o botão, para que a vontade de engolir o mundo de uma vez passasse logo e voltasse ao estado normal de engolir o mundo devagar. No passo, ritmo e fado.

Escrever cartas e cartões de Natal transcendia a brincadeira infantil: era um movimento, ainda que inconsciente, de cura. Seus poemas, na fase adulta, tornaram-se símbolo de resistência.

Se eu fosse escolher uma fruta pra simbolizar minha vida, com certeza seria uma manga madura e succulenta. Oh, bicha gostosa! A manga é aquele tipo de fruta que a gente vê e dá vontade de comer com casca e tudo. Comer, chupar, chupar, chupar, se lambuzando e se perdendo na lambança a ponto de não saber mais o que é boca, polpa, suco, fiapo, saliva e desejo. Aí vem o caroço que, de tão bom, a gente custa a jogar fora. Vai lambendo, sugando com força os resquícios doces até o amarelo ceder lugar a uma cor de luz parca. E, finalmente ao ser descartado, não se faz de vencido: mesmo

quando cai em terra não muito boa, encontra um jeito de germinar, crescer, florescer, frutificar, se doar — começando tudo outra vez.

Carolina é o caroço que germina, a força que insiste em brotar entre secas e espinhos, que nem a flor de mandacaru. Contudo, a consciência despontou como uma luz auroral no instante em que seu amarelo cruzou o amarelo de Carolina Maria de Jesus. Depois disso, Carolina nunca mais foi a mesma: passou a florescer e a frutificar igual à mangueira do seu quintal.

“Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi tudo normalizou-se aos meus olhos. A comida no estômago é como o combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei a andar mais depressa. Eu tinha impressão que deslizava no espaço. Comecei a sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer?”

Carolina não parava de pensar na vida dura da Carolina que escrevia o mundo com fome. Demorou a se reconciliar com o gosto da carne que tanto apreciava, pois o trecho do diário, em que Orlando Lopes mata o porco que Carolina Maria engordara, lhe atormentou por anos. Doía-lhe imaginar Carolina Maria deixando o sangue correr no intuito de aproveitá-lo para fazer chouriço; a criançada invadindo o quintal carecido de amarelo vibrante e entupido de amarelo minguaado; as mulheres querendo um pedaço do animal; uns reivindicando as tripas, e Carolina Maria, com medo, levando o toucinho para dentro da casa e firmando as tábuas podres do barraco. Uma luta diária contra a fome

que assolava a Favela do Canindé. Entretanto, foi após a leitura da página 64 que a carta de Aurora passou a ganhar sentido e significado.

“Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais educado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto, onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco? É só dar um movimento na cabeça que ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existem reencarnações, eu quero voltar sempre preta.”

MENSAGEIRA DE MIM ROMPENDO AS TRANCAS

Houve um tempo em que eu engoli tanto sapo na vida, que minha barriga não roncava: coaxava. Eles mexiam dentro de mim, me machucavam assustadoramente. Eram sapos de vários tamanhos, cada um com sua história, enfiado goela abaixo, a contragosto, sem gosto e tempero algum.

- Você passou em qual curso?
- Medicina Veterinária.
- E você?
- Direito.
- Não vou nem lhe perguntar, pois você não parece que fez vestibular. Disse-me, despuddorada, a coordenadora.

Recolhi-me desértica, reticente... e me enfiiei entre as vergonhas, desconhecidas por aquela mulher, que se acumulavam

na minha mente. Aconteceu em 1998, num retiro espiritual. Culpa minha. Quem mandou eu inventar de fazer parte de um grupo de elite da igreja? Pensei.

Mais um sapo descia, frio e áspero, se juntando aos outros. Eu ainda não sabia, mas aquela sensação de sufocamento ia me acompanhar por anos.

Fui ao Shopping Iguatemi comprar um presente bacana, numa loja bacana, para uma pessoa que nem era tão bacana assim. Não me atenderam, apesar de eu ter dinheiro para a aquisição. Um novo sapo, gordo e pesado, desceu me arranhando.

Parei de alisar o cabelo no dia em que olhei para aquela fotografia com afeto. Vi beleza nos meus fios e, pela primeira vez, quis me achegar a eles. Essa decisão, todavia, me deixou um caroço entalado na garganta em tantas situações! Nas entrevistas de emprego, eu revivia a ingestão da manga com leite — à espera de uma morte que não vinha — para aliviar a angústia de ver as portas fechadas diante de mim. Então, decidi que era hora de romper as trancas.

Inscribi-me para o concurso de Agente de Correios — Carteiro, no Oeste baiano. Passei. Mudei-me com José, meu filho, e Mauro, meu marido. As experiências iniciais correram sem incidentes, eu era acolhida por onde passava. As cartas, há muito, já não eram mais realidade. O afã pelas notícias deu lugar à inquietação pelas caixas da Amazon, Shopee, Mercado Livre e outras marketplaces.

Havia algo de desconcertante naquele senhor branco, de cabelos rareados e olhos azuis. Comecei a entregar encomendas na sua empresa. O olhar de soslaio e o muxoxo —

como quem mastiga uma manga azeda — destoavam do ar polido e do janotismo ensaiado. Ele me via, mas não me enxergava; ouvia minha voz, mas não me escutava; não me recebia — muito menos me acolhia. Eu deixava as mercadorias com a recepcionista, que se encolhia de constrangimento diante da vileza do patrão.

Até que um dia aconteceu. A recepcionista faltou, os demais funcionários estavam em trabalhos externos, e apenas o senhor branco com seu olhar de esguelha e expressão contraída numa careta, permanecia na empresa.

— Bom dia! Não me respondeu.

— Entrega para o senhor.

Ele fez um gesto seco com a cabeça coberta de cãs, indicando o balcão como suporte. No instante em que fui acomodar a mercadoria, desequilibrei-me e a caixa caiu no chão. Apanhei-a rapidamente e tentei lhe entregar em mãos; recusou-se, entretanto.

Este sapo-cururu — enorme, verrugoso, com glândulas de veneno latejando — eu não engoli.

— Chega! De súbito, ofereci meu grito, contrariando o antigo (nem sempre eficaz) ditado popular.

— Qual é o seu problema, meu senhor? Por que tanta malquerença?

Com um esgar de indignação, ele me enxergou e me escutou pela primeira vez. Ficamos a nos encarar, imóveis. Ele, com seus olhos azuis desbotados, idênticos a uma manga peca; eu, densa, tal qual a mangueira do meu quintal.

O porco de Carolina Maria de Jesus o presente bacana da loja bacana para uma pessoa que nem era tão bacana assim seu Mariano o filho de Dona Amélia na cela as cartas o abismo intelectual da minha mãe “cabelo tão duro que nem piolho quer se achegar” os famélicos da Favela do Canindé a coordenadora dos jovens o senhor branco diante de mim as portas trancadas — minha história girava, sôfrega e embaralhada, na minha cabeça.

Peguei a caixa, aproximei-me do senhor branco e a apoiei em suas mãos — com o vigor de um caroço teimoso que não desiste de brotar mesmo em terra hostil — enquanto apregoava:

— Tem gente que só cresce por fora.

Senti-me consertando o mundo, como nas vezes em que corrigia a grafia das palavras.

Saí daquele lugar impassível e nunca mais voltei.

Pouco a pouco, fui assumindo o controle da situação e, finalmente, consegui silenciá-los. Hoje não engulo mais sapos — eu os mastigo sem dó. Como cada pedacinho de seus corpos com vontade, saboreando copiosas sensações gustativas. Claro que antes coloco um pouco de sal só para vê-los pular e sofrer loucamente. Eles não me incomodam mais.

Às vezes, a dor volta com o peso de um caroço esquecido no quintal; noutras, capitula logo na minha primeira investida de força. Não sou santa. Dela, eu debocho de quando em quando (não sem antes fazer a reparação histórica: o ajuste adjetival).

Não era uma bola
nem uma boneca

mas tinha mania
de brincar com ela

parecia
algo
sapecta

doideira
da
cachola

a brincadeira dela

nada de bola
tampouco boneca

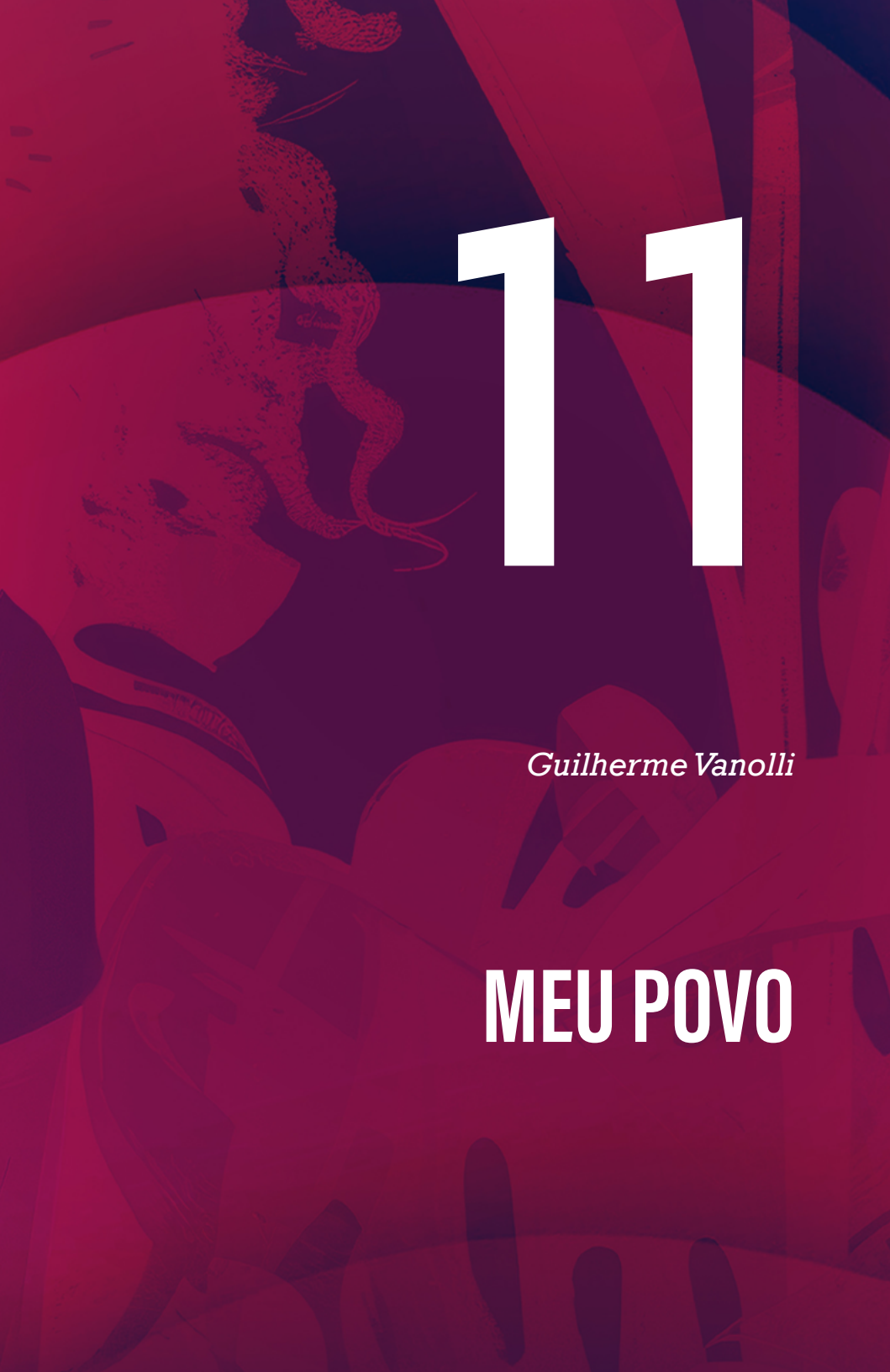
apenas uma cachola
que tinha mania

de brincar
com ela

doideira dela

é algo?
é mania?
parecia
algomania

mas é só brincadeira
da menina
sapecta



11

Guilherme Vanolli

MEU POVO

I

Sim, sim, o clima no velório tava comovente, eu vi, uma tristeza sem tamanho, um rapaz tão novo, tinha virado pai há pouco tempo. A mãe, coitada, não parava de chorar, e o pai, coitado, incrédulo, observava tudo calado. Menos a viúva. Sim, eu vi a cara dela, não tava nada boa, claro, tava desolada, claro, mas aqueles óculos escuros não escondiam só o choro não, não mesmo, dava pra ver um pedaço da mancha no olho direito. E eu ouvi ela falando que o colete incomodava. Sim, um daqueles que se usa pra ajeitar a coluna, tava usando porque ele empurrou ela e ela bateu as costas em um armário. Pois é, sim, quem imaginava, né? Parece que tiveram uma briga feia uns dias atrás e ele partiu pra cima dela. Não parecia não, menina, eles estavam sempre felizes por aí, só foto junto sorrindo e curtindo a vida, curtindo a neném que fez um aninho agora, não dá pra imaginar uma coisa dessa. Sim, eu sei, não vira santo só porque morreu, mas é triste demais, fico sentida demais com essas coisas. Um casal novo passar por isso, e a sogra agora perdeu o filho, né, não é o certo da vida a mãe enterrar um filho, mas deus sabe de todas as coisas, né, e pelo menos tem a netinha agora pra cuidar e suprir um pouco desse vazio. Uma tragédia dessas. Meu deus, que tristeza. O que vai ser dessa família daqui pra frente? Tá bom, fia, vai lá, eu vou ali no mercado comprar umas coisinhas, depois a gente fala mais.

II

Até hoje lembro da primeira foto que vi dos dois juntos. Ele a segurava no colo em um desses clubes aquáticos que

quase toda cidade tem. Estavam tão felizes. Nunca o vi tão sorridente. Naquele instante, faziam apenas um mês de conhecidos. Ele trabalhava com caminhão, conheceu ela em um posto quando parou pra tomar café na lanchonete. Não teve dúvidas assim que a avistou. Trocaram olhares e depois o número de celular. Na mesma semana voltou lá na cidade dela, esqueci o nome, mas era bem no interior, foi até a casa da moça e conversou com a futura sogra. Em dois meses ele buscou ela e as malas. A terra fértil do oeste era próspera, ainda mais pro ramo de trabalho dele. Ela teria oportunidade de achar um emprego melhor, estudar e até ajudar a família.

Não demoraram a oficializar a união e em um ano de nova cidade, podiam referir um ao outro como esposa e marido. Já tinham casa própria, financiada, mas era deles, e as mobílias compraram aos poucos. Ela arrumou trabalho em um supermercado do bairro, desses de família, menores, e logo ganhou a confiança da chefe. Além do caixa, passou a cuidar das contas, finanças, obrigações e até ajudava em decisões particulares da patroa. Muitas obrigações para um salário razoável, não o bastante para sustentar a casa, mas ajudava como complemento. Também entrou na faculdade, no curso de letras. Quando avisou a mãe, lá do outro lado do país, os parentes festejaram por um final de semana inteiro. Era a primeira da família a ter essa chance. Queria ser professora. No mesmo pique, ele aproveitava cada carga disponível. Levava soja, voltava com adubo, emendava um milho ali, voltava com calcário lá pra baixo, subia com gesso, e nesse ritmo o bolso encheu, na mesma medida que o tempo pareceu passar dez anos. Perdeu cabelo e ganhou rugas, mas o esforço era válido. Sua família estava dando certo e o futuro era promissor. Para abrilhantar ainda mais o que vinha acontecendo, a cegonha bateu à porta. Uma menina. Sim, estava esperando há dois meses. Sim, fez um exame desses de farmácia e deu positivo.

Ainda guardo a mensagem de parabéns que o enviei. Pareceu mais feliz do que no dia da foto.

Aos poucos, a terra deixou de ser tão fértil. O trabalho diminuiu e ele precisou ir mais longe atrás de carga. Menos viagens no mês e a consequência foi o dinheiro diminuir. Se antes passava todo final de semana em casa, quinze dias viraram o normal, depois três semanas e dependendo da época, mais de um mês longe. Para dar conta do rojão da estrada furiosa, a coca entrou na jogada, além das pílulas e cafeína. Longe de casa e a mente corrompida, logo os pensamentos errados e as amizades ruins apareceram com mais frequência. Se antes era só um teco pra aguentar a madrugada, logo percebeu que um durante o dia também fazia efeito, porque chegava mais rápido nos destinos. Com a mente cada vez mais ativada, o vício agravou, até que a dependência virou rotina.

A neném estava prestes a completar ano quando a situação apertou. Contas antes pagas dias adiantadas, agora atrasavam aos montes. Se antes não discutiam, agora também vieram as desconfiças. Por que gastou o dinheiro todo? Por que está faltando? Tá me traindo? Onde você estava ontem à noite? Por que tudo você joga pra cima de mim? Não grita comigo na frente da nossa filha. Em uma tarde, a agressão não foi mais da boca para fora e tudo desmoronou.

III

Ela descobriu por acaso, enquanto arrumava umas coisas dele no caminhão. Uma trouxinha com um pó branco. Ao questioná-lo, foi ignorada. Ao insistir, primeiro um chega pra lá, não é nada, sai de perto de mim. Um empurrão com o braço e ela foi de costas ao armário da cozinha, alinhando a coluna

à quina do móvel. Sem ar e incrédula, não pôde mais segurar a frustração e o choro desceu feito uma cascata. Cheirado, ele agiu feito um animal. Um soco na porta do quarto e a bebê começou a chorar. A mãe, desesperada, agora gritava por medo. Ele não a deixou ir de encontro à filha no quarto. Um cruzado acertou seu rosto no lado direito, jogando-a ao chão. Estava vermelho, possesso de raiva. Endemoniado, foi o que uma vizinha crente falou quando o viu sair de casa e sumir através da nuvem de poeira na rua sem asfalto.

Não apareceu para jantar na noite anterior. Na festa de um ano da filha, na tarde seguinte, apareceu apenas no início da comemoração, sem nenhum convidado presente. Tirou fotos com a pequena, registrando momentos que jamais se repetiriam. O peso da vergonha chegou ao limite. Discreto, pediu um táxi e foi para casa. Não demorou em pegar as roupas, colocá-las na mala de qualquer jeito e levá-las para o caminhão. Uma vizinha curiosa perguntou se já tava indo, e a festa, e os bichos, e etc., mas a resposta foi curta. Preciso descarregar. Deu partida no caminhão, esperou o ar, acendeu os faróis e saiu. Na estrada, observava pelo retrovisor o pôr do sol do cerrado. Apesar de toda desgraça, a vida continuava. Tinha trabalho a cumprir e seu destino era longe.

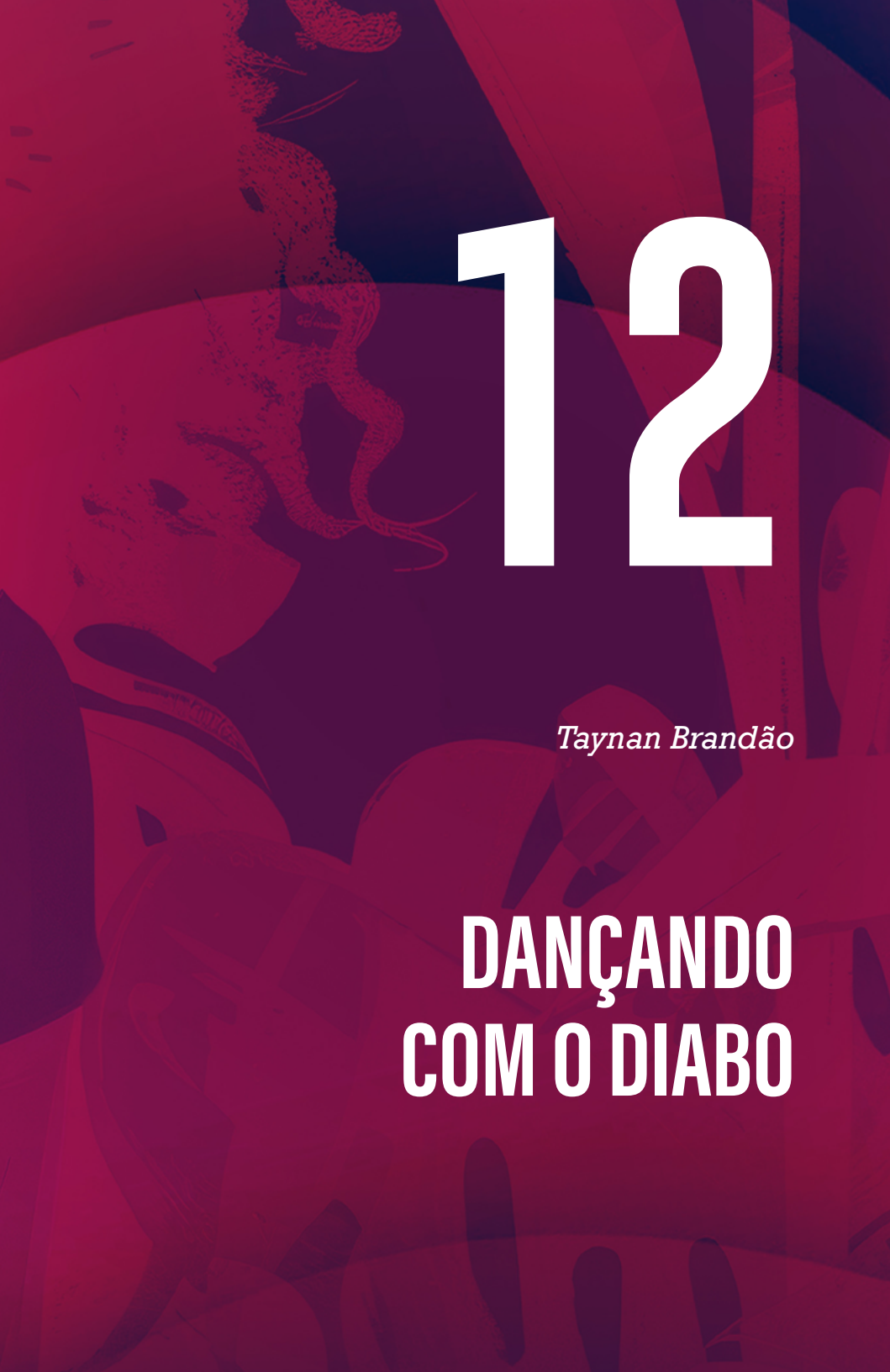
No meio da madrugada, o rebite e a farinha já no corpo e na mente, a quilômetros de casa, conversava sozinho, feito Sméagol e Góllum.

— Meu povo, meu povo... que saudade do meu povo.

...

— Foda-se essa merda toda.

E jogou o caminhão na ribanceira ao lado.



12

Taynan Brandão

DANÇANDO COM O DIABO

Quando nasci naquela manhã de outubro, o céu era de um azul sem nuvens, típico da primavera. Minha mãe já sentia as dores desde a tarde do dia anterior, e minha avó e as vizinhas se aglomeravam em torno dela com chás, panos úmidos e muitas orações à Nossa Senhora do Bom Parto. Gritei ao mundo no dia 3, após esgotar as forças de minha genitora e a paciência de meu pai, com o sol atravessando a casa 1 do signo de libra — coisa que me faria ter uma presença forte diante da vida e dos outros de acordo com a astrologia, mas que nunca realmente fui devido à minha timidez extrema e falta de confiança construída desde tenra infância. “Deve ser o ascendente”, me disse uma de minhas irmãs quando éramos adolescentes e vidrados em tentar entender o mundo por outro viés que não fosse o real.

Era franzino, recusei o peito aos três meses, o que obrigou meu pai a comprar uma cabra que ele ordenhava todas as manhãs a fim de me dar leite. Porém, rejeitei-o igualmente. Minha avó pacientemente fazia papinhas de farinha com açúcar que ajudaram a me alimentar durante um tempo, enquanto meu pai praguejava a sorte de ter tido um filho doente. Doença era a palavra mais utilizada sempre que não se compreendia muito alguma coisa nas paragens de onde eu vinha.

- Ele é saudável, Balbino. Só não pegou o peito, normal — argumentava minha avó.
- Nunca vi novilho meu enjeitar peito de mãe — contestava meu pai, contrariado.
- Bicho é bicho, gente é gente — finalizava minha avó, como se não quisesse encompridar a conversa.

Nos anos que se passaram, minha avó era meu abrigo, refúgio e porto seguro. Estava sempre entre as pernas dela,

e a ajudava em todas as funções. Tinha verdadeira adoração por aquela mulher de rosto sulcado e mãos calosas de unhas grandes. Meu pai via aquilo como um problema. Achava que eu era muito mimado por ela, e minha mãe, alheia aos tantos afazeres e aos outros filhos, pouco se importava. Caminhava pela vida como quem caminha numa estrada sem olhar para a paisagem, definhando a olhos vistos, até o dia em que caiu de cama e nunca mais se levantou.

Inconscientemente, meu pai me culpava — afinal, foi depois que eu nasci que ele a perdeu. Associar minha chegada à partida da esposa era muito mais fácil para uma mente rígida e cruel. A partir daí, ficou ainda mais calado, ensimesmado, bruto. Qualquer desvio, pequeno que seja, meu ou de minhas irmãs, descarregava em cintadas fortes, que nos deixavam de cama e febris. A cada dia que passava, porém, descobrimos formas de desviar daquele ódio, buscando compreender como aquele homem que não nos deixava faltar nada e nos tratava por vezes como príncipes e princesas era também capaz de se converter em nosso pior algoz.

Com o passar dos anos, meus irmãos e irmãs maiores foram se unindo em casamento às moças e moços da região, seja porque uma embuchou — naqueles tempos, mulher grávida e sem marido era sinônimo de destruição de reputações e desgraça — seja porque haviam feito uma promessa de se casar numa noite de São João, ou apenas por tentativa de se ver bem longe daquela casa que se convertia ano após ano em nossa prisão. Casar, mesmo que com um desconhecido, mesmo que não se amasse, se juntar por conveniência, era uma libertação. Assemelhava-se a cumprir sentença de um crime e ir para longe das chaves do carcereiro. Ao final de alguns anos, sobraram somente minha avó, já bem idosa;

meu pai, cada vez mais bêbado e intransigente; e eu, recém-ingresso na adolescência.

Nossa casa, antes a maior daquele povoado, foi perdendo pouco a pouco o brilho de outrora pela falta de zelo e de cuidado dos moradores. Lembro de, criança, vê-la tão brilhante após nos juntarmos próximo ao Natal para caiar as paredes, envernizar as portas, consertar as madeiras podres do curral e telar o galinheiro com os arames novinhos comprados na cidade. Hoje, o branco deu lugar às cinzas que sujam as paredes da cozinha próxima do fogão à lenha e parecem reverberar por todos os cômodos, envoltos numa nuvem de fumaça e silêncio.

Meu pai continuava a me surrar sempre que achava necessário, e encontrava motivos dia sim, dia não, para fazê-lo. Num dia em que lhe respondi quase de igual por ele ter insinuado que eu estava virando um maricas, naquele meu andar manso e delicado, ficou tão colérico por eu ter levantado a voz que me laçou como um dos porcos que cuidava para os outros. Amarrando-me no beiral do que sobrou do galinheiro, pôs uma colher quente em minha boca.

— Isso é pra que você não queira crescer a crista pra seu pai nunca mais e para que aprenda a ser macho que nem eu.

Urrei como um animal em sofrimento. Minha avó, tateando no escuro das vistas tomadas pela catarata, me encontrou chorando baixinho onde meu carrasco havia me deixado. Habilmente, me desamarrou e me abraçou como se entendesse, sem ouvir palavra alguma, aquilo que acontecia. A partir daquele dia, mesmo que não tivesse perdido a fala pela ferida que me dilacerou a língua e a boca, fiquei mudo para meu pai e para o mundo, até o dia em que precisei gritar as injustiças da

vida a plenos pulmões e praguejar ao deus que dizem viver no alto céu e nos olha de lá com desdém e sarcasmo.

Minha avó se foi, desceu à mansão dos mortos, numa manhã chuvosa em que, levantando-se cedo para alimentar as galinhas no terreiro, caiu antes de que o primeiro milho saísse do saco fechado. Encontramos o corpo horas mais tarde, estatelado entre o saco bulido pelas galinhas e uma cerca arriada que meu pai prometera arrumar há alguns meses.

— Infarto fulminante — disse o médico — Bom que ela não sofreu.

O que sabia aquele médico sobre sofrer? Metido na roupa tão alva como a casa que tínhamos outrora, tão viva e alegre, certamente desconhecia o sofrer dessa gente ocre e cinza que se acostumou com o descaso e a crueldade da vida.

Enterramos vó Tiana no dia seguinte, depois das rezas das vizinhas e da cachaçada vexatória de meu pai.

— Temos que beber a velha! Ela foi, a gente tá aqui. E eu agora, além de viúvo, sou órfão. Que grande merda isso — disse no enterro, sem respeitar o padre e as senhoras amigas da morta.

Voltamos em silêncio pela estrada de terra que dava do cemitério à nossa casa. Meu pai fedia a cachaça e suor. Eu olhava para o nada, lamentava em silêncio minha triste vida presa à daquele homem que me espezinhava sempre que podia. Não pude em vida ser quem eu quis. Não calcei as sapatilhas de balé que via as bailarinas usando nos concertos assistidos escondido na televisão, não volitei com graciosidade durante um espetáculo, não experimentei o primeiro beijo de alguém que amasse, sentindo o roçar dos lábios e das línguas

numa dança encaixada, pouco ensaiada, mas muito ansiada. Não consegui fugir pelo casamento porque naquelas épocas não me era permitido casar com quem meu coração batesse forte. Era preciso fingir, fingir alegria, masculinidade, contentamento. E eu era ótimo em fingir. Sonhava em ser bailarino, mas era excelente ator.

Depois que jantamos naquela noite, lavei a louça, retirei a pouca lenha que tinha no fogão da cozinha, e a reservei para usar no dia seguinte para aquecer a água do banho e fazer o café. Retirei-me para o quarto para tentar dormir. Meu pai havia saído e não me disse para onde. Devia ter ido ao bar da cidade, encher ainda mais a cara e sair com as prostitutas que, por dinheiro, aceitavam se deitar com ele. No meio da noite, acordei com gritos de maluco ao fundo e um forte cheiro de fumaça. A casa pegava fogo, as labaredas consumiam as finas cortinas, o puído sofá da sala, a toalha da mesa e tudo o mais que conseguiam alcançar. Corri para a porta do fundo e não conseguia abri-la, sentia em minhas mãos que estava fechada por fora. Foi então que tentei subir na parede baixa que separava os quartos da casa e, de pé, sem muito jeito, empurrei as telhas na intenção de fugir daquele incêndio pelo telhado. Abri apenas um espaço entre um dos caibros e uma ripa velha, que cedeu com minha força.

Avistei uma estrela, duas, três, o céu limpo me mostrava uma lua crescente sorrindo para mim, enquanto as chamas se consumiam a meus pés. Não havia mais tempo. Então parei de lutar. Sorri de volta para a lua, e o barulho das chamas que crepitavam ao redor soavam “Clair de Lune”, de Debussy, num som estrondoso. Fechei os olhos e dancei ao som daquela música, voltei e girei sob meus calcanhares, me equilibrando sobre a ponta de meus dedos. Não tive medo do fogo, já tinha vivido infernos maiores.

Jornal do Crato, 13 de julho de 1936

Incêndio de grandes proporções mata duas pessoas no interior do Crato. Um dos corpos carbonizados foi encontrado em um dos cômodos da casa numa posição inusitada, com os braços acima da cabeça e as pernas cruzadas, semelhante à oitava posição do balé clássico. A segunda vítima, aparentemente fora da casa, trazia no corpo queimaduras intensas, mas o rosto, curiosamente intacto, tinha um ar de espanto e medo, algo que tem intrigado a população local, que se nega a comentar o assunto.

A polícia ainda investiga o caso.

APOIO FINANCEIRO

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA

SECRETARIA
DE CULTURA

POLÍTICA NACIONAL
PNAB
ALDIR BLANC

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

WWW.PIMENTACULTURAL.COM

Letras Insurgentes – Volume 1 é uma coletânea de contos produzidos no âmbito de oficinas de escrita criativa, reunindo vozes jovens e diversas do oeste da Bahia. A obra traz narrativas que abordam temas de identidade, gênero, raça, memória e resistência cultural, refletindo a potência da palavra como instrumento de transformação. Mais que literatura, o livro é espaço de afirmação e insurgência coletiva.

 **peripécia**